

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação de Mestrado

**LITERATURA SURDA: O QUE SINALIZAM PROFESSORES SURDOS
SOBRE LIVROS DIGITAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS**

Fabiano Souto Rosa

Pelotas – Rio Grande do Sul

2011

FABIANO SOUTO ROSA

**LITERATURA SURDA: O QUE SINALIZAM PROFESSORES SURDOS
SOBRE LIVROS DIGITAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/PPGE/UFPEL) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente.

Orientadora: Dra. Madalena Klein

Tradutora-intérprete Libras/Português: Cristiane Lima Terra

Pelotas – Rio Grande do Sul

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R788l Rosa, Fabiano Souto
Literatura surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros
digitais em Língua Brasileira de Sinais - Libras / Fabiano Souto
Rosa. Pelotas, 2011.
160 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de
Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2011. “Orientação:
Madalena Klein.”

1. Educação . 2. Literatura surda. 3. Livros digitais em Libras. 4.
Educação de surdos. I.Título.

Catalogação na Fonte: Aline Herbrith Batista CRB 10/ 1737

TERMO APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Área de Educação, defendida e aprovada, em 18 de abril de 2011, pela banca examinadora constituída por:

Madalena Klein

Profa. Dra. Madalena Klein

Orientadora – PPGE/UFPel

Lodenir Becker Karnopp

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

PPGEdu/UFRGS

Tatiana Bolivar Ledebef

Profa. Dra. Tatiana Bolivar Ledebef

CEAD/UFPel

Álvaro Luiz Moreira Hypolito

Prof. Dr. Álvaro Luiz Moreira Hypolito

PPGE/UFPEL

A Deus, pais e familiares pelo apoio
e incentivo em todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é puro afeto. Uma multidão-matilha perpassa as entrelinhas desta escrita-experimento. Não se trata de agradecer, como apregoa os ditames formais da academia, mas de pincelar sentidos, movimentos, vibrações de intensidades, paixões e instituições, os *bons encontros*, que a tornaram possível. Neste sentido, remeto-me a alguns, em especial.

A Deus por amparar-me nos momentos difíceis, conceder-me força interior para superar as dificuldades, mostrar o caminho nas horas incertas e suprir-me em todas as minhas necessidades.

Não posso deixar de agradecer a minha família, meu pai José, minha mãe Cordélia, aos irmãos Magda, Soyana, Nelson e José; aos cunhados Paulo, Heraldo e Erika; aos sobrinhos Beatriz Clara, Paulina e Letícia, a qual amo muito pelo carinho, paciência e incentivo. Eles compreendem que moro no Sul para concluir o mestrado, porém meu coração ainda é de nordestino.

À minha família do coração - Antônio, Fátima, Francielle, Antonielle, Fábio - pela atenção e carinho.

À minha orientadora e amiga, Prof^a. Dra. Madalena Klein, por acreditar em mim, mostrando o caminho da educação dos surdos. Ela faz parte da minha vida nos momentos bons e ruins, por ser exemplo de profissional e também por lutar na área da surdez, a qual sempre fará parte da minha trajetória.

À interprete e amiga Cristiane Terra, que fez parte desses momentos, sempre auxiliando-me e incentivando-me, além de acompanhar toda a construção da dissertação.

Aos ex-intérpretes de Libras, Larissa, Luciara e Daniel, os quais acompanhavam-me na sala de aula e interpretavam a minha própria língua.

Aos meus colegas de trabalho do CEAD da UFPel, por receberem-me de forma afetuosa, auxiliando e participando deste trabalho.

Aos meus amigos surdos, ouvintes, intérpretes de Libras, especialmente Juliana Sanches, Maitê Maus da Silva e Cristiane Lima Terra,

membros da comunidade surda gaúcha, os quais sempre estiveram ao meu lado, dando força e apoio.

Aos meus amigos nordestinos que compreenderam a minha ausência e a necessidade de mudar-me para o Sul em função dos estudos.

A todos os colegas e professores da Faculdade de Educação, que, com todo carinho, participaram com ideias para a minha pesquisa, agradeço pelo convívio e aprendizado.

Resumo

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura Surda: O que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** 2011. 159f. Dissertação – Programa Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS.

Esta pesquisa pretende analisar o que professores surdos sinalizam sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Existem vários materiais disponíveis em Libras, porém meu enfoque é apenas para os livros digitais. Para tal, foram selecionadas seis histórias no formato digital, sinalizadas em Libras (dentre elas traduções, adaptações e produções) e apresentadas para seis professores surdos de diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul. Estes professores selecionados possuem formação na área de educação, foram acadêmicos do curso de Letras/Libras, e atuam como professores de Libras em diferentes níveis educacionais. Os educadores assistiram aos vídeos e sinalizaram suas impressões baseadas em perguntas que exploravam a parte técnica do vídeo, a sinalização, as marcas surdas presentes na história e a sua importância quando utilizada para a educação de crianças surdas. Para realizar esta pesquisa, baseei-me nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos, percebendo a Literatura Surda como parte da Cultura Surda e imprescindível para a aquisição de uma identidade surda. Da análise das entrevistas, surgiram diversas opiniões que apontam para um novo momento na vida dos surdos e também algumas modificações importantes quando se pensa em produzir novas histórias em Libras, contribuindo para melhoria da Literatura Surda disponível em nosso país.

Palavras-chaves: Literatura Surda, Livros Digitais em Libras e Educação de Surdos.

Abstract

ROSA, Fabiano Souto. **Deaf Literature: What deaf teachers signal about Brazilian Sign Language digital books – LIBRAS**. 2011. 159f. Dissertation – Education Postgraduation Program . University Federal of Pelotas.

This research analyzes what deaf teachers think about digital books in Brazilian Sign Language - LIBRAS. There are several materials available in LIBRAS, but my focus is only on digital books. For this, we selected six stories in digital format, signalized in LIBRAS (among them translations, adaptations and productions) and presented for six deaf teachers from different regions of Rio Grande do Sul State. These selected teachers have training in education, they were students of LIBRAS Language, and act as LIBRAS teachers in different educational levels. These Educators watched the videos and they signaled their impressions based on questions that explored the technical part of the video, signaling brands present in deaf history and its importance when used for deaf children Education. To conduct this research, I relied on Cultural Studies and Deaf Studies, realizing the Deaf Literature as part of Deaf Culture and indispensable for the acquisition of a deaf identity. From the interviews, various opinions which point to a new moment in the lives of deaf and also some major changes when they think of producing new stories in LIBRAS, contributing to improve the Deaf Literature available in our country.

Keywords: Deaf Literature, Digital books in LIBRAS, Deaf Education.

SUMÁRIO

NA MINHA JORNADA, PORQUE “PESQUEI” ESTE TEMA DE PESQUISA?	11
CAPITULO I - BASES TEÓRIAS QUE POSSIBILITAM CONTAR ESTA HISTÓRIA	16
1.1 - Estudos Culturais: contribuições deste campo para estudos de Literatura Surda.	19
1.2 - Estudos Surdos: Conectando a surdez aos espaços teóricos	21
2 - CAPÍTULO II - UMA HISTÓRIA CONSTITUÍDA: LITERATURA SURDA NO BRASIL	29
2.1 - Livros Digitais: nova tecnologia para construir as narrativas em Libras	35
2.2 - Tipos de livros digitais	41
2.2.1 - Tradução cultural na Literatura Surda	41
2.2.2 - Adaptação cultural na Literatura Surda	42
2.2.3 - Produção/criação na Literatura Surda	43
2.3 - História da Literatura Surda no Brasil	43
2.3.1 - Livros digitais	44
2.3.2 - Materiais Impressos	48
CAPITULO III - O ANDAMENTO PARA CRIAÇÃO DA HISTÓRIA.	52
3.1 - Característica dos Entrevistados	54
3.2 - Categoria de análise	58
3.3 - A rotina da pesquisa – escolha dos materiais	59
3.4 - Características das histórias: uma primeira aproximação	61
3.5 - As questões e o processo das entrevistas	62
CAPITULO IV - A HISTÓRIA TOMA FORMA	64
4.1 - Marcas Surdas	65
4.2 - Análise da categoria Técnica	72
4.3 - Importância da Literatura Surda	86
QUEM SINALIZA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO: INDICATIVOS PARA HISTÓRIAS SUBSEQUENTES	99
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA	106
ANEXOS.....	110

NA MINHA JORNADA, PORQUE “PESQUEI” ESTE TEMA DE PESQUISA?

Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional [...] (LABORIT, 1994, s/p)

Sou surdo de nascença. Convivi com minha família ouvinte, no entanto mantive muito contato com a Comunidade Surda, através da associação de surdos de Pernambuco. Este contato iniciou pelo fato de possuir uma irmã surda de nascença, a mais velha dos irmãos. Sua vida foi marcada pela falta de comunicação nos mais variados espaços, tanto na família, como na sociedade, na escola, sendo este último um dos lugares onde mais se sentiu afetada pela ausência de comunicação. Ela morava em uma cidade pequena, na qual não havia movimentos surdos. Porém, ao mudar para Recife, conheceu a Comunidade Surda e este foi o momento em que o aprendizado da sua própria língua aconteceu de forma muito rápida, acabando com a maioria das barreiras e angústias de outrora.

Já no meu caso, não precisei enfrentar tantas barreiras, pois ela me ensinou como é *Ser Surdo*¹. Eu pude construir minha identidade surda, apropriar-me da cultura surda e da língua de sinais como minha língua nativa. Participei ativamente da associação, dos movimentos e lutas que ali eram

¹ Ser Surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Viver uma experiência visual é ter a Língua de Sinais, a língua visual, pertencente a outra cultura, a cultura visual e linguística. (PERLIN, 1998, pag. 56)

realizadas. Minha experiência educacional é na inclusão, mas mesmo assim mantinha contato com os surdos, até concluir o Ensino Médio.

Fiquei muito curioso ao descobrir que no Rio Grande do Sul, na Universidade Luterana do Brasil - ULBRA - as aulas para surdos eram ministradas juntamente com a presença de um profissional intérprete da Libras. Neste momento, comecei a manter contato com esta Universidade, pois nela já havia diversos surdos estudando. Dessa forma, ingressei no curso de Pedagogia e percebi que os movimentos surdos eram muito maiores em relação aos que eu participava no meu Estado e isto proporcionava espaços muito maiores de discussão.

O conhecimento que obtive dentro dos diversos espaços e momentos que a vida acadêmica proporcionou-me foi enorme, através de, por exemplo, grupos de discussão com os colegas depois da aula. Ingressei no Núcleo de Estudos Surdos da instituição, onde comecei como voluntário nas pesquisas que o grupo estava realizando. Após um ano e meio, comecei como bolsista do PBIC - Programa Bolsista de Iniciação Científica, atuando juntamente com a Prof.^a Dr.^a Lodenir Becker Karnopp e iniciando a organização de um projeto de pesquisa sobre Literatura Surda. Com o projeto produzimos alguns livros impressos que mostravam a Literatura Surda: Cinderela Surda (2003a), e Rapunzel Surda (2003b)², Patinho Surdo (2005a) e Adão e Eva (2005b)³, todos editados pela Editora ULBRA. Esse foi um momento muito importante para o meu aprendizado sobre a Literatura Surda.

Concomitante a isso, eu atuava como professor na Escola Estadual Padre Réus, específica para surdos, como professor da disciplina de Libras, desde a educação infantil até o ensino médio, bem como ministrante do curso de Libras para a comunidade escolar. Na maior parte do tempo, eu ensinava Libras para os alunos e também informava a eles sobre a cultura surda, a contação de histórias, entre outros assuntos.

Ao graduar-me no curso de Pedagogia, percebi que eram incipientes as pesquisas sobre a Literatura Surda, principalmente sobre maneiras de produzi-la e o seu campo de abrangência. Eu havia produzido alguns livros,

² ROSA, F. S., KARNOPP, L. B. e, SILVEIRA C. H. (2003a, 2003b).

³ ROSA, F. S. e KARNOPP, L. B. (2005a, 2005b).

porém surgiram questões, como de que maneira transformá-los em material visual visto que o avanço tecnológico nos proporciona isto, não esquecendo o fato de que também seria mais acessível para os surdos? Meu foco a partir deste momento seria, então, a produção de livros digitais.

Ingressei na Universidade Federal de Santa Catarina, na especialização em Educação, no ano de 2006. Ali, através do GES⁴ – Grupo de Estudos Surdos – pude adquirir o conhecimento teórico, o qual foi a base para a minha pesquisa naquele momento, bem como da que apresento agora. Isto foi como uma marca na minha constituição como pesquisador, pois participava deste grupo juntamente com outros surdos que estavam fazendo mestrado e doutorado.

Minha pesquisa era sobre a Literatura Surda. Investiguei diversos livros digitais que já haviam sido produzidos e que eram apresentados como Literatura Surda. Ao final da pesquisa, concluí que o material pesquisado – três livros digitais, originários dos Estados Unidos, França e Brasil – consistiam em interessantes produções digitais de Literatura Surda, pois evidenciavam a cultura surda visual, que deve ser privilegiada nesse tipo de material.

Ao findar a Especialização na UFSC, senti vontade de ingressar em um Mestrado para aprofundar as questões na área da Literatura Surda. Tomei conhecimento de que na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, mais precisamente no Mestrado em Educação, havia uma professora com experiência na área da surdez, a Professora Madalena Klein. Senti uma grande abertura para participar de uma seleção diferenciada, em função de ser surdo. Este fato favoreceu minha aprovação no Mestrado em Educação da UFPEL, pois a prova foi adaptada às necessidades de minha condição. Primeiramente, realizamos a prova escrita, depois a prova foi sinalizada juntamente com o intérprete. E em todas as etapas que se seguiram tivemos a participação do intérprete da Libras também.

Ao iniciar o Mestrado, todas as disciplinas contavam com a participação do intérprete. A partir disso, posso afirmar que a inclusão na universidade está sendo feita. Já há quase dois anos que sou acadêmico e

⁴ <http://www.ges.ced.ufsc.br/>

essa presença sempre foi constante e será, até que eu complete esta etapa. Cabe destacar que a escrita da minha dissertação conta com a ajuda dos intérpretes. Transcrevo minhas ideias em Libras para o Português, mas sempre com o acompanhamento destes profissionais, na escrita de uma língua que não é a minha.

Neste momento, apresento minha pesquisa no Mestrado. Interessa-me saber como surgiu a Literatura Surda, registrada através de livros digitais aqui no Brasil, reconstituindo a história destes materiais e fornecendo uma visão panorâmica do que encontramos atualmente à disposição. Além disso, desejo saber o que alguns surdos pensam sobre os livros digitais os quais apresentei a eles. Na pesquisa realizada na especialização, analisei os elementos da cultura surda contidos ou não nestes materiais. Percebo a opinião de outros surdos como de grande relevância para a avaliação criteriosa destes livros digitais. Daí o meu interesse na presente pesquisa.

Vários materiais de multimídias em língua de sinais foram distribuídos nos últimos anos: DVD, CD e outros na internet. Entre estes materiais encontramos produções variadas de literatura surda, desde histórias traduzidas, adaptadas ou criadas por surdos ou ouvintes⁵. Muitas pessoas têm acesso a estes materiais de multimídias sinalizados. Há uma grande circulação de diversos materiais entre os surdos, suas famílias e escolas, pois estas multimídias facilitam o entendimento. Todavia, uma preocupação é de que maneira a cultura surda está evidenciada nestas produções.

Muitas crianças surdas convivem na maior parte do tempo com familiares e amigos ouvintes, faltando-lhes o conhecimento e o encontro com os seus semelhantes. A escola é um dos poucos espaços onde o surdo pode manter contato com sua cultura. Ao utilizar estes livros digitais durante suas aulas, o professor precisa estar consciente de que eles não somente contam histórias, mas evidenciam aspectos da cultura surda que irão contribuir para o conhecimento de quem aquela criança poderá ser, percebendo-se como surda e como participante de uma cultura surda também. Se estes materiais

⁵ Mais adiante, apresento as características de cada uma dessas possibilidades de produção em literatura surda.

evidenciarem esta cultura surda, mais fácil será para a construção de uma identidade surda para esta criança.

Acredito que os resultados desta pesquisa irão servir de apoio para as diversas editoras, entidades, escolas, entre outras instituições, que se propõem a organizar Literatura Surda na forma de Livros Digitais, que levarão em conta a real necessidade de evidenciar aspectos da cultura surda em seus materiais.

CAPITULO I

BASES TEÓRIAS QUE POSSIBILITAM CONTAR ESTA HISTÓRIA.

“Jeito Surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável.” PERLIN (2004, s/p)

Pouco tempo atrás, foi oficializada a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais - em nosso país, através da Lei 10.436 de 24/4/2002 e do Decreto 5.626 de 30/12/2005. Essa lei veio auxiliar o desenvolvimento das famílias, das escolas, das crianças surdas e da comunidade surda em geral. Através desta lei também conseguimos a divulgação de materiais de multimídias em língua de sinais, sendo usados como meio de informação para os surdos e como conhecimento da sua própria língua.

Diversas vezes os surdos tentaram buscar informações e conhecimentos através de livros, mas a leitura na língua escrita tornava-se difícil⁶. Agora, com as traduções para CD ou DVD em língua de sinais, o entendimento é claro. Estes materiais tornam-se mais fáceis e claros de serem entendidos devido a alguns fatores presentes neles e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais, o movimento, as expressões

⁶ A língua de sinais é a primeira língua nativa dos surdos porque é visual-espacial, utilizada para comunicação dos surdos juntamente com as expressões faciais e corporais. As línguas de sinais são produzidas fluentemente entre os surdos. A segunda língua para os surdos é a língua escrita do seu país, pois auxilia para o convívio na sociedade.

faciais e corporais, o que é facilmente absorvido pelo indivíduo surdo que o assiste.

Minha pesquisa é baseada nos Estudos Surdos e nos Estudos Culturais, o que aprofundarei em seguida. Detenho-me aqui a explicar o que é a Cultura Surda, pois acredito ser de grande importância para entendimento da Literatura Surda, que é o tema ao qual me proponho pesquisar.

O que determina a base da cultura surda é a experiência visual-espacial. Segundo Lopes; Veiga-Neto (2006, p. 90):

O olhar para o surdo muito mais do que um sentido é uma possibilidade de *ser outra coisa* e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda.

Nesta experiência viso-gestual vai constituindo-se a cultura surda que, segundo Perlin (2004), tem na língua de sinais um dos pontos mais fortes dentre uma cultura suavemente rica; ela é a língua própria dos surdos. Assim como as línguas orais utilizadas pelos ouvintes, as línguas de sinais também são fruto da cultura de cada país, por isso que ela não é universal⁷, mas respeita e surge de acordo com a cultura de cada país.

Além da língua de sinais, existem diversos elementos que participam desta cultura, como o contato com seus semelhantes através da comunidade surda, as piadas, as histórias, o teatro, a tecnologia usada como estratégias para adaptação da vida dos surdos neste mundo predominantemente ouvinte, tudo isto contribui para a construção da sua identidade.

A comunidade surda consiste no encontro entre os surdos e acontece, principalmente, nas associações de surdos, mas também nas escolas, nas

⁷ Este é um dos mitos em relação às línguas de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 33): "Mito 2 Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas. Essa concepção ainda faz parte do senso comum. As pessoas normalmente perguntam se as línguas de sinais não são universais. Há quem questione porque as línguas de sinais não são universais, como se esse fato fosse o óbvio. Pode-se contrapor tal concepção, argumentando que as mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas se aplicam à diversidade das línguas de sinais de sinais. Portanto cada país apresenta sua respectiva língua de sinais. A língua de sinais americana é diferente da língua de sinais brasileira, assim como estas diferem da língua de sinais britânica, da língua de sinais francesa."

ruas, ou seja, todo espaço em que lhe é permitido o encontro com os seus semelhantes. Este espaço é o principal local onde circula a cultura surda, onde os surdos têm a possibilidade de conviver com outros surdos, aprender sua língua, fortalecer seus laços, organizar seus movimentos e lutas e transmitir sua cultura.

O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados de constituição de identidades. Assim, o outro igual, o mesmo, é aquele que usa a mesma língua e que consegue construir possibilidades de troca efetiva e compartilhar o processo político que significa e dá sentido. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 39)

Algo constante entre as comunidades surdas é a prática de esportes e também o intercâmbio entre as associações de cidades diferentes para os campeonatos de futebol e outros esportes. Além da competição, estes momentos proporcionam a troca de experiências entre as diversas comunidades, fortalecendo os laços cada vez maiores entre o Povo Surdo. A comunidade surda também possibilita a visibilidade dos surdos, mostrando quem são ou as possibilidades de “estarem sendo surdos”.

Surdos... Um povo? Que tipos de povo seríamos nós? Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução lingüística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2008, p. 31)

O momento atual é marcado por um grande avanço tecnológico e nós, surdos, aproveitamos esta tecnologia como estratégia para conviver melhor neste mundo em igualdade de condições com os ouvintes. Alguns exemplos destas adaptações: utilizamos os celulares para envio e recebimento de mensagens de texto, a internet para comunicação através de MSN, e-mails, webcam, vídeos e diversos outros sites que servem de informação, TDD⁸ - *Telecommunications Device for the Deaf*, campanhas luminosas, alarme vibratório, babá eletrônica, máquinas fotográficas e filmadoras, entre outros.

⁸ É um sistema de comunicação telefônica digital onde os surdos podem se comunicar com outras pessoas escrevendo suas mensagens em um teclado e visualizando em uma tela as mensagens que lhe são enviadas. Acesso site: <http://www.interney.net/?p=9743658> (08.03.2010).

No contexto das produções culturais dos surdos, mais especificamente da literatura surda, minha pesquisa utiliza como base teórica os Estudos Culturais, dos quais me aproprio de discussões sobre cultura e os Estudos Surdos, no qual o enfoque é a cultura surda. A seguir, apresento algumas das contribuições desses campos teóricos, procurando contextualizar aspectos que contribuam para minha investigação.

1.1 - Estudos Culturais: contribuições deste campo para estudos de Literatura Surda.

Um dos lugares onde iniciaram as discussões sobre os Estudos Culturais foi na Inglaterra, na qual um grupo de pesquisadores passou a questionar a ideia de grupos e de pessoas que se consideravam cultas e entendiam que havia apenas uma cultura, ou seja, a sua, e que esta era superior. Essas indagações tiveram início nas décadas de 60 e 70, principalmente. Várias pessoas das antigas colônias começaram a mudar-se para a Inglaterra em busca de estudos e progresso por considerar este país um lugar de grande credibilidade. Dentre estas pessoas estavam Stuart Hall (jamaicano), Gayatri Spivak (indiano), Edward Said (palestino nascido em Jerusalém que viveu no eixo Inglaterra e Estados Unidos). Essas pessoas perceberam que a Inglaterra considerava sua cultura a única aceitável e superior às outras. Este grupo reuniu-se, então, para, através de pesquisa, provocar e divulgar o respeito pelas diversas culturas que permeavam aqueles espaços.

Os Estudos Culturais tiveram seu início como atividade intelectual na Escola de Birmingham, na Inglaterra, em 1964. Vários autores, dentre eles Stuart Hall, têm pesquisas feitas nesta área que explicam o que são os Estudos Culturais e aprofundam discussões sobre cultura e identidades.

Em 2008, ao viajar para a Inglaterra, percebi a riqueza cultural que ali existe, mas nem todas são específicas dos nativos deste país. Muito da cultura que encontrei é devido a pessoas de outros países que ali se radicaram e deram sua contribuição cultural. Apesar dessa diversidade cultural, ainda encontramos grupos que continuam considerando sua cultura como superior e

soberana. Ao chegar naquele país, vindo do Brasil, eles desconheciam que possuímos uma vasta gama cultural também, isto por pensar que são únicos e superiores culturalmente.

Os autores anteriormente citados, apesar de estarem em outro país que não o seu, respeitavam e adaptavam-se à cultura a qual estavam em contato, mas sem esquecer a sua própria. Este grupo começou a aprofundar sua pesquisa sobre cultura para torná-la a base da divulgação para as outras pessoas que necessitavam respeitar as diversas culturas. Com isto criou-se um campo teórico denominado de Estudos Culturais que, a partir deste momento, foi buscado por vários grupos de outras instituições para utilizar como meio de aprofundar suas pesquisas no campo cultural.

Os Estudos Culturais são, agora, um movimento ou uma rede: eles têm seus próprios cursos em diversas universidades, bem como seus próprios periódicos e encontros acadêmicos. Eles exercem uma grande influência sobre as disciplinas acadêmicas, especialmente sobre os Estudos Literários, a Sociologia, os Estudos Mídia e Comunicação, a Linguística e a História. (JOHNSON, 2006, p. 9)

Os Estudos Culturais deram visibilidade e legitimidade para as culturas das minorias: indígena, negros, mulheres, do campo, entre outras. Um exemplo disso é o movimento das mulheres. Historicamente, as mulheres eram submissas e os homens, os detentores da força e do poder, utilizando a cultura machista para oprimir as mulheres. Já ocorreram mudanças, quando as mulheres organizaram-se no movimento feminista que lutou e luta pelo fim desta opressão. As mulheres começaram a trabalhar e vem adquirindo à igualdade de direitos perante os homens, conquistando seu espaço na sociedade. Estes movimentos, pesquisados por diferentes autores, foram identificados como Estudos Feministas e muitos deles se aproximaram dos Estudos Culturais. Todavia, este não é um campo homogêneo, possuindo diferentes temáticas e abordagens:

Os Estudos Culturais britânicos são conhecidos por terem sido os mais influentes teoricamente e os mais engajados politicamente, focalizando a relação entre cultura e as várias formas de poder, especialmente os conflitos entre uma cultura dominante e várias subculturas. Já os Estudos Culturais norte-americanos abordaram sua temática de maneira mais eclética e menos explicitamente política, embora exista uma forte ênfase nas questões de “vieses” e “equilíbrio” em áreas como comunicação e mídia. [...] (THOMPSON, 2005, p. 16)

Thompson explica que os Estudos Culturais têm teorias que envolvem cultura, identidade, subjetividade e diversos outros assuntos. Dependendo da área de estudo, é necessário que o pesquisador escolha qual a teoria e linha que melhor contribua para o desenvolvimento da sua pesquisa.

Aprofundando meu estudo sobre esse campo teórico, percebi que há uma gama de conceitos que se relacionam muito bem com os Estudos Surdos como: alteridade, diferença, cultura e identidade. Compartilho com Perlin (2003) ao afirmar que os campos teóricos dos Estudos Culturais aproximam-se dos espaços investigativos dos Estudos Surdos. Os Estudos Culturais têm todas as características capazes de fazer um elo com os Estudos Surdos, possibilitando uma infinidade de olhares, como explica poeticamente Perlin (2003, p. 27): “cada movimentação, cada nova significação, como as ondas sobre o lago, movimentam a cultura surda”.

Existem grupos de pesquisas em diversas universidades que desenvolvem investigações sobre os surdos, sua língua, educação, comunidade sob uma perspectiva culturalista. Na seção seguinte dedico-me a apresentar este campo teórico.

1.2 - Estudos Surdos: Conectando a surdez aos espaços teóricos

Os Estudos Surdos surgiram a partir da necessidade de teorias e busca de informações que procuravam outros olhares sobre a surdez e os surdos. Na Universidade de Bristol⁹, situada na Inglaterra, existe o Centro de Estudos Surdos, no qual o foco das discussões é o estudo linguístico da língua de sinais, literatura surda, cultura surda. Na Universidade Gallaudet¹⁰ também

⁹ Bristol University/ Centre for Deaf Studies, U.K. Site: <http://www.bris.ac.uk/deaf/english/about/> acesso data 14.04.2010.

¹⁰ A **Universidade Gallaudet** (*Gallaudet University* em inglês) é a única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas surdas. Está localizada em Washington, DC, a capital dos Estados Unidos da América. É uma instituição privada, que conta com o apoio direto do Congresso desse país. A primeira língua oficial de Gallaudet é a *American Sign Language* (ASL), a língua de sinais dos Estados Unidos (o inglês é a segunda). Nessa língua comunicam-se entre si empregados, estudantes e professores e nela ditam a maioria dos cursos. Ainda que se conceda prioridade aos estudantes surdos, a universidade admite, também, um pequeno número de pessoas ouvintes a cada semestre. A estas se exige o

existe um grupo de Estudos Surdos, onde ocorrem discussões que se aproximam das realizadas em Bristol.

Os Estudos Surdos iniciam no Brasil através do NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais de Surdos, da UFRGS, em Porto Alegre, quando mestrandos e doutorandos – surdos e ouvintes – reuniram-se para discutir diversos temas, tendo como referência os Estudos Culturais. Posteriormente, o GES – Grupo de Estudos Surdos, da UFSC, em Florianópolis, reuniu surdos e ouvintes para discutir assuntos sobre vários teóricos, literatura surda, identidade surda, escrita da língua de sinais (*Sign Writing*), como ensinar o Português para surdos, índios surdos, intérprete em língua de sinais, pedagogia surda, história da cultura surda, comunidade surda e diversos outros assuntos. Todas estas discussões compõem o campo de pesquisa denominado Estudos Surdos.

Os Estudos Surdos em Educação podem ser definidos como um território de investigação educativa e de proposições políticas que, por meio de um conjunto de concepções lingüísticas culturais comunitárias e de identidades definem uma particular aproximação ao conhecimento e os discursos sobre a surdez e os surdos nesses estudos. (SKLIAR, 2000, p. 11)

Os Estudos Surdos ocorrem em diversas partes do mundo e surgiram da preocupação, compartilhada entre surdos e ouvintes, em realizar pesquisas sobre o Ser Surdo, seu desenvolvimento e características. Um dos pontos mais importantes sobre o Ser Surdo é como ele pode compartilhar com outros surdos os significados, a cultura surda, identidade surda, a língua de sinais, o povo surdo, a subjetividade surda, a literatura surda, a pedagogia surda, a história cultural surda, a arte surda, o intérprete de língua de sinais, trabalho para surdos, ou seja, transitar em sua própria cultura.

O início dos grupos de discussão sobre os Estudos Surdos é como um marco na história dos surdos. Até então não havia evidências registradas e analisadas de que os surdos eram capazes de avançar. Com os Estudos Surdos, diversas pesquisas iniciaram em várias áreas da surdez, como: educação, linguística, tradução, cultura, *Sign Writing*, história cultural. Todas essas pesquisas alavancaram o acesso dos surdos aos mais variados espaços

e também proporcionaram uma união maior entre os surdos. Destes encontros, fortaleceram-se os movimentos a favor do reconhecimento de sua língua e de sua cultura.

Com a oficialização da Libras em nosso país, em 2002, os surdos conquistaram a visibilidade e a legitimidade necessárias para ter acesso aos diversos espaços que tanto necessitavam, como educação e trabalho, entre outros. Com a Libras oficializada tornou-se mais fácil a difusão da cultura surda. Daí surge algo como Strobel (2008, p. 21) bem explica: “as pessoas se espantam e questionam com perguntas como: os surdos têm cultura? Como pode haver uma cultura surda? Será que nas festas dos surdos há músicas?” Ainda, segundo Magnani (2003)¹¹:

[...] experiência com os surdos era como o da maioria das pessoas, a de alguma vez ter visto duas pessoas conversando por meio de sinais sem prestar maior atenção – o olhar não treinado não vai além do que o senso comum registra.

As perguntas indicadas por Strobel (2008) são comuns. As pessoas sentem-se confusas quanto à cultura surda. Ao manter mais contato com a comunidade surda é que vão perceber que de fato nós construímos e compartilhamos uma cultura. Antigamente, as pessoas não possuíam conhecimento sobre estes assuntos, pois ainda não havia pesquisas na área e divulgação de materiais afim na sociedade em geral.

Uma questão que se coloca: como podemos definir cultura? Será possível ter uma definição única? Autores dos Estudos Culturais procuram discutir essas diferentes possibilidades. Alguns deles nos trazem um estudo etimológico da palavra, ajudando-nos a entender porque ela remete a tantos significados.

No entanto, embora esteja atualmente em moda considerar a natureza como um derivado da cultura, o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza. Um de seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce ‘naturalmente’. (EAGLETON, 2005, p. 9).

Segundo Eagleton (2005, p. 11), “Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, aquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre

¹¹ <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html> - acesso 05.04.2010

o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz”, dessa forma, a cultura seria adquirida a partir dos encontros, das relações entre sujeitos, construídas ao longo de sua vida. Cada espaço possui a sua cultura própria e elas são diferentes, tornando diferente, também, a construção da vida das pessoas que nelas convivem. São diferenças culturais que envolvem conhecimentos, aprendizagens, estilos corporais, alimentação. São práticas culturais diferentes dependendo do lugar onde o indivíduo habita.

Cada pessoa, ao ter acesso a um lugar que compartilha outra cultura, não vai simplesmente apropriar-se dela, mas transformá-la conforme seu próprio jeito.

Existem diferentes sujeitos em todas as partes do mundo e cada um constrói a sua vida de acordo com as possibilidades de suas realidades. O Brasil, por ser um país muito extenso, possui uma diversidade cultural muito grande, diferenciando-se a cada região. Um dos fatores que pode influenciar nestas diferenças é o clima local, pois as pessoas têm seus costumes influenciados por ele. Se uma pessoa precisa mudar para uma região no qual o clima é totalmente diferente de onde morava, precisará adaptar-se a essa nova cultura, mas jamais vai esquecer a sua própria. Portanto, realidade não é algo fechado, naturalizado, mas que é construído nas relações sociais e culturais dos sujeitos. O mesmo acontece com os avanços tecnológicos, nos quais as pessoas são desafiadas a adaptar-se, até porque a cada dia surgem novas tecnologias.

Antigamente, a vida era mais difícil para os surdos porque não existia toda essa tecnologia, tornando-se difícil manter contato com outras pessoas e realizar diversos afazeres do cotidiano. Infelizmente, a situação econômica de alguns surdos não possibilita o acesso a toda esta tecnologia, muitos ainda sofrem com a exclusão digital, o que acarreta uma falta do conhecimento básico da tecnologia e de todas as informações que recebemos por seu intermédio. Apesar disso, com o avanço tecnológico muitos surdos são capazes de enviar e receber mensagens em seus celulares, utilizar a internet para comunicar-se, efetuar diversas filmagens, entre outras coisas, e todo esse progresso veio graças à tecnologia.

Sobre este avanço McGrew, (1992) contextualiza:

A “globalização” se refere aqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mas interconectado. (MACGREW, apud HALL, 2006, p. 67)

Com as novidades tecnológicas é necessária uma adaptação e, com isso, surgem novas identidades, identidades híbridas, rompendo e borrando fronteiras. No caso dos surdos, através das inovações tecnológicas, é possível manter contato com diversas línguas de sinais, com surdos de lugares diferentes, tornando-os capazes de apropriar-se de diferentes significados e experiências, ocasionando um desenvolvimento nos mesmos. Isso resultaria no que os Estudos Culturais analisam como crise de identidade:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. [...] Com relação a identidades culturais – aqueles aspectos de nossa identidade que surge de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. (HALL, 2005, pg. 7-8)

O que é identidade? Em cada sociedade existe uma organização e uma estrutura própria e, dependendo da sociedade onde nos encontramos, essa organização e estrutura são diferentes. Quando uma pessoa cresce em uma sociedade ela se molda de acordo com estas características, mas quando ele tem acesso a outro tipo de sociedade, sua identidade entrará em transformação.

Tendo descrito as mudanças conceituais pelas quais os conceitos de sujeito e identidade da modernidade tardia e da pós-modernidade emergiram, me voltarei, agora, para a questão de como este “sujeito fragmentado” é colocado em termo de suas identidades culturais. A identidade cultural particular com a qual estou preocupado é a identidade nacional (embora outros aspectos estejam aí implicados). O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, com as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização? (HALL, 2005, p. 47)

Segundo Hall (2005), a identidade dos sujeitos é desenvolvida na relação com alguns aspectos da identidade cultural. Todos nós pertencemos a uma identidade cultural étnica, racial, religiosa e linguística.

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo faça identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de alguns arranjos, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SCRUTON, 1986, p. 156 apud HALL, p.48, 2005)

Quando um sujeito nasce surdo ele convive com a família que é diferente dele e transita em diversos espaços onde as pessoas também são diferentes dele. Este sujeito sente-se sozinho e pensa que é o único no mundo. Ao deparar-se com a “Nação Surda”, ele se identifica com ela e é uma emoção que toma conta de todo seu ser. O sentimento outrora de desconforto no mundo dá lugar a uma imensa tranquilidade. Perlin e Strobel, (2006) dizem ser o encontro surdo-surdo um processo em que acontece uma sutura. O termo sutura pode ser usado em Estudos Culturais para referir ao processo pelo qual o sujeito constrói sua identidade em interação com o outro semelhante.

Entre os surdos, um dos assuntos frequentes é de que forma aconteceu o encontro com o outro surdo. Isto é recorrente em suas narrativas, piadas, dada a importância deste momento. Quando os surdos que não eram das mesmas redes de relacionamento encontram-se e contam suas histórias, percebem que são muito semelhantes porque eram pessoas que, antes do encontro com os seus semelhantes, tinham as mesmas angústias e dificuldades. Pode-se citar como exemplo desses relatos registrados em material impresso o livro “Tibi e Joca” (BISOL, 2001) organizado a partir de relatos de vida de um surdo gaúcho, e o livro “Léo, o putinho surdo” (LAPALU, 2006) que relata experiências semelhantes de crianças (putos) portuguesas.

Apesar dos sentimentos e dos encontros serem muito semelhantes, isto não acontece para todos os surdos no mesmo momento. Algumas crianças surdas têm a sorte de encontrar os seus semelhantes desde pequenas, através do contato com a comunidade surda, por serem filhas de pais surdos ou então ao estudar na escola de surdos. Outros, jovens ou adultos, permanecem escondidos por muito tempo e tem este contato tardiamente, na associação, na rua, ou na escola, tornando este momento um marco na sua vida.

Há aqueles que negariam sua surdez e procurariam imitar as pessoas ao seu redor que não são surdas, e há aquelas que reconhecem sua

surdez e se identificam não apenas com sua surdez, mas através do veículo da cultura dos Surdos – as línguas de sinais distintas das comunidades surdas nativas. Esses veículos culturais criaram uma forma separada de etnicidade com marcadores claros para a auto-identificação. Embora não possuam marcadores de raça ou de nação, os membros dessas culturas Surdas auto-referenciadas não têm dúvidas de suas identidades culturalmente distintas. Embora nominalmente membros de uma cultura dominante que os circunda, eles – alguns, mas não todos – vêem a si mesmos como separados dela e como membros de uma cultura Surda especificamente "nativa". (WRIGLEY, 1996, p. 33)¹²

Ao invés da negação, a maioria dos surdos, quando encontram seus semelhantes, é tomada por esse sentimento simbólico de uma nação e é possível constatar este fato em vários momentos e espaços por onde os surdos transitam. Em vários locais como a Associação de Surdos, a FENEIS¹³ – Federação Nacional de Integração de Surdos, nos encontros nas ruas, na universidade, em todos estes lugares, os surdos adquirem força para construção de sua identidade cultural. Tudo isto são representações da cultura surda.

Algumas pessoas pensam que existe uma única cultura, no entanto, é inegável que elas são diversas em todo o mundo: a cultura negra, a cultura dos brancos, a cultura europeia, a cultura indígena, entre outras. E a cultura surda? Ela também é uma cultura com característica especial delineada pelos sujeitos surdos que a utilizam na construção de suas vidas: a língua de sinais, sua história cultural, a literatura, pedagogia e diversas outras. Perlin explica:

Para o surdo, não é “tudo é cultura”, mas o que tem significado essencial para a constituição da existência tem a sua dimensão cultural, um significado, uma política. Isso porque a cultura é uma parte constitutiva do político, que, por sua vez, impõe os limites culturais. (PERLIN, 2004, p. 79)

Perlin, (2004) escreve sobre os diferentes sujeitos surdos e isto torna fácil o nosso entendimento. A cultura surda compreende diversos aspectos: a língua de sinais, a pedagogia surda, a identidade surda, a história dos surdos, a forma como os surdos apropriam-se da informática, a relação dos surdos com a língua portuguesa, a literatura surda, entre outros.

¹² Tradução efetuada em 1999 pelo Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos – NUPPES, para fins de leitura no grupo de pesquisa.

¹³ www.feneis.org.br

De acordo com as teorias e conceitos anteriormente desenvolvidos, sinto-me com bases suficientes para articular os Estudos Culturais e os Estudos Surdos à Literatura surda, na qual pretendo aprofundar minha pesquisa. No próximo capítulo desenvolvo esta temática mais especificamente.

CAPÍTULO II

UMA HISTÓRIA CONSTITUÍDA: LITERATURA SURDA NO BRASIL

A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. (KARNOPP, 2010, p. 171)

Neste capítulo, pretendo apresentar a Literatura de modo geral e explorar como são feitos os aprofundamentos, passando pela Literatura Infantil e, finalmente, a Literatura Surda.

Durante o curso de Pedagogia na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA - na disciplina de Português Instrumental - cuja professora era fluente em Libras - utilizávamos pequenos textos literários para o aprendizado do Português. Até aquele momento desconhecia o que era e qual a função da Literatura. Durante as discussões na disciplina, as quais contavam com a presença de mais quatro alunos surdos, pudemos perceber que a Literatura é o fruto das expressões de cada um, suas histórias e sentimentos. O interesse pela Literatura começou a aumentar em nosso grupo e, com isso, a professora trouxe cada vez mais textos para que ampliássemos nosso conhecimento sobre a temática. Dentre estes materiais, ela trouxe vários sobre Literatura Infantil de Esopo, A Revolução dos Bichos, tanto em livro como em vídeo. Esta

gama de novos conhecimentos alavancou as discussões no grupo, principalmente sobre a Literatura Infantil e como isto poderia contribuir para a formação moral das crianças.

A Câmara do Livro, que é responsável pela comissão de organização da Feira do Livro em Porto Alegre¹⁴, manteve contato com a professora da disciplina convidando os alunos para participarem das contações de histórias no evento. O grupo de alunos surdos organizou as contações de histórias em Libras e na modalidade teatro. As escolas de surdos da região foram todas convidadas para participar do evento. Para nossa surpresa, 300 alunos surdos participaram dos momentos de contação de histórias, dentre crianças, jovens e adultos, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o EJA e Ensino Médio. Durante toda a apresentação os alunos permaneceram atentos, como se estivessem hipnotizados.

Após este evento, as escolas começaram a procurar nosso grupo para que déssemos continuidade às apresentações, porém nas próprias escolas. Seguimos utilizando histórias infantis traduzidas para a Libras. Ao receber mais convites, percebemos que poderíamos adaptar estas histórias para a realidade dos alunos surdos, como por exemplo, na história dos Três Porquinhos, em que os irmãos construíam casas, da mais fraquinha até a mais resistente. Assim, adaptamos para o aprendizado da Libras, desde o preguiçoso, que não queria aprender, até o aplicado no aprendizado da própria língua. Neste momento, percebemos que a identificação das crianças com as histórias foi muito maior, bem como a atenção que nos davam no momento.

Com o término da disciplina, ficamos imaginando sobre como poderíamos alavancar a Literatura Surda; foi quando começamos o projeto para a criação de livros infantis voltados para os surdos. A utilização destes materiais para a contação de histórias para as crianças surdas faz com que elas aprendam mais facilmente e de maneira lúdica sobre sua cultura, sobre a Libras, sua identidade e serve como meio de referência para elas. Até o final do projeto produzimos quatro livros de Literatura Infantil para surdos, sendo três adaptações e um criado inteiramente por nós (ROSA, KARNOPP e SILVEIRA, 2003a e 2003b; ROSA e KARNOPP, 2005a e 2005b).

¹⁴ <http://www.feiradolivro-poa.com.br/>

Não só na Literatura Infantil, mas também na Literatura em geral encontramos diversos tipos de contação de histórias, leitura e escrita de poesias, histórias enunciadas através de teatro e diversos outros meios.

Antigamente, a contação de histórias orais apresentava conexões com os fatos marcantes na época. Neste período, era apenas contação de histórias na forma oral, pois ainda não havia possibilidade de impressão, sendo que em algumas culturas esta prática permanece fortemente. Com o passar do tempo e o avanço tecnológico, surgiram as primeiras histórias impressas. Ficou mais fácil para os autores expressarem o que sentiam e relatar suas histórias de maneira escrita. Alguns livros que retratam a história antiga são famosos até hoje. O foco da literatura, antigamente, eram os adultos, por isso encontravam-se apenas produções para esta faixa etária.

Com o passar dos tempos, começou o interesse das crianças pelas histórias e surgiu a necessidade de utilizar-se delas para educar as crianças. Em um primeiro momento, utilizavam-se as mesmas histórias dos adultos, mas com o passar do tempo, percebeu-se a importância das adaptações e criação de histórias para a vida dos pequenos.

A Literatura infantil, como produto cultural de contornos específicos, se constituiu no mundo ocidental no momento em que o conceito de infância também se consolidou, ou seja, quando a sociedade passou a representar as crianças como seres em perspectiva, a serem formados e educados para uma posterior vida adulta. (SILVEIRA, 2000, p. 175)

A Literatura Infantil, geralmente, tem o intuito de transmitir algo para as crianças, ensiná-las ou ajudá-las a enfrentar os problemas de sua vida. Porém, nem todos os livros infantis podem ser considerados úteis para este fim. Cabe aos educadores – pais e professores - escolherem quais os livros utilizar, bem como ajudar o filho/aluno a desenvolver um pensamento crítico sobre ele, pois muitas destas histórias podem servir de referência para as crianças.

Além deste objetivo, a Literatura Infantil também é utilizada para informação e entretenimento das crianças, conhecimento das histórias e do mundo em geral, além do desenvolvimento da criatividade.

O enfoque da Literatura Surda seria a transmissão da língua, da cultura, o conhecimento da história de outras pessoas surdas, as informações na própria língua, conforme Karnopp e Machado (2006, pg. 3) explicam:

O mesmo acontece com a literatura surda, em que histórias são adaptadas, traduzidas, produzidas e criadas para a utilização dos surdos. [...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e cultura surda presentes nos textos e nas imagens de livros de literatura infantil. A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo.

Literatura surda consiste nas histórias que a Libras possui, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Mas por que precisamos de uma Literatura Surda? Frequentemente encontramos muitos surdos não conhecem sua própria língua. Ao conhecer a Libras, estranham saber que existe uma cultura surda. Dessa forma, a literatura surda pode auxiliar no conhecimento desta língua e da cultura para os surdos que ainda não tem acesso a elas. Para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também uma forma para criar uma aproximação com a própria cultura e facilitar o aprendizado da sua língua natural, que auxiliará na construção de sua identidade.

Um grupo de instrutores surdos e professores de Português do INES Instituto Nacional de Surdos (Rio de Janeiro), na década de 90, sentiram necessidade de criar e organizar materiais em Libras para utilizar durante as aulas para crianças surdas. A princípio, os professores começaram com a contação de histórias clássicas traduzidas em suas aulas com alunos surdos. Pelo sucesso da proposta com os alunos, iniciaram a discussão sobre a possibilidade de produzir um material de contação de histórias que pudesse ser distribuído para outros professores e instrutores. Assim, o grupo criou um projeto para fazer as filmagens da contação de diversas histórias clássicas.

Com o apoio do Ministro da Educação - MEC, estas histórias foram distribuídas para todas as escolas do Brasil.

Ao ter acesso a este material, houve uma percepção do quanto se tornava mais claro para os alunos o entendimento de alguns conhecimentos, pois eram produzidos em sua própria língua e sinalizados por pessoas semelhantes a eles, ou seja, havia uma ligação direta entre quem sinalizava e quem assistia.

Wrigley (1996), em sua pesquisa na Tailândia, explica sobre o “Mestre dos Sinais”, que é um contador de histórias visto como um líder pelas crianças. No momento em que este “Mestre dos Sinais” manifesta-se, há um desempenho crucial na reprodução da cultura surda. Ele conta histórias que viu em filmes, porém sempre recriadas e embelezadas, tornando-se um impacto que evidencia a pobreza severa de estímulos de outras fontes. Apesar das crianças compreenderem e memorizarem a história, o que realmente fica de experiência para elas é o conhecimento da própria cultura, algo que lhes falta em outros espaços, como o da família.

Nesse mundo livre de sons e estímulos, os contadores de história criam através de novas narrações imaginativas um rico tecido, que é o único mundo intelectual ao qual as crianças tem acesso direto. Quando perguntadas diretamente por que querem reunir-se com os contadores de história, por que gostam das histórias dos mestres dos sinais, por que ficam ansiosas em participar de suas narrativas, a resposta das crianças é invariavelmente um sinal que traduz um "desejo, fome, necessidade". Esta “fome” é real. Manfa Suwanarat, a líder da equipe de pesquisa da língua dos sinais dos surdos tailandeses, frequentemente falava de sua "fome" de aprender. Mesmo ao referir-se às oportunidades, pela necessidade e forte desejo de conhecer novas pessoas, ela muitas vezes usava uma expressão composta que eu poderia metaforicamente traduzir como "fome de socialização" (WRIGLEY, 1996, p.149).

Esta fome que Wrigley comenta não se restringe apenas à Tailândia. Ela é geral, uma fome que assola os surdos do mundo inteiro, pois eles têm

carência de informação, de conhecimento de contato com os seus semelhantes torna essa transmissão clara e efetiva.

Em 2001, os alunos surdos da ULBRA, na disciplina de Leitura e Produção Textual - que possuía o enfoque de bilinguismo para surdos - aproveitaram para contar histórias para surdos. Durante as aulas foram disponibilizados muitos textos para leitura. Estes textos foram desencadeadores de grandes discussões entre o grupo, o que fez perceber que éramos capazes de criar estratégias de adaptação de histórias para surdos. Entre as discussões, estava o tema que abordava a contação de histórias para surdos. Após, começamos a participar anualmente de atividades na Feira do Livro de Porto Alegre, em um palco que nos foi disponibilizado para contação de histórias, abrangendo mais ou menos 300 alunos surdos, como já mencionei anteriormente. Ficamos admirados da grande atenção que recebemos deles. Durante toda a apresentação os olhos ficaram vidrados em nós. O sentimento compartilhado por nós foi análogo ao relatado na experiência na Tailândia pelo Mestre dos Sinais.

Nas escolas onde os surdos estudam existem professores ouvintes que contam histórias. No entanto, quando um surdo conta a história, ela vem carregada da cultura surda e também da sua experiência de vida, pois ele as mescla com suas próprias experiências e com a cultura surda, como algo indissociável. Ao contar estas histórias, há uma ligação direta do aluno com o professor ao perceber que muito das coisas que aconteceram na vida dele estão acontecendo na sua própria agora.

Existem tipos diferentes de surdos: alguns são oralizados, outros surdos utilizam língua de sinais. É possível ainda encontrar, embora em menor número, pais que não sabem como lidar com seus filhos surdos e, por isso, os deixam em casa, sem conhecimento de mundo, tratando-os como deficientes, privando-os de contato com o mundo exterior.

Já os surdos oralizados são aqueles cujos pais recorreram a alguns profissionais como médicos ou fonoaudiólogas para obter informações sobre como cuidar de seus filhos, na busca de ter um filho igual a eles e a toda sociedade. Esses profissionais, por sua vez, os orientam a utilizar o método

oral, que tornará possível o sonho dos pais de transformar o filho igual a eles, teoricamente. Estas crianças, então, passam anos em treinamento oral-auditivo, aprendem movimentos articulatórios para pronúncia de sons e da voz e utilizam aparelho auditivo para auxiliar no tratamento. Este tratamento tem resultados diferentes, dependendo do apoio e incentivo da família, sendo que a maioria das famílias insiste pelo tratamento. Porém, para grande parte dos surdos, segundo seus depoimentos em diferentes ocasiões, esse processo é penoso e não atinge a tão sonhada normalização. Estas experiências acabam constituindo-se material frequente nas narrativas de surdos, como base de contação de histórias ou de piadas sobre os fatos inusitados de suas vidas.

Os surdos que conhecem a língua de sinais construíram a base da sua cultura no contato com diversos surdos, na participação nas associações, conseguindo desenvolver-se e obter diversos conhecimentos. Por isso, são pessoas dotadas de conhecimento suficiente e informação de mundo capazes de torná-los autônomos, condutores de suas próprias vidas.

Ao deparar-se com um surdo sinalizador, a identificação do surdo oralizado ou daquele surdo que só permanece em casa é imediata. A partir deste momento, começa uma identificação e uma busca de informação, pois até então ele convivia sem conhecimento da vida e das experiências dos surdos. Dá-se, então, uma busca incansável por sua cultura, a língua de sinais e elementos que contribuam com a construção da identidade surda. Neste contexto, as histórias sinalizadas compartilhadas pelos surdos, oportunizam essa aproximação e identificação.

2.1 - Livros Digitais: nova tecnologia para construir as narrativas em Libras

Ao produzir-se uma Literatura Surda em formato digital alguns cuidados precisam ser tomados. É necessário analisar para qual público alvo o livro digital destina-se. Se forem crianças surdas, é preciso utilizar estratégias para que a língua de sinais seja mais leve, correspondendo ao nível linguístico das mesmas. Isto porque as crianças surdas estão passando pelo processo de aquisição da linguagem e isso precisa ser respeitado. Outro cuidado refere-se

aos adultos surdos. Nem todos os adultos surdos têm o mesmo nível linguístico da Libras. Alguns deles, por frequentar pouco a comunidade surda, ainda estão em processo de desenvolvimento da língua, como as crianças. Tais surdos podem ter acesso ao material divulgado para o público infantil até desenvolver-se nos sinais e, a partir de então, começar a assistir outros livros digitais que possuam um nível linguístico superior.

Há outro ponto importante ao elaborarem-se as produções de livros digitais ou outros vídeos. A Libras é a língua nativa dos surdos, ou seja, aquela que acontece no espaço onde eles estão compartilhando desta língua. Todavia, dentro do nosso próprio país há algumas diferenças, que são os regionalismos, assim como acontecem nas línguas orais. Por exemplo, o INES e a LSBVídeo, que foram os primeiros a produzirem livros digitais, utilizaram sinais compartilhados no Rio de Janeiro, onde situam-se suas sedes. Em virtude disto, alguns surdos podem não entender tudo o que se explica no vídeo, dependendo da estratégia utilizada para analisar e entender o contexto que está sendo sinalizado.

Apesar disso, estes primeiros vídeos produzidos, embora utilizando os sinais do Rio de Janeiro, serviram como incentivador, divulgador e multiplicador da língua para outros estados nos quais ela ainda não era tão conhecida e utilizada. Com a oficialização da Libras no país e a oferta do curso de Letras/Libras pela UFSC, com polos espalhados por todas as regiões do país, foram produzidos diversos vídeos em Libras que são utilizados nas aulas. Estes vídeos, diferentemente dos disponíveis no site *Youtube*, são apresentados formalmente, exibindo novos sinais, novos conhecimentos e também divulgam a própria cultura surda. Os alunos surdos que frequentam o curso servem agora de multiplicadores de todos estes novos sinais e informações a que têm acesso.

Atualmente, diversos clássicos literários escritos há muitas décadas, cuja leitura pelos sujeitos surdos tornava-se difícil, foram traduzidos por surdos ou intérpretes para a língua de sinais e divulgados através de CD e DVD. Dessa forma, os surdos têm acesso a esses clássicos e podem entendê-los claramente, diferente do que ocorria quando havia a tentativa de leitura desses livros. Dessa forma, eles têm acesso a várias obras, o que não era possível

antes. Há também outras histórias contadas através dessas mídias: histórias adaptadas ou criadas pelos surdos. Sobre isso vou escrever mais adiante.

Os livros apresentados em formato digital são materiais que se tornam mais fáceis e claros de serem entendidos, como já mencionado anteriormente, devido a alguns fatores presentes neles e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais, o movimento, as expressões não manuais¹⁵, já que são facilmente absorvidas pelo indivíduo surdo que o assiste.

Nestes vídeos, através das marcas da cultura surda, encontramos a subjetividade surda, os meios para a construção da identidade surda, absorvidos facilmente por serem em língua viso-gestual, atendendo as especificidades da experiência surda. Através da observação desses materiais de multimídias, as crianças surdas tornam-se capazes de aprender a sua própria língua e os significados do ser surdo.

Como os surdos percebem, aprendem e captam as informações? É através do visual. Por isso a relevância dos materiais de multimídias, as mídias unidas à literatura surda, são um elo perfeito para a expressão da cultura, da identidade surda e dos conhecimentos básicos capazes de fortalecer os surdos.

Através da minha pesquisa durante curso de especialização,¹⁶ pude constatar e analisar que a literatura sinalizada pode ser uma expressão artística dos surdos. Registrada através de materiais de multimídias de diferentes suportes e procedendo a sua divulgação, é possível mostrar o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos.

O campo literário possui vários eixos, sendo que em todos eles encontramos vários aspectos culturais. A cultura surda se expressa nesses diferentes eixos e, por isso, torna-se necessário estimular o processo de criação de literatura surda em que se tenha a estrutura, a linguística, a língua de sinais, os movimentos, as expressões faciais e a expressão surda - para

¹⁵ A língua de sinais não se restringe a gestos/sinais manuais, mas também à expressões faciais e a movimentos do corpo que, juntos, dão a riqueza de possibilidades de expressão/comunicação.

¹⁶ Trata-se da pesquisa "Literatura surda: livros digitais e as produções sinalizantes", realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e apresentada para a obtenção do título de especialista em Educação no ano de 2008.

que nela construa-se/compartilhe-se uma identidade cultural, e o surdo possa, dessa maneira, ter um entendimento amplo do que é apresentado.

Antigamente os surdos tinham vontade de expressar-se e de registrar suas opiniões, porém não havia oportunidades, uma vez que faltavam tecnologias visuais. Assim, acreditavam que não eram capazes de divulgar todas as suas ideias. A circulação dessas histórias e experiências ficava restrita aos encontros presenciais e o tempo para sua divulgação e proliferação era muito mais lento. Alguns tentavam fazer os registros através do desenho do sinal e, após um tempo, através da Escrita da Língua de Sinais (Sign Writing - SW). Com a produção digital, devido ao avanço tecnológico, tornou-se muito mais fácil os registros digitais. Alguns surdos aproveitam a tecnologia que tem disponível, como celular, câmera digital ou filmadoras, para registrar suas piadas, histórias, explicações e conselhos sobre alguns assuntos, além de informações sobre eventos. Toda esta gama de vídeos, na maioria das vezes, é disponibilizada em sites como *Youtube* e circulam na internet como meio de informação.

Atualmente, com os avanços tecnológicos, é possível utilizar filmadoras para fazer o registro em língua de sinais de todas as expressões, tornando-se fácil e imediata a sua produção e divulgação. Em um primeiro momento, os surdos utilizaram estas ferramentas para registrar suas piadas e histórias do cotidiano. Devido ao crescente interesse pela busca desse material visual, percebeu-se que este meio também é capaz de ser usado para divulgação de informações em geral para os surdos, que até então não havia muitos meios de obter-se.

Percebeu-se, também, que esta ferramenta é capaz de divulgar a literatura surda, pois permite ser veiculada através dos materiais de multimídias sinalizados, apresentando a língua de sinais, as expressões faciais e todos os elementos visuais capazes de tornar o texto atrativo e de fácil entendimento. O sujeito surdo que tem o objetivo de contar uma história em língua de sinais, pode expressar-se registrando tudo em uma filmadora, realizar as edições necessárias nesta filmagem e, após isto, divulgar o trabalho feito.

Hoje existe maior quantidade e variedade de matérias didáticas disponíveis no mercado, como existe também infinitamente maior

acesso à informação por meio de World Wide Web. Na adaptação do livro, não houve a preocupação em atualizar as relações de recursos, quando a de fornecer algumas dicas para quem fosse pesquisar os recursos na Internet. A Web hoje, com suas novas possibilidades de busca, é o melhor meio de manter-se atualizado. (WILCOX & WILCOX, 2005, p. x)

Até o presente momento, foram produzidos vários materiais com a cultura surda, tudo isto graças a tecnologias como a internet, DVDs, CDs, amplamente divulgados como um meio de troca de informações e construção de conhecimentos do próprio indivíduo e da cultura surda. Em alguns sites da internet, podemos encontrar diversos materiais de multimídias com informações de nosso país em Libras, como também de outros países em suas próprias línguas de sinais, divulgando piadas e diversas informações. Nestes sites, também podemos encontrar informações sobre as diversas línguas de sinais espalhadas pelo mundo e as especificidades das diferentes comunidades surdas.

Muitos vídeos em línguas de sinais, no formato de CD e DVD que fazem parte da literatura surda, já foram distribuídos para escolas de diversos lugares, com contação histórias e/ou traduções. Alguns destes materiais foram produzidos pelo INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos¹⁷, pela Editora Arara Azul e pela LSB Vídeo¹⁸, sendo distribuídos e aceitos na maioria das escolas.

Em outros países, essa produção já acontece há algum tempo. A maioria dos vídeos/DVDs/CDs em língua de sinais que são comercializados foi produzida nos Estados Unidos. As obras registram poesia surda, contação de histórias infantis e auxiliam no ensino da ASL – *American Sign Language*. Na Europa também encontramos vários registros da literatura surda, divulgados em materiais de multimídias em língua de sinais.

No site da internet *Youtube*¹⁹, encontramos a maioria dos materiais de multimídias em língua de sinais com diversas histórias, piadas e os mais

¹⁷ Estes materiais fazem parte de projetos financiados pela SEESP/MEC (Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação).

¹⁸ Outras editoras começam a interessar-se por essas produções, mas a Arara Azul e a LBS são as pioneiras e as que mais produzem e divulgam materiais da literatura surda.

¹⁹ www.youtube.com Este site está sendo catalogado e analisado no projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da literatura surda” (CAPES/MinC), pelo grupo de pesquisadoras da UFSM.

variados tipos de informações que registram a literatura surda. Em um simples acesso podemos encontrar uma vasta listagem com estes materiais de multimídias.

Diante deste contexto, percebe-se a importância da tecnologia aliada à literatura surda como um meio capaz de realizar um intercâmbio de experiências culturais, não só em nosso país, como também com a cultura de diversos países. A tecnologia vem servir para auxiliar e apoiar o desenvolvimento da literatura surda, utilizando materiais de multimídias em língua de sinais.

Durante minha especialização em Educação busquei estes diversos materiais já produzidos e divulgados para saber se neles havia a marca da cultura surda. É importante salientar que minha pesquisa era focada apenas nos materiais multimídia, mas anterior a isto já existiam outros materiais da literatura surda impressos. Concomitante a esse período, outros autores criaram histórias impressas juntamente com o DVD, narradas em língua de sinais.

Ao pesquisar 16 materiais multimídia, percebi que neles existem marcas da cultura surda, no entanto três deles - *As aventuras de Pinóquio*²⁰, *Fastest Hands in the West*²¹ e *Le Petit Sapin*²², em especial, saltaram-me aos olhos, pois neles há uma clareza visual marcante, expressa em língua de sinais. Com base em tais constatações, concluí que tais materiais são representativos da Literatura Surda.

Dentre os aspectos em comum nestes três livros digitais estão os movimentos corporais - essenciais para diferenciar personagens - enquadramento do sinalizador e expressões não manuais, elementos estes que constavam nos livros digitais mesmo sendo originários de países diferentes. Ao finalizar minhas análises naquele momento, pude concluir a importância da padronização destes recursos visuais, podendo, assim, dar mais qualidade e compreensão aos livros digitais. Esta padronização de

²⁰ Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português - Volume III, autor: Carlos Collodi, 2003 e tradução para Libras: Ana Regina Campello e Nelson Pimenta.

²¹ http://www.youtube.com/watch?v=pvGbMxFHwUw&feature=player_embedded

²² Essa história foi produzida na França, apresentada em dvd, em Língua de Sinais Francesa. Conta a história de uma árvore.

recursos visuais possibilitará análises mais detalhadas destes livros, colaborando para pesquisas direcionadas à literatura, à crítica linguística e à educação dos Surdos, pois estes seguirão regras de qualidade visual que facilitarão a compreensão dos vídeos e o trabalho dos pesquisadores. Assim, poderão contribuir com as pesquisa sobre Língua de Sinais, Literatura Surda, cultura, tecnologia, contação de histórias e registros feitos pelas comunidades Surdas. Vários outros caminhos abrem-se para minha trajetória de pesquisa, todavia é relevante demarcar meu enfoque na literatura surda.

2.2 - Tipos de livros digitais

Existem diferentes tipos de livros digitais na Literatura Surda, sendo que podemos destacar três processos na produção destes livros: a produção por tradução cultural da Língua Portuguesa para Libras, a produção através da adaptação cultural da história, substituindo o que vem a ser específico da cultura de ouvintes pelas questões que são culturalmente aceitas pelos Surdos, levando em consideração a comunidade e a identidade surda; e a produção/criação em Libras feita por surdos de maneira espontânea e criativa na contação de histórias e piadas. Passo, a seguir, a explicar de forma breve cada um desses processos que, em minha opinião, tornam mais claro o entendimento do que farei a seguir nas análises.

2.2.1 - Tradução cultural na Literatura Surda

É possível constatar que na Literatura Surda já existem livros digitais publicados na modalidade de tradução cultural, sendo que nesta modalidade trabalha-se com tradução da Língua Portuguesa para a Libras. Com relação a essa modalidade, poderíamos fazer um comparativo com uma história que possui um texto complexo, de um autor mais antigo e com um vocabulário muito diferente. Machado de Assis é um exemplo desta situação, um dos ícones da Literatura, que possui livros publicados de difícil entendimento, sendo estes fortes candidatos a passar por uma tradução cultural para literatura Surda, do Português para Libras, tornando-se um livro digital. Também neste processo, é feita a tradução de histórias de um entendimento

que não é tão complexo, como por exemplo: Chapeuzinho Vermelho, que sofre o processo de tradução cultural, pois o público alvo são crianças Surdas que fazem uso da Libras como sua primeira língua. O objetivo da tradução cultural é esclarecer para os Surdos as histórias da literatura convencional, através da Libras, das expressões bem claras e da locução bem marcada dos personagens

O INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, a LSB Vídeo e a Editora Arara Azul são exemplos de instituições que já possuem várias produções na Literatura Surda, sendo que os tradutores que aparecem nos livros digitais são Surdos, pois eles têm mais legitimidade para a criação de sinais para os personagens das histórias traduzidas e levando em consideração as questões da cultura Surda.

2.2.2 - Adaptação cultural na Literatura Surda

Nesta modalidade, o trabalho é realizado levando em consideração a cultura Surda, a identidade Surda e a realidade de vida dos Surdos, sendo que são necessárias substituições na história original das características dos personagens e dos acessórios que os acompanham. Um exemplo disso é a história da Cinderela Surda (SILVEIRA, ROSA, KARNOPP, 2003a) que foi adaptada, pois na história original a Cinderela é ouvinte, pertencente a uma família ouvinte que faz uso da oralidade, sendo que na história aparecem acessórios utilizados por ouvintes, como, por exemplo, um sino. A equipe que fez a adaptação desta história idealizou algumas substituições, tais como: a Cinderela passou a ser surda, usuária da língua de sinais e o sino foi substituído por um relógio, pois este é mais visual. Outra adaptação feita foi a substituição do sapato pela luva, a qual Cinderela perdeu ao sair do baile. A luva foi escolhida por ser um simbolismo na Língua de Sinais.

Nesta modalidade - adaptação - ainda são mais frequentes os livros impressos, surgindo aos poucos produções em CD e DVD.

2.2.3 - Produção/criação na Literatura Surda

A Literatura Surda, quando produzida por um próprio surdo, torna-se diferente das produzidas por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras, tenha conhecimento sobre a Cultura Surda e participe ativamente da comunidade, ele vai ter experiências diferentes que o surdo vivencia. Por isso, o surdo, geralmente, tem capacidade de produzir histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, além de contar experiências com as quais outros surdos facilmente irão identificar-se.

Ao produzir Literatura Surda, o sujeito surdo mostra, através dela, as expressões, a Libras e a cultura de maneiras diferentes para exibir a realidade do mundo para os outros surdos.

Os livros digitais nesta modalidade ainda são raros. Há muitas produções de histórias em diversos momentos e locais, como nas associações, nas ruas, nas escolas, mas isto ainda não é divulgado por editoras, de modo a atingir um número maior de pessoas. No futuro, pode ser que se perceba a importância de incentivar a publicidade de tais histórias em livros digitais. Por enquanto, seu acesso é compartilhado na internet, através dos sites como *youtube*, por exemplo, ou disponibilizados diretamente pelos autores.

2.3 - História da Literatura Surda no Brasil

Na história da Literatura Surda no Brasil, existem dois tipos de registros muito importantes: livros digitais e materiais impressos²³. Os livros digitais são histórias produzidas utilizando filmagens em Libras, com todos os elementos que são pertinentes a uma produção em vídeo, enquanto que os materiais impressos são histórias impressas em papel, com a presença de textos em Português, da Língua de Sinais escrita e dos desenhos claros e atrativos.

²³ Estas produções estão sendo catalogadas e analisadas no projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da literatura surda” (CAPES/MinC), pelo grupo de pesquisadoras da UFPel.

2.3.1 - Livros digitais

No Brasil, já existem diversos livros digitais publicados. Ao final da década de 90, grupos de surdos reuniram-se para organizar a publicação destes materiais, todavia esse movimento não começou especificamente com um determinado grupo, vários deles perceberam a necessidade da criação de livros digitais.

Em 1999, temos o registro da primeira publicação de um livro digital, pela Editora LSB Vídeo, cujo título é “Literatura em LSB – Poesia - Fábula – Histórias Infantis”. Em seguida, em 2000, houve uma publicação pelo INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos e, em 2002, pela Editora Arara Azul. Estas foram as primeiras publicações registradas em livros digitais. A seguir, explico cada uma delas. Cabe salientar que após estas, muitas outras foram publicadas, porém estas foram as pioneiras.

A editora LSB Vídeo²⁴ publica em 1999 a primeira produção de livros digitais em Libras no Brasil. Dentre o material produzido, encontramos poesias, fábulas e histórias infantis, em que são utilizadas estratégias para adaptar, traduzir e criar histórias. A seguir, temos a primeira publicação:

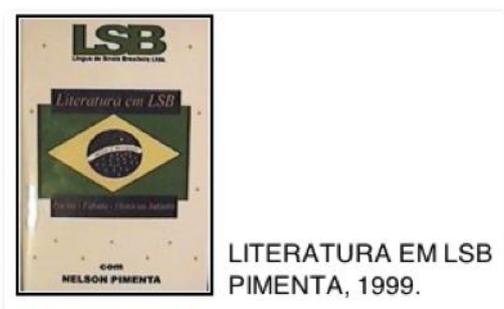


Figura nº 1 - Capa da primeira produção em DVD (anteriormente apenas em VHS)

Depois dessa primeira publicação, também em 1999, a LSB Vídeo lançou o Hino Nacional Brasileiro em Libras. Para isto, elaborou estratégias

²⁴ Organizado por Nelson Pimenta, ator surdo que realizou várias produções de histórias adaptadas e traduzidas. Juntamente com ele, há um grupo de pessoas que o apóiam na organização e produção dos livros digitais.

para que os surdos pudessem entender claramente o que significa e como é o Hino Nacional Brasileiro.

Em 2002, a LSB Vídeo continua com suas publicações em Libras, lançando “Seis Fábulas de Esopo em Língua de Sinais Brasileira”. Neste material, encontramos, na grande maioria, traduções culturais, ou seja, fábulas conhecidas, porém de pouco entendimento para os surdos. Portanto, foram criadas estratégias para que eles pudessem compreendê-las em sua plenitude.

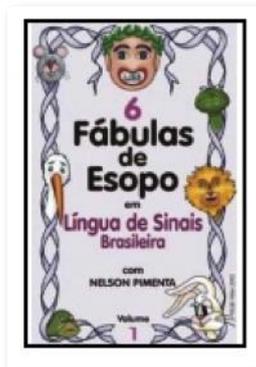


Figura 2 – Capa Seis Fábulas de Esopo em Língua de Sinais Brasileira, 2002

Estes livros digitais apresentados foram os primeiros registros no Brasil, publicados pela LSB Vídeo. Logo após estes, a editora continuou publicando outros materiais, mas estes se encontram destacados por serem os primeiros registros na área.

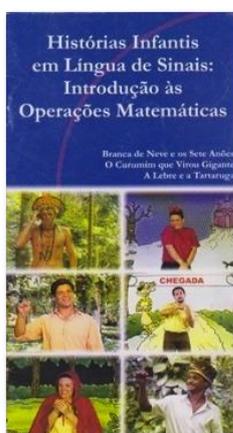
O INES também começou projetos para organização dos livros digitais e, no ano 2000, surgiram as primeiras publicações em VHS²⁵. Conforme o avanço das tecnologias foram produzidos materiais em DVD²⁶. Os materiais elaborados pelo INES são distribuídos em escolas públicas através de projetos financiados pela Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC). Dentre estes materiais, temos os seguintes títulos:

²⁵ VHS - Vídeo Home System (Sistema de Vídeo Caseiro)

²⁶ DVD abreviação de *Digital Vídeo Disc* ou *Digital Versatile Disc*, em português, Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil.



“Historia Infantis em Língua de Sinais: O verbo em português e em Libras, que foi a primeira produção, em 2000, com duração de 31 minutos, em VHS/NTSC. Neste livro encontramos as histórias Chapeuzinho Vermelho, A Raposa e as Uvas e A Lenda do Guaraná.



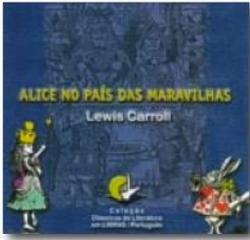
“Historia Infantis em Língua de Sinais: Introdução às Operações Matemáticas, 2000”, duração 42 minutos, VHS/NTSC, com as seguintes histórias são: Branca de Neve e os Sete Anões, o Curumim que virou Gigante e A Lebre e a Tartaruga.



O DVD, “Contando Historias em Libras” Lendas Brasileiras: O Curupira, A Lenda de Iara e A Lenda da Mandioca e Clássicos de Literatura Mundial – Fábulas: O Leão e o Ratinho, O Corvo e a Raposa, A Cigarra e as Formigas e O Pastor e as Ovelhas, 2004, duração: 48 minutos.

Figura 3 – Capas VHS e DVDs produzidos pelo INES/MEC

Mais recentemente, a Editora Arara Azul, sediada em Petrópolis, Rio de Janeiro, dedicou seu trabalho à tradução cultural na Literatura Surda de Livros Digitais, sendo que esta editora já possui várias publicações ao longo de sua trajetória. Eis alguns exemplos:



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português - Volume I - Alice no País das Maravilhas, 2002.

Tradução do Inglês para o Português: Clélia Regina Ramos
Tradutores para a LIBRAS: Marlene Pereira do Prado, Wanda Quintanilha Lamarão, Clélia Regina Ramos



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português - Volume II – Iracema, 2002.

Tradutores para a LIBRAS: Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português - Volume V - O velho da horta, 2004.

Tradutores para LIBRAS: Marlene Pereira do Prado e Juan Nascimento Guimarães



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português - Volume III - As aventuras de Pinóquio, 2003.

Tradutor para LIBRAS: Ana Regina Campello e Nelson Pimenta



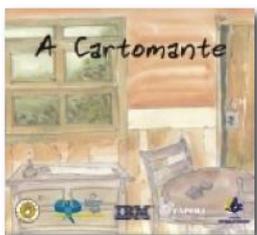
Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom LIBRAS/ Português - Volume IV - A História de Aladim e a lâmpada maravilhosa, 2004.

Tradutor para LIBRAS: Ana Regina Campello e Nelson Pimenta



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom LIBRAS / Português - Volume VII - O Caso da Vara, 2005.

Tradutores para a LIBRAS: Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom LIBRAS / Português - Volume VIII - A Cartomante, 2005.

Tradutores para a LIBRAS: Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom LIBRAS / Português - Volume IX - O Relógio de Ouro, 2005.

Tradutores para a LIBRAS: Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima



Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom LIBRAS / Português - Volume X - A Missa do Galo, 2005.

Tradutores para a LIBRAS: Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima

Figura 4 – Capas de DVDs produzidos pela Editora Arara Azul

2.3.2 - Materiais Impressos

Entre os anos de 2001 e 2002, algumas pessoas estimuladas pelas produções literárias das editoras, resolveram fazer algumas adaptações e também criação de outras Literaturas Surdas impressas como, por exemplo, “Tibi e Joca”, (BISOL, 2001), que foi o primeiro livro publicado e fartamente divulgado.

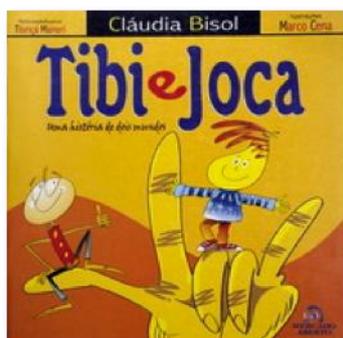
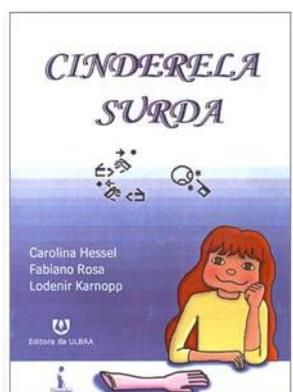
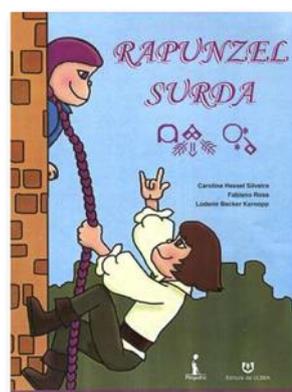


Figura 5 – Capa livro Tibi e Joca

Ainda encontramos,



Cinderela Surda (ROSA, KARNOPP



e Rapunzel Surda (ROSA, KARNOPP e SILVEIRA, 2003b)



Patinho Surdo (ROSA e KARNOPP, 2005a)



O Adão e Eva (ROSA e KARNOPP, 2005b)

Figura 6 – Capas dos livros impressos de adaptações culturais

O primeiro livro acompanhado de DVD foi a tradução da história “Pinóquio”, em 2006, pela LSB Vídeo em parceria com a Editora Paulista.



Figura 7 – Capa Aventuras de Pinóquio

Recentemente, foram criados por ouvintes dois livros impressos acompanhados de DVD. Os DVDs são produzidos em Libras, sendo uma tradução do livro impresso. Em ambos os livros, as sinalizadoras são surdas.

Os livros digitais são:



Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras. OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008).



O Feijãozinho surdo (KUCHENBECKER, 2009).

Figura 8 – Capas de recentes publicações criadas por pessoas ouvintes

O livro Peter Pan Surdo (2010) foi uma adaptação produzida por alunos do Curso de Letras Libras, do Polo de UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Todos estes alunos já cursaram a disciplina de Literatura Surda durante o curso. Dessa forma, percebe-se a relevância de disciplinas de Literatura Surda dentro de cursos de formação de professores surdos. Elas permitem que futuros professores percebam a importância deste artefato cultural como uma

marca surda, ainda mais quando produzido por pessoas que são nativas da língua e compartilham das mesmas experiências. Talvez com este novo conhecimento, outros surdos também tenham a iniciativa de produzir novos livros digitais que irão compor a Literatura Surda no Brasil.



Figura 9 – Capa livro Peter Pan Surdo

Neste capítulo, busquei explicar as bases da literatura e como se originou a literatura surda. No próximo, será apresentado o caminho metodológico trilhado na pesquisa para a obtenção dos dados.

CAPITULO III

O ANDAMENTO PARA CRIAÇÃO DA HISTÓRIA.

Para a realização de pesquisa, foram selecionadas narrativas e histórias publicadas, considerando aspectos de literatura Surda. (KARNOPP, 2010, p. 164)

Neste capítulo pretendo apresentar meus caminhos investigativos, isto é, quais escolhas metodológicas optei para a realização da pesquisa. É importante demarcar minha problemática de pesquisa, qual seja: de que maneira os livros digitais produzidos em Libras - e que circulam em nosso país - representam a literatura surda. Meu objetivo geral é analisar o que professores surdos sinalizam sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – Libras. Através da comparação destes resultados com aqueles que obtive em pesquisa anterior, já referida outrora, pretendo estabelecer o que poderia ser considerado recorrente e preferencialmente utilizado para a produção e divulgação da cultura surda através do artefato literatura surda digital.

Dentre os objetivos específicos posso ainda destacar:

- identificar nos livros digitais em Libras quais os elementos que expressam a cultura surda;
- enumerar quais as características encontradas nas histórias (estratégias e materiais visuais que são utilizadas nesses vídeos) para o entendimento e clareza das mesmas;

- analisar o que os professores surdos em formação identificam sobre estas estratégias e materiais visuais em relação aos livros digitais em Libras;

- comparar as características de cada uma das histórias feitas para a primeira pesquisa com a análise feita pelos professores surdos em formação, traçando as semelhanças e divergências que contribuem para um melhor entendimento e identificação deste material como Literatura Surda.

A metodologia de pesquisa tem seu foco na análise de livros da literatura surda, em formato digital, utilizando produções em vídeo realizadas no Brasil, ou seja, são apresentadas no formato de livro digital e impresso ou apenas em livro digital.

Dentre as metodologias de pesquisa que utilizam entrevistas, procurei uma que correspondesse às minhas necessidades, porém não obtive sucesso, pois a maioria utiliza a gravação das vozes. No caso da presente pesquisa, foi necessário realizar as entrevistas utilizando filmagens, pois todos os entrevistados são surdos e utilizam a Libras, que é uma língua visual. A importância das entrevistas filmadas consiste no fato de que essa é a maneira de registrarmos e expressarmos a nossa própria língua. Isso é uma característica cultural para entrevistas com surdos.

Assim sendo, procurei entrevistas em que fossem utilizadas imagens, afim de saber se era possível uma aproximação com as características da minha pesquisa. Muitas das pesquisas em Estudos Culturais utilizam a análise de filmes, fotos e imagens, no entanto quase todas são sobre representação, o que não é o caso da pesquisa em questão.

Posso citar um estudo que se aproxima deste que ora apresento: a investigação de Thoma (2002, p. 34), na qual a pesquisadora assistiu a filmes com grupos de surdos e registrou o que eles comentavam sobre. O objetivo era analisar as representações, porém a técnica de pesquisa foi semelhante – assistir ao filme, proceder à discussão – filmar para depois observar a filmagem e analisar o que surdos disseram.

Minha pesquisa utilizou-se de estratégias visuais, todavia não para a pesquisa das representações. Os surdos assistiram as imagens para perceber nelas quais são as marcas surdas ²⁷ali existentes, o que lhes *saltava aos olhos*.

²⁷ O conceito de marcas surdas será discutido no próximo capítulo.

Ao registrar isso nas filmagens e assisti-las, aconteceu o mesmo comigo, pois percebi nas opiniões, expressões e debates, quais marcas surdas estavam ali evidenciadas, quais mais chamaram a atenção naquele momento. O que há nestes vídeos que pode ser considerado marca surda?

3.1 - Característica dos Entrevistados

Os surdos que fizeram parte do grupo de informantes na pesquisa são estudantes do curso de Letras Libras, modalidade a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC²⁸. A primeira turma deste curso teve início no ano 2006, com nove (9) polos regionais. A Universidade Federal de Santa Maria – UFSM é o Polo do Rio Grande do Sul e nela concentram-se estudantes de diversas localidades do Estado, bem como alguns de Santa Catarina, por ser este polo mais próximo que o da UFSC. Atualmente, estão em andamento outros dois Cursos de Letras Libras: de Licenciatura e Bacharelado, com mais 18 polos que iniciaram suas atividades em 2008. Os indivíduos escolhidos para participar da pesquisa assistiram às aulas no polo da UFSM²⁹.

Quatro disciplinas – Literatura, Literatura Surda, Metodologia da Literatura Surda e Estágio em Literatura Surda – fazem parte do currículo do curso, sendo de grande importância, pois os alunos são futuros docentes, com o conhecimento de como disseminar o ensino da Literatura Surda. Ao encerrar a disciplina, os professores solicitaram aos alunos a criação de um conto ou uma história. Esses materiais foram postados no ambiente virtual de Ensino Aprendizagem (AVEA), mas algumas turmas produziram versões em DVD³⁰. Também os alunos tiveram a oportunidade de ensinar e utilizarem-se deste material durante o estágio sobre a Literatura Surda para alunos das séries finais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio.

²⁸ Este curso possui metodologia diferenciada sendo focado em tecnologia visual. As disciplinas são ministradas em Língua de Sinais por meio de vídeo conferência e também é possível o acesso aos vídeos em Língua de Sinais através do ambiente virtual de Ensino Aprendizagem (AVEA).

²⁹ Por ocasião da realização das entrevistas, os participantes estavam finalizando seus estágios em docência. No momento da finalização desta dissertação o grupo já concluiu o curso.

³⁰ Estas produções dos alunos do Letras Libras foram analisadas em pesquisa de mestrado por Claudio Mourão – PPGEdU/UFRGS, com banca de defesa em fevereiro de 2011.

Os alunos escolhidos para participar da presente pesquisa cursaram e concluíram as disciplinas mencionadas, ou seja, tiveram acesso às discussões sobre essa temática e realizaram as atividades ali propostas, tendo produzido material literário surdo.

Quando da elaboração do projeto da pesquisa, realizei uma entrevista piloto com três alunas do curso Letras Libras, todas elas professoras surdas. A entrevista aconteceu em um dia de aula, que ocorria quinzenalmente, no próprio polo. Com aquele projeto piloto, evidenciei que a entrevista em grupo oportuniza maior discussão e progressão de ideias. Se a entrevista acontecesse individualmente, não seria possível a riqueza das respostas oriunda das trocas, como foi percebido.

Para a continuidade da pesquisa, foram escolhidos seis professores para participar das entrevistas. Percebi que seria impossível realizar a entrevista coletiva com todos eles devido à dificuldade de encontro de todos no mesmo local, no mesmo dia. Devido a isso, optei em fazer as entrevistas em duplas, concentrando-as em local que ficaria mais próximo e de fácil acesso aos participantes. Escolhemos, então, três cidades do Estado para a realização das entrevistas: Santa Maria, Porto Alegre e Pelotas, com a participação de dois professores em cada.

A escolha destes seis alunos atendeu aos seguintes critérios: ser professor já habilitado em algum outro curso de formação de professores (curso de Pedagogia, em nível superior ou de Magistério, em nível médio), ter experiência docente em turmas de educação infantil ou séries iniciais em escola de surdos, ter convívio com a comunidade surda, fluência em Libras, experiência com contação de histórias e ter concluído a disciplina de Literatura Surda. É importante salientar que nem todos os alunos escolhidos possuíam todos os critérios, porém, devido a relevância dos itens, os acadêmicos que possuíam um ou mais não deixavam de encaixar-se na proposta.

Saliento uma característica do grupo, o qual era composto por cinco mulheres e um homem. Esta grande diferença possui uma explicação. A turma do curso de Letras/Libras era equilibrada em relação à participação de homens e mulheres. Uma das características necessárias para colaborar na pesquisa

era ter uma formação anterior, mas dentre os alunos homens, poucos já possuíam uma graduação, reduzindo o número de pessoas que poderiam ser entrevistadas. Outro critério era ser professor atuante e percebeu-se, neste caso, que a maioria dos professores era do sexo feminino, fazendo com que o número de homens participantes na pesquisa fosse de apenas um. Esta realidade repete-se nas escolas de surdos, nas quais a grande maioria dos professores surdos são mulheres, sendo também situação que também ocorre no magistério como um todo.

Os seis professores escolhidos são oriundos de cidades do Rio Grande do Sul e todas têm um ponto em comum: são cidades que possuem associação de surdos, comunidade surda atuante e participativa e também surdos que estão estudando nas universidades, o que significa ter intérpretes da Libras, movimentos, interesse pelo desenvolvimento da comunidade surda e da Libras. Nestas cidades, também há cursos de formação de intérpretes, o que contribui para o acesso dos surdos a mais informações. Além disso, elas primam pelo desenvolvimento dos surdos e, por isso tiveram um número de surdos muito expressivo no curso de Letras/Libras.

A seguir, apresento de forma mais detalhada as características dos professores que participaram da pesquisa. As pessoas escolhidas têm diferentes vivências quanto ao contato com as comunidades surdas e também diferentes experiências profissionais docentes.

Os nomes apresentados são fictícios e inspirados nos clássicos da literatura infantil.

- Patinho Feio – Professor das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Graduado em Educação Física e Letras Libras.
- Cinderela – Professora de Educação Infantil. Graduada em Pedagogia e Letras Libras.
- Branca de Neve – Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental e professora de Libras para ouvintes. Graduada em Pedagogia e Letras Libras.
- Rapunzel – Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental. Formada no Magistério e Graduada em Letras Libras.

- Sininho – Professora das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Formada no Magistério, graduanda em Psicologia e Graduada em Letras Libras.

- Chapeuzinho Vermelho – Professora das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Formada no Magistério e graduada em Letras Libras.

Ao rever a formação dos professores, percebi que todos são formados na área da Educação, sendo que apenas um não é graduado em Pedagogia e outras duas habilitadas no Magistério, curso que muito se aproxima da Pedagogia. Isto é uma pequena amostra do que acontece com a maioria dos surdos que já são graduados, ou seja, optaram pela área da Educação. Os surdos acadêmicos, atualmente, já estão optando por cursos em outras áreas, como Administração de Empresas, Psicologia, Direito, Jornalismo, entre outros. E por que isto acontecia? A principal causa era o fato de estes surdos perceberem a falta de um profissional capacitado para ensinar as crianças surdas. O que havia eram ouvintes que não conheciam as questões da surdez e não tinham uma preocupação com a maneira como este ensino era desenvolvido. Isso motivou várias ações em diferentes locais, articulando os movimentos surdos às questões da educação.

Um exemplo significativo de resistência nos movimentos surdos vem se dando no campo da educação. As discussões emergentes sobre a participação de surdos nas decisões educacionais das escolas, os movimentos em direção à ruptura com o que até então se denomina educação especial, procurando redefinir novos espaços, novos sujeitos, são alguns dos exemplos de saberes, fragmentados e descentrados, às vezes, mas que vem a contrapor os saberes oficiais, instituídos e desconsiderados até então como verdadeiros. (KLEIN, 2001, p. 14)

Graduar-se em Pedagogia significava um espaço onde os surdos poderiam discutir como inserir a sua língua e cultura nos espaços educacionais, lutando por uma melhoria na qualidade do ensino que era destinado aos surdos. Além disso, poderia ser a garantia de emprego mais fácil para os surdos. Outro fator que influenciou nesta escolha é a falta de intérpretes para atuar nos diversos cursos. Como já havia intérpretes atuando nos cursos de Pedagogia, outros surdos acabavam matriculando-se para poder contar com a presença deste profissional.

3.2 - Categorias de análise

A princípio, para o projeto piloto analisei os materiais a partir de categorias que iriam ser averiguadas: (1) a parte técnica na produção dos vídeos, (2) os elementos da cultura surda, considerados marcas surdas presentes nesses materiais, e (3) a Libras, como segue:

(1) **TÉCNICA**: análise focada na organização técnica do vídeo, como: imagem, iluminação, enquadramento, cenário de fundo, entre outros.

(2) **ELEMENTOS DA CULTURA SURDA**: análise focada em aspectos da cultura e marcas surdas.

(3) **LIBRAS**: análise de aspectos específicos do uso da Libras, como a clareza no uso da língua, contextualização, vocabulário, tradução, criação de sinal para cada personagem, direção do olhar, as expressões faciais e corporais.

Ao realizar o projeto piloto e contando com as orientações recebidas no momento da qualificação do projeto, realizei alterações nestas categorias. Observei que é impossível separar os elementos da cultura surda (2) da Libras (3), por ser a Libras um dos elementos da cultura surda, precisando ser analisada conjuntamente, pois através do uso da língua é que a cultura vai ser evidenciada. Optei, então, por analisar apenas em duas categorias:

(1) **TÉCNICA**

(2) **ELEMENTOS DA CULTURA SURDA**, em que a Libras e a identidade surda também estão sendo analisadas.

No decorrer da análise dos dados, percebi outros elementos enfatizados pelos entrevistados que não se enquadram em nenhuma destas duas categorias. Devido à variedade de outros assuntos abordados e que são de extrema relevância, optei por incluir uma outra categoria para análise que é (3) **Outros aspectos relevantes**. O capítulo em que apresento a análise dos vídeos será baseado nestas três categorias definitivas:

(1) **TÉCNICA**

(2) ELEMENTOS DA CULTURA SURDA E LIBRAS

(3) IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Cabe ainda salientar que a Libras caracteriza-se como elemento a ser analisado também quando abordo as questões técnicas, como adequações nos elementos gramaticais para dar maior clareza na contação de histórias. Isso ficará evidenciado no decorrer da apresentação das análises.

3.3 - A rotina da pesquisa – escolha dos materiais

As entrevistas foram baseadas nas histórias produzidas em livros digitais. Dentre as produções disponíveis, selecionei seis livros digitais em Libras, os quais agrupei em três categorias que explico a seguir, de acordo com a maneira como foram criados, ou seja: traduções de obras já existentes para a Libras, adaptações de histórias com estratégias que retratem a cultura surda e criações de novas histórias.

Na **primeira categoria** encontram-se histórias clássicas e fábulas traduzidas para Língua de Sinais. Existem incontáveis clássicos e fábulas, mas que devido à dificuldade de leitura do Português, grande número de surdos não conhecem. Com as traduções destes, os surdos tem acesso a estas histórias em sua própria língua, facilitado a compreensão de quem os assiste. Grande parte das traduções foram feitas por atores surdos e produzidas por iniciativa pública³¹ a partir de 1999. Vale ressaltar que esta categoria é a que apresenta o maior número de materiais produzidos.

A **segunda categoria** é composta por histórias clássicas e fábulas que foram adaptadas de maneira a retratar a cultura surda. Diferente da primeira categoria, estes livros digitais foram classificados aqui por não se preocuparem apenas em facilitar o acesso dos surdos a estas histórias, mas também por criar estratégias para que os próprios surdos reconheçam-se nelas, identificando-se com os personagens e a história em si. Em função disso,

³¹ Principalmente produções realizadas através da parceria entre o Instituto Nacional de Educação e Integração dos Surdos - INES e o Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Especial (SEESP)

foram adaptados alguns acontecimentos na história, incluindo elementos da cultura surda. Todas foram produzidas por surdos.

A **terceira categoria** apresenta livros digitais que são histórias inéditas, criadas por surdos ou ouvintes. Estas histórias, geralmente, apresentam situações que são comuns na vida dos surdos. Esta categoria é a que apresenta o menor número de produções.

A seguir apresento quais os livros digitais foram analisados.

1- TRADUÇÕES:

a) **Chapeuzinho Vermelho** (INES, 2000) – Esta história é um clássico da Literatura Infantil e foi traduzida para a Libras pelo INES em VHS, no ano de 1999. Atualmente está disponível em DVD.

b) **O sapo e o boi** (PIMENTA, 2002)- Esta história é parte de um DVD que possui várias fábulas, cujo nome é “6 fábulas de Esopo em Língua Brasileira de Sinais”. Esta produção é uma tradução para Libras de uma fábula conhecida, na qual é apresentada uma moral da história. Consiste em 3 minutos o tempo da história juntamente com a apresentação da moral, que explica como aquela história pode ser aplicada na nossa realidade.

2 – ADAPTAÇÃO:

a) **Peter Pan Surdo** (MADEIRA, 2010) - A história foi produzida em 2010 com o apoio da Editora da FURG, por um grupo de surdos e ouvintes. Apresenta-se na forma impressa acompanhada do DVD. Esta história foi inspirada no clássico Peter Pan e adaptada para a cultura surda. Os autores criaram estratégias para inserir na história fatos que acontecem na vida dos surdos.

3 – PRODUÇÕES/CRIAÇÕES:

a) **O Passarinho Diferente** (PIMENTA, 1999) - Esta fábula apresenta um significado muito diferente. O sinalizador explica sobre sua autoria.

Esta fábula não fui eu quem inventou. Esta fábula foi criada por um americano chamado Ben Bahan, que é surdo. Achei a fábula excelente. Por isso pedi licença ao Ben para utilizar esta fábula também no Brasil e ele autorizou. A fábula está originalmente sinalizada em ASL - Língua Sinais de Americana (*Americ Sign*

Language - Sigla ASL), e eu farei a tradução para *LSB, Língua de Sinais Brasileira*. (PIMENTA, 1999, 23min 39s).

A filmagem foi feita em 1999. Naquela época, a tecnologia utilizada para filmar o vídeo era muito simples, mas bem visual. Os personagens são diferentes, são passarinhos, com seu jeito muito próprio, peculiar. Em nenhum momento as roupas ou o cenário são modificados para representar mudança de personagem.

b) **Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras** OLIVEIRA, CARVALHO, OLIVEIRA(2008).- A história apresenta-se na forma de livro impresso e DVD. As autoras são ouvintes e escrevem a história a partir de vivências dos surdos. Apesar de ser uma criação de pessoas ouvintes, as quais nunca passaram pelas situações ali descritas, elas narram a história que parte de algo que é realidade na vida dos surdos.

c) **O Feijãozinho Surdo** (KUCHENBECKER, 2009) - Esta história, escrita por uma professora ouvinte, foi criada a partir de vivências dela com crianças surdas, a fim de demonstrar as ansiedades que ocorrem com as famílias quando nasce um filho surdo. Com o objetivo de mostrar o que acontece nas escolas inclusivas e nas escolas especiais para surdos, a obra apresenta-se no formato impresso e sinalizado em DVD, tendo sido criada em 2009.

3.4 - Características das histórias, uma primeira aproximação

Ao assistir o material selecionado, realizei uma análise prévia dos elementos a serem evidenciados pelas informantes. A princípio, enumerei cada um dos detalhes encontrados nos filmes de acordo com as características de análise realizada anteriormente em minha pesquisa na especialização, já citada anteriormente. Isto foi realizado em forma de texto, no entanto, percebi que seria bem melhor organizar em forma de tabela³². Nesta tabela organizei a parte técnica em 12 itens e os elementos da Libras e da Cultura Surda em 9

³² A análise feita em forma de texto, mais completa, encontra-se em anexo – Analise de Livros Digitais em Libras.

itens. Com esta ferramenta torna-se mais fácil efetuar a comparação entre os vídeos e as análises das entrevistas.

3.5 - As questões e o processo das entrevistas

As perguntas para a entrevista foram selecionadas anteriormente a fim de orientar os informantes e desencadear a discussão a respeito dos vídeos. Os questionamentos são importantes porque são capazes de fornecer as bases que preciso para a construção da resposta da minha pesquisa.

- a) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?
- b) Como tu analisas a sinalização feita?
- c) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?
- d) Percebes marcas surdas neste vídeo?
- e) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?
- f) Tem algum outro material da literatura surda que tu mais gostes?
- g) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

As perguntas “a”, “e” e “f” não indicam diretamente os elementos anunciados anteriormente, quais sejam: técnica, elementos da cultura surda e Libras. Todavia, considerei que as respostas a essas questões possibilitariam narrativas mais amplas por parte dos informantes, permitindo outros exames das categorias da pesquisa. Durante a pesquisa, estas perguntas não só permitiram essa ampliação, como fizeram surgir outras categorias de análise muito mais abrangentes, o que enriqueceu consideravelmente o estudo.

Como já explicitado anteriormente, optei por realizar as entrevistas em dupla, com pessoas que moram em regiões próximas. Por isso, organizei-me de maneira estratégica para fazer as entrevistas em duplas, nas quais elas assistiam aos mesmos vídeos e seguiam a mesma ordem e sequência nas entrevistas.

A apresentação dos vídeos foi feita através de notebook para que os entrevistados assistissem às histórias. Utilizei a filmadora em um tripé para que

pudesse registrar de maneira clara todas as respostas. Primeiramente, apresentei uma história e depois procedíamos às perguntas, para somente depois apresentar o próximo vídeo. É importante salientar que os vídeos não foram apresentados todos no mesmo dia, pois seria impossível fazer todas as discussões visto que um dos vídeos tem a duração de 24 minutos. Estabeleci um tempo limite de duas horas para a duração das entrevistas, para que fosse um momento satisfatório para todos.

Após assistirem a cada um dos vídeos, eu lançava a pergunta e os entrevistados procediam ao debate ou à expressão de suas opiniões. E assim foi com cada pergunta, em um total de sete.

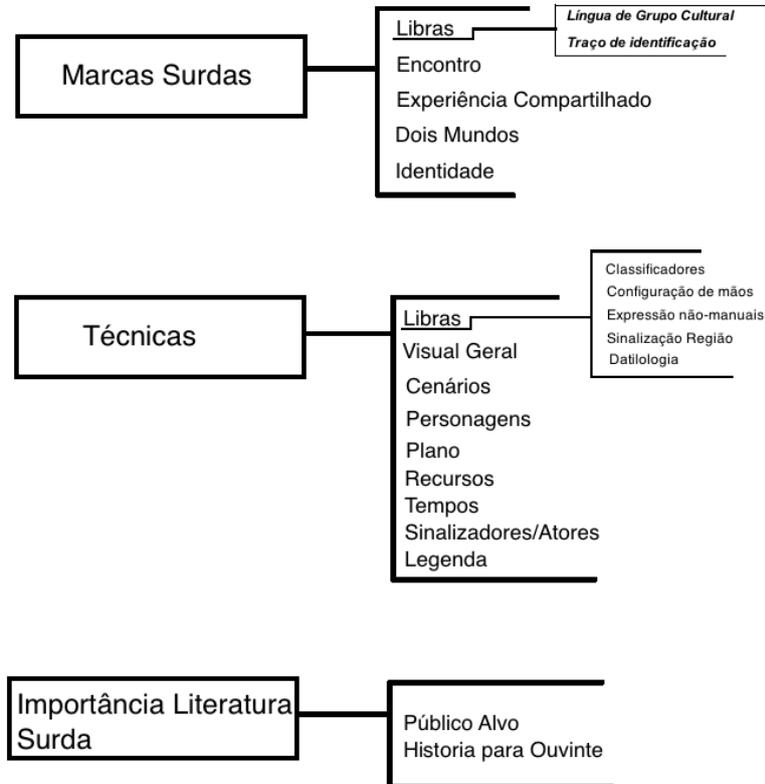
Com as entrevistas prontas, revi cada uma delas algumas vezes para conhecer melhor as opiniões expressadas. Em outra ocasião, juntamente com a intérprete da Libras, procedemos à transcrição das respostas para o Português escrito. No momento da transcrição, aproveitei para incluir minhas observações sobre as respostas das duplas e também algumas considerações teóricas sobre os pontos levantados.

Até agora esta dissertação apresentou a trajetória teórica e metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa. No próximo capítulo, será feita a análise dos dados obtidos, bem como a articulação teórica com os achados da pesquisa.

CAPITULO IV

A HISTÓRIA TOMA FORMA

Neste capítulo, apresento as análises das respostas registradas durante a coleta de dados com os três grupos de informantes. A partir da metodologia utilizada, tinha em mãos toda a transcrição dos dados. Comecei a procurar o que se repetia, começando pela técnica e cultura surda/Língua de Sinais. Durante as diversas leituras que efetuei dos materiais, percebi outras categorias que se repetiam, além das duas que havia estabelecido anteriormente. Agrupei-as o que resultou nas seguintes categorias de análise:



Nesse momento, começo a apresentar a análise de cada uma das categorias, trazendo as sinalizações dos professores que participaram da pesquisa. A fim de entendimento do leitor, cabe explicar o procedimento para identificação dos excertos. Eles serão identificados a partir de três diferenciações: o local, o entrevistado e a história sobre a qual ele manifestou a opinião. Quanto ao local, foram divididas em três regiões – Região 1, Região 2 e Região 3. Quanto ao entrevistado, eles foram identificados a partir de personagens de clássicos infantis, como segue:

- Região 1 – Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho
- Região 2 – Sininho e Patinho Feio
- Região 3 – Cinderela e Rapunzel

Os excertos foram escritos utilizando a letra em itálico para diferenciarem-se das citações de autores.

4.1 - Marcas Surdas

Antes de iniciar a apresentação da análise desta categoria, considero importante conceituar o que significa marca surda. Este conceito ainda não se encontra finalizado, mas sendo construído à medida que pesquisas nesta área estão sendo feitas.

Podemos pensar em marcas como cicatrizes, o que constituem subjetividades nos indivíduos. Segundo os autores Lopes e Veiga-Neto (2006, p.2),

Marcas, portanto, não são somente traços materiais; marcas são, também, impressões que, ao informarem sobre como o outro me vê, imprimem em nós sentimentos que nos constituem como um sujeito marcado pelo outro e, por isso, diferente em relação ao outro.

Tratamos aqui, especificamente, sobre marca surda, que é o jeito de ser e viver dos surdos. Também Perlin escreve sobre este jeito de ser surdo:

Se nos consideramos surdos não significa que temos uma paranóia. Significa que estamos sendo o outro com nossa alteridade. Somos o surdo, o povo unânime reunido na auto-presença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença de outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos surdos! (PERLIN, 2003, p.90)

E a maneira como ele experiênciava todas essas coisas é através do corpo surdo. Este corpo é o que ele possui disponível para andar, visualizar, sinalizar, sentir, subjetivar. Lopes (2006) usa a expressão “marca primordial” para afirmar que a primeira marca surda sobre a qual as outras passam a ser criadas e a fazer sentido é a surdez presente no corpo. A partir desta marca primordial temos as outras marcas, que são a Língua de Sinais, a identidade, a participação na comunidade e nas lutas e movimentos, a história do povo surdo, o relacionamento familiar, todos esses constituindo o que podemos chamar de cultura surda. Além destas, existem outras que serão percebidas a partir dos excertos das entrevistas que compõem essa análise e contribuem para um maior entendimento do que significam e quais são as marcas surdas.

No quadro apresentado no início destas análises, registro as marcas surdas naquele formato por uma questão didática, porém elas não são estanques, pois podem acontecer simultaneamente ou uma fazendo com que a outra aconteça, em uma perspectiva relação de imanência³³.

Apresento aqui o primeiro excerto que nos mostra uma das marcas surdas relacionadas às experiências compartilhadas pelos surdos em seus contextos familiares.

Outra coisa que aparece, e que de fato é uma marca surda, é a preocupação que os pais ficam ao descobrir que o filho é surdo. Todo aquele medo e angústia que mostra a história acontece na vida dos pais que têm filhos surdos. (Excerto 1 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Feijãozinho Surdo)

A maioria dos pais, ao descobrir que o filho é surdo, fica aflita e preocupada sem saber como agir com um filho diferente deles. A partir deste momento, acontecem vários desentendimentos e problemas na família até conseguir entender o que fazer com seu filho. Mas este processo demora muito, pois são muitas procuras pelo médico, por uma escola, pela fonoaudióloga. Em todo este tempo, como fica a criança surda? O que ela sente? Vilhalva (2004, p. 34) descreve o que sentia nestes momentos:

³³Segundo Bernardes e Hoenisch (2003, p. 119): “[...] Não sendo um precedente ao outro, como se tivéssemos uma hierarquia, em que viria primeiro uma categoria e depois a outra, mas, ao contrário, trata-se de uma constituição simultânea em relação à outra, em um plano de imanência.”.

Voltamos para casa e ao chegar começou aquela choradeira de novo, e eu mais uma vez sem entender porque todos tinham que chorar. Ângela tentava me explicar que as pessoas estavam tristes porque eu não poderia ouvir como uma pessoa ouvinte. Foi muito difícil para eu entender o que acontecia com eles.

Segundo Vilhalva, este sentimento é comum entre os surdos e é amenizado quando estes se encontram com os seus semelhantes.

Muitos Surdos tiveram que renascer ao entrar para a comunidade surda. Aquele sentimento de estar só no mundo acaba e o medo das pessoas vai diminuindo, até porque se sai de um mundo apenas oral-auditivo e passa-se a ter o direito de comunicar-se através da Língua de Sinais. (VILHALVA, 2001, p. 29)

Nos excertos abaixo, percebemos a importância deste encontro expressada em relação às diferentes histórias. Primeiramente, na história “Um Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”, foram feitos os seguintes comentários:

O surdo pensa que vive sozinho no mundo de ouvintes, que no futuro não vai poder frequentar uma escola, que vai viver sempre sozinho e diferente da sua família. Quando encontra pessoas semelhantes, ele consegue sentir alegria por descobrir que existem dois mundos diferentes e encontrar o dele. Ele se sente aliviado por saber que vai poder estudar e conviver com os seus semelhantes. Se o surdo não encontra os seus semelhantes ele vai crescer sem base nenhuma, até envelhecer, terá uma vida vazia. Por isso, os surdos que encontram os seus semelhantes têm muita sorte, pois vão se constituir como surdos, adquirir uma língua e tornar-se pessoas felizes. (Excerto 2 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – Um Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

[...] Achei muito boa a história porque, geralmente, os surdos não têm informações, não sabem quem são, falta informação para eles. Como na história, a menina não sabe por que as bocas mexem-se, pois ela não tem conhecimento do mundo de ouvintes e do mundo dos surdos. Essa história retrata um problema que acontece com as crianças surdas. (Excerto 3 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Também na história “Peter Pan Surdo” foram observadas essas experiências compartilhadas entre os surdos: juntei os excertos de cada história para melhor acompanhamento do leitor.

[...] a história mostra exatamente como acontece o sofrimento do surdo ao conviver com pessoas que falam o tempo inteiro, enquanto ele nem sabe o que está acontecendo. Ele se sente o único no mundo, pois

todos a sua volta são ouvintes. Fica confuso, negativo, estranho, sem saber quem é de verdade. Depois, quando encontra alguém que utiliza a Libras, ele descobre que há outras pessoas que são iguais a ele, é o encontro com o outro surdo. Enquanto isso não acontece, ele se pergunta 'quem sou eu?'. Hoje existe mais informações sobre isso, também nas escolas, mas antigamente isto não acontecia, não existiam estas informações. (Excerto 4 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – Peter Pan Surdo)

Gostei da história, pois em casa eles aprendiam sobre o implante coclear e quando o Peter Pan levou-os para conhecer outro mundo, eles descobriram a Língua de Sinais. Com a Língua de Sinais eles sentiram um impacto, uma emoção. Ao voltar para casa, seguiram sinalizando entre eles e veio o momento em que os pais impactaram-se com isso. Antes falar sobre implante coclear era algo natural, que eles não questionavam, até conhecer o seu mundo de fato. Com isso perceberam que o implante coclear não seria o melhor para eles. (Excerto 5 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

Este sentimento de estar sozinho, de ser diferente dos demais é muito comum acontecer entre os surdos. Eles permanecem perdidos em meio aos ouvintes e quando encontram a comunidade surda é como se tivessem entrado em um outro mundo, totalmente diferente do que estavam antes, mas um mundo seu, próprio. Perlin (1998 e 2001) comenta sobre os sentimentos que levam a acreditar na existência destes dois mundos. Percebemos isso nos excertos que se seguem:

Essa história é muito importante porque ela mostra a vida dos surdos que não tem emoção porque pensam que são iguais a todo mundo. Após um tempo acontece um choque porque o surdo descobre que não pertence àquela comunidade que estava acostumado, que existem dois mundos diferentes. No mundo em que ele estava acostumado não havia emoção, ele vivia angustiado. Fiquei admirada pois a história mostra realmente o que acontece. (Excerto 6 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

A história demonstra muito bem a maneira como a criança sente-se ao nascer surdo. Esta história é muito semelhante ao Tibi e Joca, mostrando estes dois mundos e a maneira como as crianças angustiam-se entre eles. (Excerto 7 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Feijãozinho Surdo)

Muitos surdos compartilham essa história de oralização e do encontro com a comunidade surda e, quando ele assiste a um vídeo como esse, vai pensar que, de fato, já passou por isso também. (Excerto 8 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Mistério a Resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Durante as entrevistas, pude perceber uma preocupação muito grande com a Libras, pois nas histórias que falavam diretamente sobre os surdos, os personagens sentiam-se perdidos, sem conseguir comunicar-se. Ao encontrar a Libras, sua vida é transformada, adquire um significado. Isto porque a Libras é a base da vida dos surdos, principalmente por causa da comunicação e da significação do mundo.

A Libras é uma marca surda. A aquisição da identidade surda é outra marca e ela acontece em contato com outros surdos. [...] Ao crescer, os surdos não sabem exatamente quem são e, ao conviver com ouvintes que tem um jeito de vida totalmente diferente, há um aumento dessa tensão. Essas dúvidas que surgem em sua mente só vão desaparecer quando entram em contato com outros surdos e com a língua de sinais. (Excerto 9 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

O momento em que a fada dá ao surdo a capacidade de sinalizar relembra a marca surda que acontece quando há o encontro com os outros surdos e é iniciada a utilização da língua de sinais. (Excerto 10 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Feijãozinho Surdo)

O encontro com a Língua de Sinais é uma marca surda. Isso é exemplificado no momento em que as personagens viram outros sinalizando e perceberam que são semelhantes e começaram a sinalizar também, esquecendo a oralização. (Excerto 11 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

[...] O que aparece na história representa como cada um de nós, surdos, constitui nossa subjetividade ao viver no mundo onde as pessoas falam e o momento quando acontece o contato com a Libras é recorrente em diversos casos. (Excerto 12 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Peter Pan Surdo)

No momento em que os surdos entram em uma “terra” que é deles, em seu território, é que eles vão começar a constituir e aprender sobre a subjetividade surda, a cultura surda, a língua de sinais e, assim, aumentar o conhecimento sobre a vida dos surdos. Isto é um fato muito comum na vida dos surdos, essa falta de conhecimento anterior e o desvelamento das dúvidas quando encontra a “sua terra”, pois antes eles conviviam em um território predominantemente ouvinte.

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. (PERLIN, 2004, p. 77-78)

Perlin escreveu sobre esta construção do ser surdo. Também Lopes e Veiga-Neto falam desta construção produzida a partir da diferença.

Ser surdo pode ser compreendido como a possibilidade de ter uma existência construída sobre marcadores que afirmam a produtividade da diferença, a presença imperiosa do ser sobre o si – um ser que não remete a uma essência, mas a subjetividades construídas e conjugadas a partir do outro surdo. (LOPES e VEIGA-NETO, 2006, p. 91)

Apresento agora um excerto que mostra que, realmente, é uma marca o encontro com o outro surdo.

Mostra exatamente como a identidade surda constrói-se e a relevância do encontro dos surdos com o seu semelhante, quando até então ele estava sozinho. Um surdo que já viveu isso consegue reconhecer-se facilmente na história. (Excerto 13 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Algo que geralmente acontece com os surdos que não conhecem e não possuem contato com a comunidade surda é o sentimento de não pertencimento àquele espaço em que se encontra. Ele sente como se algo faltasse, pois aquele lugar e aquelas pessoas com as quais habita, não satisfazem suas necessidades e carências de respostas, de comunicação, de sentido de vida. Esse sentimento de vazio, de falta, gera uma busca, uma procura por algo que ele não sabe exatamente o que é, mas que descobre no momento em que encontra o outro surdo, o povo surdo.

O próprio fato de ir até o povo surdo é uma marca. (Excerto 14 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Peter Pan Surdo)

No entanto, também pode acontecer de algum surdo não encontrar o outro surdo tão rapidamente, então ele vai tentar ser igual ao outro com quem ele mantém contato, que é o ouvinte. Isso foi percebido em uma das entrevistas, durante uma história na qual o personagem tenta copiar o outro, que é totalmente diferente, como percebemos abaixo:

Eu amei a história porque mostra para as crianças as diferenças que existem e que não devemos tentar imitar ou ser igual a outras pessoas.

Como no caso dos surdos, tentando imitar os ouvintes oralizando. Não deve ser assim, tem que ser como o surdo é. Às vezes, os surdos tentam colocar aparelhos auditivos e tentam oralizar ou alguns até chegam a fazer o implante coclear, mas de nada adianta. Tem que ser como o surdo é, diferente. (Excerto 15 – Entrevista Região 2 - Patinho Feio – O Sapo e o Boi)

Os participantes da pesquisa nas três regiões sinalizaram que na história o “Passarinho Diferente” não existem marcas surdas, pois esta história não retrata nada diretamente sobre surdez, mas que é possível fazer uma ligação com acontecimentos da vida dos surdos, assim como da vida de qualquer deficiente ou diferente.

Outro ponto da história é quando os pais percebem que o último filhote é diferente. Surge então a preocupação, assim como quando nasce um filho diferente e começam a procurar pelo médico que constata que, de fato, é surdo. Depois vão pedir ajuda na igreja, fazem promessas, mas de nada adianta, pois o filho ainda não consegue ouvir. Gasta-se muito dinheiro com fonoaudióloga, aparelhos, mas em vão, pois o filho continua surdo. E essa preocupação é geral em todos os pais. Isso acontece porque muitos pais pensam que os surdos não são capazes, assim como os pais pensavam que o passarinho precisava ter o bico torto para ser feliz. Quando o surdo cresce, os pais acabam percebendo quanto tempo perderam e como, de fato, seria melhor com a língua de sinais desde o início. (Excerto 16 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve - O Passarinho Diferente)

Marcas surdas não existem. O que podemos fazer é uma relação entre surdos e ouvintes. (Excerto 17 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio - O Passarinho Diferente)

Realmente não há marcas surdas, mas podemos visualizar a vontade que os ouvintes têm de fazer os surdos oralizar e não sinalizar. (Excerto 18 – Entrevista Região 2 – Sininho - O Passarinho Diferente)

A história não demonstra se os pássaros representam surdos ou ouvintes, ela exalta as diferenças, em geral. Mesmo assim, conseguimos entender perfeitamente a comparação que está sendo feita. Achei muito interessante por isso, pois não fala dos surdos, fala em geral. O passarinho do bico torto fala, é ouvinte, enquanto o passarinho do bico reto, não fala, é surdo. Mas isso não é mostrado durante a história. Apesar disso, se o surdo assiste, ele é capaz de entender perfeitamente a comparação que está sendo feita. Quando um surdo, seja professor ou aluno assistir, saberá que se trata da relação entre surdos e ouvintes, embora isso não seja mencionado na história. Ela mostra claramente a questão dos pais que querem que, ao nascer, seu filho seja igual, não importando se a família é de surdos ou de ouvintes. Mostra a realidade. Achei muito legal. (Excerto 19 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Passarinho Diferente)

Esta história diz respeito a surdos e ouvintes e também a gordos e magros, pessoas com cabelos lisos e crespos, qualquer relação na qual algum tipo de preconceito acontece. Não é uma história apenas de surdos e ouvintes, ela ultrapassa a barreira das diferenças. É como se fosse uma comparação com o que vemos no mundo atual. Muito importante divulgar e mostrar a questão do respeito às diferenças e do não incentivo ao preconceito. (Excerto 20 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

Os excertos acima mostram que a história “O Passarinho Diferente” não apresenta uma história baseada em experiências com os surdos, por isso não tem uma marca surda identificável. A história pode ser comparada com eventos na vida dos surdos, mas o fato de a história ser contada em Libras representa uma marca.

4.2 - Análise da categoria Técnica

Neste ponto apresento a análise feita a partir das opiniões relatadas sobre a técnica dos vídeos. Começo analisando a maneira como a Libras foi sinalizada, bem como todos os recursos que podem ser utilizados, como os classificadores, as expressões não-manuais e a datilologia³⁴.

Durante a análise tornou-se complicado separar quando a análise da Libras era sobre parte técnica ou marcas surdas. Cabe salientar que elas estão entrelaçadas, mas que para uma questão de análise, discutimos aqui sobre o que seria a parte técnica da sinalização. Nesta pesquisa, apresentamos estes pontos como sendo fundamentais para que o vídeo tenha uma qualidade capaz de atingir o objetivo de transmitir a história e circular em todas as comunidades surdas. Por isso, é importante preocupar-se com a maneira como os vídeos estão sendo sinalizados.

Também apresento opiniões sobre as diferenças de sinalização entre as diversas regiões de nosso país e sobre a questão de adaptação dos sinais de acordo com a idade do público alvo.

Muitas foram as percepções dos entrevistados ao analisar a sinalização dos vídeos. Eles não se detiveram apenas na sinalização em si,

³⁴ O alfabeto manual representa as letras do alfabeto das línguas orais. É usado por surdos para identificar nomes próprios e palavras da língua portuguesa, quando necessário. (KARNOPP e QUADROS, p. 39, 2004)

mas em todos os elementos e recursos que poderiam ser observados como, por exemplo: a maneira como os personagens eram diferenciados, o vocabulário, o movimento em cena, uso de sinais diferentes. Foi uma análise muito criteriosa e observadora, pois eles estavam atentos para saber se os vídeos, de fato, seriam entendidos. No geral, a avaliação feita deste item foi positiva.

Achei a sinalização perfeita. O vocabulário em Libras é bem rico. (Excerto 21 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

Na sinalização os movimentos são bem utilizados, as expressões faciais, os classificadores, o ponto de locação, a configuração de mão, tudo o que é necessário. [...] (Excerto 22 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Passarinho Diferente)

Está bem clara mesmo. Além do uso de classificadores e expressões faciais, o movimento do corpo para a mudança de personagem é perfeita. Tudo é bem leve. Perfeito! Inclusive pode ser apresentada em qualquer região do país. (Excerto 23 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Passarinho Diferente)

[...] A sinalização está muito clara, mas precisava ser mais resumida. Os sinais são claros, pois são os utilizados aqui no RS. (Excerto 24 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

Foi apresentada a preocupação em relação a duas das histórias com referência ao modo como foram sinalizadas:

[...] Olhando a legenda e a sinalização parece que ficou Português sinalizado. Não foi sinalizado respeitando o contexto da Libras, mas do Português. Não foi utilizada a própria imaginação para sinalizar, mas foi uma cópia do Português. (Excerto 25 – Entrevista Região 2 – Sininho – Chapeuzinho Vermelho)

A sinalização é bem simples e resumida, igual ao que está escrito no livro, apenas foi pego do livro e traduzido. [...] No feijãozinho surdo foi sinalizado apenas o que estava em cada uma das páginas. (Excerto 26 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Feijãozinho Surdo)

É extremamente importante que a sinalização da Libras aconteça como primeira língua, ou seja, de maneira pura³⁵. Na contação de histórias é

³⁵ Significa sinalização que não tem influência de ouvintes ou de sua cultura e também que não possui indicações da estrutura da Língua Portuguesa. É uma produção exclusiva na Língua de Sinais, sem qualquer outra influência linguística.

necessário mostrar de maneira clara como é a estrutura da Libras³⁶, sem fazer uma reprodução do Português. Nestas histórias, os sinalizadores não sinalizaram livremente, mas ficaram presos ao Português, o que pode prejudicar o entendimento da história e a reprodução desta estrutura pelas crianças que as assistirem.

Um dos recursos utilizados na Libras, o qual foi muito citado pelos entrevistados, foi o uso dos classificadores. Eles surgem auxiliando e facilitando o entendimento do contexto que está sendo sinalizado. Os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto, os classificadores na Libras são marcadores de concordância de gênero, pessoa, animal, coisa. Eles também podem ser apresentados no plural, que é marcado ao representarem-se duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

É quase como se fosse uma poesia, a maneira como sinaliza as montanhas é bem claro, como o uso dos classificadores. [...] (Excerto 27 – Entrevista Região 1 – Branca de Neves – O Passarinho Diferente)

Também a localização no espaço é muito bem feita, posicionando os sinais nos lugares certos, as casas, montanhas, árvores, tudo com o uso correto dos classificadores. (Excerto 28 – Entrevistas Região 1 – Branca de Neve e Chapeuzinho – O Passarinho Diferente)

Tem também a questão do uso dos classificadores, que é homogêneo em todo o lugar. Isso, por exemplo, resolveria o problema do sinal de pão, se fossem usados os classificadores [...] (Excerto 29 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Durante a análise das entrevistas, no que tange aos pontos das sinalizações em Libras nos vídeos, percebi que a maioria dos comentários foi sobre a importância da configuração de mãos, das expressões não-manuais. Quando algum sinal não é entendido, há um comprometimento na

³⁶ Para um maior esclarecimento sobre a estrutura da Libras, ver: QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

compreensão do contexto, para que isso não aconteça, os classificadores e as expressões devem estar presentes.

[...] Língua de Sinais é necessário o canal da visão; também esse é o meio fundamental para a sua produção, esta que se constitui através da articulação das mãos no espaço de sinalização e das expressões ou sinais linguísticos não-manuais. Desse modo, é natural que as indicações (sinais dêiticos) e as suas retomadas (através do recurso da anáfora) sejam feitas através de sinais manuais padrão (ou seja, aqueles dicionarizados); classificadores, que são sinais compostos de determinadas configurações de mãos para representar uma classe semântica de referentes; e direções e comportamentos do olhar, de acordo com as escolhas dos sinalizantes. (ANATER e PASSOS, 2009, p. 51 e 52)

As configurações de mãos diferentes são utilizadas para que a história seja entendida mais claramente. Brito (1995), Karnopp (1994) e Quadros e Karnopp (2004) pesquisaram as configurações de mãos na Libras e descobriram 46 tipos diferentes e Pimenta (2005) apresenta 64 tipos diferentes. Seu uso é fundamental para a construção da sinalização. Alguns surdos utilizam estas configurações juntamente com os classificadores para apresentar algum movimento da história para o qual não há um sinal específico. Isso foi apresentado em um excerto, com relação a uma das histórias.

Existe clareza na Configuração de Mãos, mas seria importante se antes da história fosse explicado um pouco sobre elas, para que a história fosse melhor percebida, ou seja, dicas prévias das configurações de mãos que são utilizadas para representar as patas, também os bicos conversando, o bico torto e outras configurações de mãos diferentes que aparecem. (Excerto 30 – Entrevista Região 2 – Chapeuzinho Vermelho – O Passarinho Diferente)

Eles sinalizaram que a Língua de sinais é produzida com as mãos, mas sempre com o apoio do corpo e da face para mostrar mais claramente o que a história está apresentando.

Eu percebi que a Libras é confusa, não é clara. Com a ajuda das expressões faciais e corporais e dos classificadores, foi mais fácil de entender. Se não tivessem sido utilizados os classificadores e as expressões faciais e corporais, eu não teria entendido nada. Assim foi mais fácil perceber o contexto da história, mas com muito esforço. Essa história de passar pela oralização e depois pela sinalização é um processo complicado. A sinalização foi muito difícil para mim, imagine

para as crianças! Deve haver uma dedicação, um estudo para melhor entendimento. (Excerto 31 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

O uso dos classificadores é perfeito. Há muita utilização de expressões faciais e poucos sinais. A maior parte da história é contada através de classificadores. (Excerto 32 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo)

As expressões faciais, os classificadores e toda a sinalização são claras. Excelente. É bem claro para as crianças entender. (Excerto 33 – Entrevista Região 1 – Patinho Feio - O Sapo e O Boi)

Outro ponto muito salientado durante as entrevistas foi sobre as expressões não-manuais. Durante algumas histórias, estas expressões foram definitivas para o entendimento do contexto da história. Elas são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação, que nas línguas orais é feita através do aumento ou diminuição da voz, em Língua de Sinais é feita pela expressão facial. Além disso, as expressões não-manuais têm outras funções, como explicado por Karnopp e Quadros (2004, p. 60):

As expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. As expressões não manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco.

Apresento, agora, o excerto das entrevistas que mostram a importância das expressões não-manuais nas histórias assistidas:

[...] pois as expressões dele são muito ricas e elas poderiam captar tudo isso. [...] (Excerto 34 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Peter Pan Surdo)

As expressões faciais também são muito claras. Se não fosse assim, tornaria difícil o entendimento. Mas com as expressões faciais fazendo um elo com os sinais, há um entendimento muito claro de todo o contexto [...] (Excerto 35 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Passarinho Diferente)

[...] As expressões faciais e corporais mostram claramente o contexto. Mesmo que eu não saiba o sinal, eu consigo entender. O contexto é perfeito. (Excerto 36 – Entrevista Região 3 – Cinderela - O Passarinho Diferente)

[...] Com as expressões faciais conseguimos entender o contexto perfeitamente. [...] (Excerto 37 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

Os vídeos analisados retratam o sinalizador utilizando datilologia e, durante a entrevista, surgiram opiniões contrárias a esse uso, pois isso poderia prejudicar o entendimento das crianças, até por que as palavras que foram soletradas possuem sinal, porém os mesmos não foram utilizados. Os entrevistados são do Estado do Rio Grande do Sul e estão acostumados a utilizar sinais para essas palavras, no entanto os vídeos são de outros lugares do país, onde há o costume de utilização da datilologia. A preocupação principal dos entrevistados é em relação às crianças surdas, que podem não entender as palavras, sendo primordial o uso da Libras primeiro, para que depois possa ser introduzida a datilologia.

Apenas uma coisa achei confusa: o uso de datilologia como, por exemplo, para a palavra UVA. Depois, ele utiliza classificadores para mostrar que comia uva, mas não apresentou a palavra. Além dessa, ele usou datilologia para outras palavras, como PAI e MÃE. (Excerto 38 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Passarinho Diferente)

Como por exemplo, MÃE que é utilizado. Precisaria utilizar sinais, ou o de mãe, ou classificadores que facilitassem para a criança pequena entender do que se trata. (Excerto 39 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexederias)

[...] Achei estranha a questão da datilologia para MAMÃE. Achas que as crianças vão entender? Fico em dúvida. Também para MAU, eles não vão entender o significado de MAU, só vendo o sinal. Por isso é importante dar dicas de que MAU corresponde a tal sinal, para que elas aprendam. (Excerto 40 – Entrevista Região 3 – Rapunzel–Chapeuzinho Vermelho)

Foi utilizada muita datilologia, porém achei reduzido o uso dos classificadores. (Excerto 41 – Entrevista Região 2 – Sininho – Chapeuzinho Vermelho)

Eu percebi a Libras muito clara, com um excelente expressão corporal e facial, mas só a questão da datilologia foi o problema, porque os

alunos não vão entender. Seria necessário dar as dicas antes. (Excerto 42 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – Chapeuzinho Vermelho)

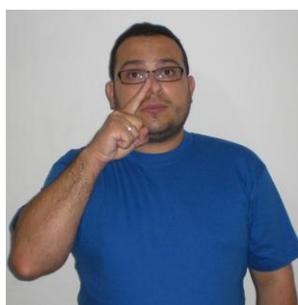
Libras é a língua de sinais do Brasil, o qual é um país enorme e, por isso, existem diferentes pessoas e culturas. Um exemplo disso influenciando as línguas orais é o nome diferente dado para alguns alimentos dependendo da região do país, como `macaxeira`, `mandioca` ou `aipim`. Com a Libras, isso também acontece. Acredito que esse fenômeno aconteça devido às diferentes construções da comunicação que acontecem nesses locais. Alguns exemplos dessas diferenças na Libras são os sinais de PAI, MÃE, PESSOA, ÔNIBUS, entre outros. Apresento a seguir alguns exemplos de sinalização levando em consideração diferentes cidades/regiões³⁷.



Mãe – Recife (PE)



Pai – Recife (PE)



Mãe – Pelotas (RS)

Figura 10: Variações sinal mãe



Pai – Pelotas (RS)

Figura 11: Variações sinal pai

³⁷ Estudos sobre variação linguística em Libras ainda não são muito frequentes. Recentemente Karina Ávila Pereira defendeu a dissertação intitulada “Variação linguística em Libras no contexto da educação de surdos” no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PEREIRA, 2011).



Pessoa – Pelotas (RS)



Pessoa - Rio de Janeiro (RJ)

Figura 11: Variações sinal pessoa



Ônibus – Recife (PE)



Ônibus – Florianópolis (RS)

Figura 12: Variações sinal ônibus

Quando surdos de regiões diferentes encontram-se, é necessário adaptar esses sinais, todavia isso acontece muito rapidamente, pois os surdos têm uma facilidade muito grande de percepção visual dos sinais.

A maioria dos vídeos escolhidos para esta pesquisa foi produzida em outras regiões do país. Por isso, nas entrevistas, essas diferenças regionais foram percebidas, conforme excertos abaixo:

[...] mas tem algo um pouco difícil, pois a sinalização utilizada é diferente da que utilizamos aqui no RS. Faltam sinais mais próximos aos que usamos aqui. Achei o contexto da sinalização um pouco difícil e também esta muito rápida. (Excerto 43 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Eu gostei da história, mas, de fato, a Libras utilizada no vídeo é como se fosse um dialeto de outra região. [...] Por isso, acredito que só a partir da 4ª série para que consigam entender. É impossível termos uma Libras única em um país tão grande. Este DVD utilizou a sinalização que circula naquele meio. Precisaria ser feita uma adaptação para os sinais do RS, mas não sei como. (Excerto 44 –

Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

[...] a sinalização é bem leve e a atriz também sinaliza dessa maneira. Eu consegui entender todos os sinais, mas algumas crianças daqui não entenderiam, como, por exemplo, mãe e pai, em que ele utilizou a datilologia, pois ele fez uma configuração de mão diferente. Eu consegui entender, pois já viajei por diversos lugares, mas as crianças aqui de Santa Maria não sei se entenderiam. Primeiro seria necessário ensinar estes sinais, para depois apresentar o vídeo. (Excerto 45 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

No vídeo eles utilizaram os sinais de seu local de origem, não se preocuparam em utilizar sinais gerais. Depois de apresentar o vídeo, com certeza surgiriam diversas perguntas das crianças. Eles utilizaram os dialetos da própria região. Deve haver respeito pelos sinais deles. Precisaria haver uma tradução, como, por exemplo, o sinal de pão aqui é assim “e o sinal de pão lá é assim”. (Excerto 46 – Entrevista Região 3 – Sininho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Uma coisa boa nessa história é que são utilizados sinais do Rio Grande do Sul, sinais mais leves. [...] (Excerto 47 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Feijãozinho Surdo)

[...] Acho que a partir da 4ª série é possível apresentar, juntamente com dicas para o entendimento deste dialeto que possui alguns sinais que são diferentes, como MÃE, PAI. [...] Por isso, acho que só a partir da 4ª série para que consigam entender. É impossível termos uma Libras única em um país tão grande. Este DVD utilizou a sinalização que circula naquele meio. Precisaria ser feita uma adaptação para os sinais do RS, mas não sei como. (Excerto 48 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Ainda referente à análise técnica, os entrevistados emitiram opiniões sobre a imagem e o visual dos vídeos. Os aspectos analisados são: a imagem e o cenário.

Sobre a imagem da tela, várias foram as opiniões durante as entrevistas e, muitas delas, contribuindo para que o visual seja melhorado e para que o entendimento da história aconteça, evitando prejuízos. Durante as entrevistas, estas respostas foram as que surgiram mais rápido, pois “saltaram” aos olhos. Eles foram muito críticos em relação a esta parte, pois o visual claro é imprescindível para os surdos.

[...] As imagens também são muito claras, tudo de muito bom visual. (Excerto 49 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Passarinho Diferente)

Achei a imagem bem clara, nítida. (Excerto 50 – Entrevista Região 2 – Sininho– O Passarinho Diferente)

As duas opiniões anteriores apresentam uma visão geral, no entanto em relação a apenas uma história. A partir de agora, apresentaremos alguns itens que são fundamentais para que o visual do vídeo seja claro. Estes itens são: cenário e o plano, as imagens alternadas que passam em alguns vídeos, os personagens e os materiais que são utilizados para caracterizá-los. Em relação a estes itens, os entrevistados foram críticos e sugeriram ideias para que possa ser melhorado, como mostra o excerto abaixo:

Eu achei o cenário bem atrativo, com desenhos que chamam a atenção das crianças, próprio para o público infantil. A roupa dos personagens está boa, mas pouca. Precisaria que os personagens trocassem de roupa, pois é mais visual. A vovó precisaria do óculos, do vestido. (Excerto 51 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Chapeuzinho Vermelho)

Começaremos com os excertos que apresentam críticas positivas em relação a estes itens:

Acho que o visual ao fundo ficou muito bom, está excelente para as crianças. (Excerto 52 – Entrevista Região 2 – Sininho – Chapeuzinho Vermelho)

Achei a parte técnica muito boa também. Além do cenário, a roupa do sinalizador está muito adequada e a iluminação também. O espaço de sinalização é bem amplo. Tudo perfeito. (Excerto 53 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Passarinho)

O cenário apresenta desenhos abstratos que são bonitos e não atrapalham a sinalização. (Excerto 54 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Passarinho Diferente)

Achei a parte técnica muito clara, o cenário e o enquadramento proporcionaram um campo de visão bem amplo. (Excerto 55 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Feijãozinho Surdo)

As opiniões anteriores apresentaram aspectos positivos em relação ao visual. Duas opiniões foram importantes em relação às imagens que aparecem na tela após a sinalização de duas histórias. Estas imagens têm o mesmo objetivo que as imagens nos livros de história, que são apresentadas antes ou

depois do texto. Nestes dois vídeos, acontece da mesma forma: após a sinalização é apresentada uma imagem que conta uma cena da história, o que facilita para o melhor entendimento da mesma. Seguem os excertos que destacam isso:

As imagens que deslizavam na tela chamam atenção das crianças, fazendo com que elas entendam melhor a história. (Excerto 56 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Achei que o fundo escuro favoreceu a visualização do sinalizador. Apresentar as cenas da história depois das sinalizações contribuiu para o entendimento da história pelas crianças pequenas, conseguindo fazer um elo entre o que foi sinalizado e o desenho. Há também o movimento do sinalizador, sem cortes. (Excerto 57 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Sapo e O Boi)

O cenário, de fato, contribuiu muito para o entendimento da história. Há o cenário e, logo em seguida, a sinalização. [...] (Excerto 58 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Apresento a seguir as críticas negativas que foram feitas aos vídeos. Dentre as críticas, em geral, a maioria foi negativa.

Abaixo encontram-se excertos que apresentam questões sobre os materiais utilizados nas histórias, ou seja, a falta e a falha na utilização de materiais. Este item foi de grande percepção para os entrevistados.

[...] Materiais visuais são inexistentes. Poderiam ter sido utilizadas estratégias para utilização de material visual, mas não foi feito. Os sinais de cada personagem foram realizados muito rapidamente. [...] (Excerto 59 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Peter Pan Surdo)

Quando a chapeuzinho está sinalizando, é utilizada a roupa. Quando é outro personagem, a roupa é tirada. Achei isso um pouco confuso. Quando apareceu o lobo mau comendo a vovozinha, ela não usava roupa. Acredito que ficaria bem melhor se tivesse a caracterização de todos os personagens. Ou então poderia ser mais de um ator, um para cada personagem. Ficou muito confuso assim e acredito que algumas crianças podem não compreender. Melhor seria se fosse apenas uma roupa para sinalizar. (Excerto 60 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Chapeuzinho Vermelho)

A questão da troca dos personagens e a roupa que usa. Só a chapeuzinho usa a roupa correspondente, os outros personagens, não. Por isso fica um pouco confuso para entender o significado dos outros personagens. Para as crianças pequenas se torna muito difícil. [...]

(Excerto 61 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Chapeuzinho Vermelho)

É uma estratégia para as crianças pequenas a utilização da roupa, chapéu, a arma para o caçador, etc. Isso é visual. As crianças gostam mais do visual. Elas conseguem perceber se é um personagem do bem ou do mal por causa da expressão, mas também por causa das roupas e materiais usados. São estratégias. (Excerto 62 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – Chapeuzinho Vermelho)

[...] No momento do caçador poderia ter sido apresentada a espingarda. Para o entendimento das crianças, ficaria bem melhor. Mas não, não utilizaram. Outra coisa ruim foi a presença da legenda, que também atrapalhou. [...] (Excerto 63 – Entrevista Região 2 – Sininho – Chapeuzinho Vermelho)

Nos excertos anteriores, todos são unânimes em afirmar que se houvesse sido apresentados mais materiais, o entendimento da história teria sido muito mais claro e fácil.

Na sequência, apresento excertos com relação ao plano de fundo, sobre o que os entrevistados expressaram a respeito. Alguns afirmaram que faltaram imagens que contextualizassem a história, ou então que as imagens apresentadas eram abstratas e em nada contribuíam para o entendimento da história.

O fundo com desenhos abstratos não colaborou para um visual claro, porém a roupa do sinalizador estava adequada para a compreensão dos sinais. (Excerto 64 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Passarinho Diferente)

[...] o que faltou mesmo foi o cenário contextualizando a sinalização. (Excerto 65 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – Peter Pan Surdo)

A cor do cenário e a cor do sinalizador é a mesma. Eu não gostei disso. Precisariam ser cores diferentes, pois ficou verde e verde. (Excerto 66 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo)

Não há cenário algum. A única imagem é a do próprio sinalizador [...] (Excerto 67 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Feijãozinho Surdo)

A identificação dos personagens também ficou confusa por não haver um fundo que auxiliasse no entendimento. (Excerto 68 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo)

A escolha das imagens do plano de fundo é extremamente importante, pois é uma estratégia que auxilia no entendimento do que está sendo sinalizado. Outro aspecto levantado foi a questão da aproximação da filmagem ou dos desenhos que estão na frente do sinalizador, o que fez com que alguns sinais fossem cortados, dificultando o entendimento da história, como apresentado abaixo:

[...] pois a filmagem ficou muito próxima. [...] (Excerto 69 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – Peter Pan Surdo)

Eu percebi que a filmagem possui alguns cortes que atrapalham a visualização, o que tornou confuso. [...] (Excerto 70 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Eu achei a sinalização muito escura e também muito próxima, o que fez com que alguns sinais fossem cortados. Em alguns momentos até a testa do sinalizador foi cortada. Se a câmera estivesse mais afastada seria bem melhor. O campo de sinalização deve ser bem mais amplo. (Excerto 71 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

Eu achei o visual muito bonito, mas com um espaço muito restrito. As cortinas são bonitas, mas deixaram o campo para sinalização muito pequeno. Acho que na frente não deveria haver nenhum desenho, apenas no fundo, para que fique liberada para a sinalização e o ator possa movimentar-se livremente, sem aquelas barreiras. (Excerto 72 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Também achei o fundo com círculos um pouco confuso. O ideal é um fundo liso. (Excerto 73 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Cuidados com o enquadramento correto da sinalização é fundamental, bem como o campo que o sinalizador possui disponível para se movimentar. Além disso, o ideal é que não exista nenhuma imagem na frente do sinalizador, para que não seja prejudicado o visual, misturando cores fortes com a Libras e o fundo. Quanto mais claro o visual, mais fácil para o entendimento e atração das crianças.

A história é muito interessante, contudo por ser extensa pode prejudicar a atenção ao vídeo. Seria melhor que fosse mais resumida, pois conseguiria prender mais a atenção de quem assiste. Este é um ponto importante a se pensar ao produzir um vídeo de literatura surda, ou seja, o

tempo de duração, para que não seja tão pouco que não conclua, nem que seja muito longo que canse.

Eu achei a história muito gostosa, mas extensa. Achei uma história extremamente criativa e doce. [...] (Excerto 74 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

Achei a história muito extensa. [...] (Excerto 75 – Entrevista Região 2 – Soninho – O Passarinho Diferente)

Eu acho que é muito extensa e com poucos materiais visuais, o que pode gerar cansaço e sono. [...] (Excerto 76 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – Peter Pan)

Outro aspecto apresentado foi sobre a postura do sinalizador, como se ele não estivesse tão seguro do que estava fazendo. Em uma das histórias, o sinalizador contava com a ajuda de outra pessoa que não aparecia em cena. Também aconteceu de o sinalizador ficar imóvel, direcionado e olhando apenas para a câmera. E, em outro, ainda ficou movimentando-se demais, prejudicando a visualização. Abaixo, encontram-se os excertos com estes comentários:

Durante a sinalização dá para perceber pelo desvio do olhar que ele está sendo guiado por alguém que não aparece em cena. [...] (Excerto 77 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

[...] O ator, às vezes, sinaliza de um lado, às vezes de outro e isso atrapalhou muito. O ideal seria uma sinalização contínua, sem cortes. Acredito que, ao assistir, os surdos acharão um pouco complicado. (Excerto 78 – Entrevista Região 2 – Soninho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Há um pouco de movimento do corpo na sinalização. A direção do olhar da sinalizadora ficou fixa na câmera e isso não é necessário. Ela pode movimentar o olhar pelo cenário também, acompanhar o movimento do sinal. A sinalização em si estava boa. [...] (Excerto 79 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Chapeuzinho Vermelho)

Esses comentários dos entrevistados levam-me a considerar o quanto é importante uma preparação prévia para a filmagem. É importante que o sinalizador passe uma segurança para quem está assistindo ao vídeo e também uma postura correta.

Algo muito relevante mencionado pelos entrevistados foi sobre a legenda. Dentre os seis vídeos, apenas um deles apresenta a opção de com ou sem legenda, três apresentam legenda, sem a opção de retirar e dois não apresentam legenda.

A legenda é desnecessária. Ele não percebeu, mas pode acabar confundindo os alunos e estes ficarem fazendo perguntas por causa disso. O ideal é o foco na sinalização [...] A única coisa a corrigir seria tirar a legenda. (Excerto 80 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Sapo e o Boi

Deveria haver a opção de colocar ou não a legenda porque para as crianças a combinação não é utilizada. Para os adultos, sim, poderia ser feito o uso da legenda. (Excerto 81 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Chapeuzinho Vermelho)

[...] A legenda pode ser retirada, pois atrapalha. (Excerto 82 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Chapeuzinho Vermelho)

Eu acredito que seria melhor tirar a legenda, pois acaba atrapalhando a visualização. (Excerto 83 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Sapo e O Boi)

Os entrevistados foram unânimes ao discordar da legenda obrigatória, pois atrapalha o visual quando é apresentado juntamente com a sinalização, prejudicando o entendimento. O ideal é que a legenda venha como opcional.

Uma opinião foi apresentada a favor da legenda, porém no sentido de ser apresentada apenas como apoio para o nome dos personagens, pois a datilologia do nome foi apresentada muito rapidamente. Neste caso seria importante a apresentação da palavra e, logo em seguida, do sinal, o qual seria utilizado até o final da história. Também seria interessante a apresentação de um glossário no início da história, o que facilitaria o entendimento.

Teria ajudado no entendimento se fosse colocada uma legenda com o nome dos personagens. (Excerto 84 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – Peter Pan Surdo)

Estes foram os aspectos técnicos possíveis de analisar a partir das observações dos entrevistados. Todavia, outros tantos detalhes ainda poderão ser objeto de futuras pesquisas. Devido à limitação de tempo e ao objetivo desta pesquisa, analisamos apenas estes.

4.3 - Importância da Literatura Surda

Vivendo em um lugar onde a maioria da sociedade é diferente de si, ou seja, ouvinte, os surdos podem permanecer sem informações e conhecimento de mundo. A literatura surda pode ser uma estratégia definitiva para auxiliar aos surdos a reconhecerem-se como diferentes, a terem informações de mundo na sua própria língua, a conhecerem sua cultura, constituírem sua identidade e subjetividade surda e a participarem dos movimentos e lutas surdas, para que sejam reconhecidos como tal. Eles precisam compartilhar momentos em que sua diferença seja reforçada, suas experiências compartilhadas, seus laços estreitados, conforme apresenta-nos Wilcox e Wilcox (2005, p. 78):

Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. No entanto, há alguns valores e experiências que os surdos, independente do local onde vivem, compartilham, ou seja: “todos são pessoas Surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes.”

E os professores surdos entrevistados reconhecem isso, pois ao questioná-los sobre a importância de apresentar cada uma das histórias para seus alunos, eles responderam com subsídios que justificam a importância da Literatura surda. Dentre as justificativas estão: meio de informação, fim do sentimento de estar sozinho no mundo, constituição da identidade, estímulo à reflexão e à criatividade, uso no ensino e estímulo do reconhecimento surdo para opor-se aos processos de normalização.

Apresentamos, agora, os excertos que sinalizam sobre a Literatura Surda como meio de informação/conhecimento.

Eu acho que o principal é ensinar através da Literatura Surda. Antes isso nem era tão importante, tão comentado, porém agora eu acredito ser imprescindível. Uma coisa muito importante nessa questão é que a Literatura, em geral, não é ensinada em casa, não é estimulada por causa da falta de comunicação. Quando a criança vem para a escola e apresentamos a literatura surda, as crianças surpreendem-se porque isso nunca tinha sido apresentado antes. Para crianças ouvintes, torna-se bem fácil o contato com a Literatura, mas com os surdos é muito complicado. Por isso, que eu acho de extrema importância essa divulgação, não só dessa história, mas de tantas outras que temos agora. [...] Além disso, é essencial que as crianças conheçam as histórias de cada região do nosso país, que é tão rico culturalmente,

como a história do Saci, etc. Falta para os surdos o que acontece com as famílias ouvintes, nas quais os pais vão contando para os filhos as histórias e estes para os netos e assim por diante. Por isso acho fundamental a divulgação de histórias como estas, para que possamos utilizá-las nas escolas. (Excerto 85 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

O que foi exposto no excerto 84 é realidade em muitas famílias em que há surdos. Por falta de comunicação, muitos pais não apresentam para os filhos a Literatura em geral como acontece, comumente, com os ouvintes ao deitar, por exemplo, quando os pais contam histórias para os filhos. A falta de comunicação torna-se um limitador. Nas famílias em que os pais sabem a Libras, eles podem contar histórias, pois ali a falta de comunicação não é impedimento.

Este tema vem preocupando pesquisadores no campo na educação e do desenvolvimento da linguagem. Segundo Goldfeld (2002, p. 44) mais de 90% dos surdos vivem em ambiente de famílias ouvintes. Na relação entre surdos no Brasil, esta seria uma das causas das dificuldades com o desenvolvimento da linguagem, do choque surdo *versus* ouvinte, por causa deste ambiente familiar. O fato é que muitas famílias não se envolvem com a educação de seus filhos surdos e, na maioria dos casos, a escola responsabiliza-se com a educação destes, ensinando a língua de sinais como primeira língua e estimulando para que as crianças conheçam a literatura surda, principalmente através da contação de histórias.

Lebedeff (2004, p. 100) escreve sobre a relação entre literatura surda e família:

Nesse sentido, se for levado em consideração que apenas 10% das crianças surdas nascem em lares surdos, percebe-se que os outros 90% estão em extrema desvantagem com relação às ouvintes. Para as crianças surdas que vivem em ambientes ouvintes, portanto, a possibilidade de receberem histórias é muito limitada. Essas crianças precisam ter familiares que aprendam a língua de sinais, ou conviver com a comunidade surda, de modo que surdos adultos contem histórias para elas. Tem muitos surdos que possuem experiência limitada com histórias antes de começar a ler.

É fundamental estimular os pais ouvintes a aceitar e aprender a Libras para que eles possam contar histórias para os filhos e, assim, transmitir para eles informações e conhecimento de mundo. Muitos surdos não sabem nem o que significa literatura, pois isso nunca foi estimulado na família. Por isso a o

destaque para a estimulação da criação e divulgação da literatura surda, afim de que os surdos tenham mais conhecimento e informação em sua própria língua.

Também em relação à família, essa falta de comunicação ocasiona uma deficiência no ensino das regras e limites dos pais para os filhos. Desta forma, a Literatura Surda pode auxiliar os pais em casa e os professores na sala de aula a conversar com as crianças sobre estes assuntos. Os excertos abaixo comentam sobre isso:

Seria ótimo apresentar para as crianças pequenas, pois pode aproveitar para falar sobre a falta de respeito da Chapeuzinho com a sua mãe. Aproveita-se a história para falar sobre o carinho, o respeito, o cuidado que é preciso ter com os conselhos das mães e não desprezá-los. Por isso, concordo com o Patinho feio sobre a faixa etária indicada. Claro que também pode apresentar para os outros dando o mesmo enfoque. (Excerto 86 – Entrevista Região 2 – Sininho – Chapeuzinho Vermelho)

É importante sim, pois é uma forma de ensinar a moral para os surdos, o respeito aos pais, pois isso é comum entre os surdos, a não obediência aos pais. Por isso é um excelente meio de ensinar isso. (Excerto 87 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Chapeuzinho Vermelho)

Como muitas vezes em casa os filhos surdos não são ensinados claramente, pois os pais não sabem a língua do próprio filho, esta responsabilidade recai sobre os professores nas escolas, que podem utilizar a Literatura Surda como estratégia lúdica para ensiná-los sobre estas questões e muitas outras, pois a língua de sinais permite uma infinidade de colocações, conversas, abstrações, conforme mostra Felipe (1998, p.81):

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que essas línguas são tão compatíveis quanto em complexidade e expressividade a quaisquer língua orais. Elas expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esporte, trabalho moda e utilizá-las com função estética para fazer poesias, teatro e humor.

O excerto a seguir confirma o que foi apresentado anteriormente. Mesmo que a história referida não apresente diretamente o tema surdez, ela é capaz de ajudar a quem assiste a abstrair, refletir sobre a sua própria experiência de ser surdo. E isto é algo que sempre acontece com a literatura

em geral, ou seja, quem lê ou assiste, sente-se estimulado a refletir sobre o que assistiu. No caso dos surdos, a Literatura Surda, que é na sua própria língua, pode estimulá-lo a pensar e repensar sobre suas experiências. Desta forma, os surdos podem aumentar seu entendimento e conhecimento sobre as coisas e a vida em geral.

[...] Esta história leva-nos a uma reflexão sobre a própria vida, por isso é tão importante. Se não apresentarmos nada disso para os alunos, eles não serão capazes de alcançar pensamentos que são gerados a partir deles, por isso é muito bom apresentar para que sirva de estímulo. Isso acontece da mesma maneira com os ouvintes quando lêem um livro e depois começam a fazer uma reflexão sobre o que leram, relacionando com sua própria vida. E os surdos? Acesso a leitura eles não têm, por isso em Libras fica muito mais fácil para que eles abstraíam, reflitam, pensem. Por isso acho muito importante. (Excerto 88 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Passarinho Diferente)

Os próximos excertos são em relação à história “O mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”. Esta história é muito relevante, pois mostra o que acontece na realidade da vida dos surdos. Dessa forma, quando a história é apresentada na escola, os alunos reconhecem-se nela, conseguem perceber coisas que aconteceram na sua própria vida.

Sim é muito importante a utilização desse vídeo na escola, pois mostra o sentimento que é comum a cada um deles. Ao assistir esse vídeo eles emocionam-se por lembrar-se de uma experiência que já viveram. Isso acontece com crianças que chegam com idade atrasada na escola. [...] As crianças prestaram muita atenção ao vídeo e um menino me disse: “tia, isso já aconteceu comigo”. No final da história, as crianças me crivaram de perguntas. (Excerto 89 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

[...] é importante sim, pois mostra como é a vida dos surdos hoje. É a realidade de conviver no meio de pessoas que são ouvintes, que falam, sendo que eu não sei quem exatamente sou, pois sou diferente deles. A história mostra quem é o surdo. É importante principalmente pela divulgação da Libras, a nossa própria língua. Os ouvintes têm sua língua, mas e eu, o surdo? [...] (Excerto 90 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Com este reconhecimento, os surdos podem conhecer sobre a existência destes dois mundos, dos surdos e ouvintes. Eles reconhecem-se como diferentes dos ouvintes. Dessa forma, eles vão perceber que os ouvintes usam a língua oral e que eles usam a língua de sinais e que possuem uma

cultura diferente também. Assim, fica mais fácil para constituírem sua identidade surda e não mais tentar serem iguais aos ouvintes, pois reconhecem que são diferentes deles.

Karnoop (2006, p. 100) esclareceu a importância da literatura surda, ressaltando o “estar entre” dois mundos e a sua importância para minorias linguísticas, porém chamando a atenção ao perigo das essencializações:

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’. A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Esse fato, entretanto, nos aponta os perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação da cultura surda, no sentido de trazer um romanceio celebratório do passado ou uma homogeneização da história do presente.

Os excertos a seguir ratificam a importância da literatura surda como um favorecedor da construção da identidade surda, pois se reconhece como diferente e, a partir deste momento, constitui-se a partir de seus semelhantes.

Acho preciso divulgar sim, pois através desta história eles podem entender que existem pessoas diferentes como, por exemplo, eu sou surdo e tu és ouvinte. Somos pessoas diferentes, não que eu seja deficiente. (Excerto 91 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Passarinho Diferente)

[...] Por isso é importante a divulgação dessa história, pois um surdo pode reconhecer-se nela, perceber que ele é semelhante às crianças que ali estão, podem reconhecer sua própria cultura. Quando a criança cresce, sua identidade não está completa ainda. Ao encontrar com outros surdos e identificar-se com eles, sua identidade pode completar-se. Pode até acontecer de um aluno surdo dizer que é ouvinte. Isto significa que sua identidade não está completa. Isso pode acontecer porque falta o encontro do surdo/surdo e o entendimento de que as semelhanças que existem. (Excerto 92 – Entrevista Região 2 – Soninho – Peter Pan Surdo)

Como sinalizado nestes excertos, percebemos a premente necessidade de estimular as crianças surdas desde pequenas, quando ingressam na escola, para terem contato e conhecimento básico, informações e experiências que vão auxiliá-las na construção da sua identidade. O ideal é que estas crianças surdas tenham a informação já em sua família, mas nem sempre isso é possível. Mesmo assim, os pais de filhos surdos podem

estimular seus filhos com a literatura surda, assim como os pais de filhos ouvintes os estimulam através de livros e DVDs de histórias infantis.

[...] É importante que os surdos tenham estas ideias, que criem, inventem, adaptem sua própria literatura. Isso mostra que os surdos podem criar e não apenas copiar, tendo ideias e produzindo. Eu acredito que esta história pode ser apresentada para todas as faixas etárias, mas faltam estratégias para a questão das imagens. (Excerto 93 – Entrevista Região 3 – Cinderela – Peter Pan Surdo)

Como apresentado no excerto anterior, é fundamental a criação de outras histórias em Libras. Adaptações podem ser feitas, mas é primordial que os surdos sejam atores ou pessoas com experiência em contação de histórias e criem mais literatura surda³⁸, pois são totalmente capazes para isso. E a Literatura Surda, além de informar e dar a conhecer às crianças surdas, pode também estimulá-las a criar suas próprias histórias. Após o professor apresentar uma história em Libras, pode pedir que os alunos inventem outras, fazendo com que o modelo apresentado sirva de estímulo para a sua criatividade.

O professor que mostra sua opinião no excerto abaixo, utiliza estas histórias na sua disciplina de Língua de Sinais. Este é um ponto muito a ser destacado, ou seja, a utilização destas histórias para ensinar sobre a cultura surda, a Língua de Sinais, os movimentos surdos.

Eu utilizei ano passado na disciplina de Língua de Sinais. Acho importante utilizar, pois isso ajuda na constituição das crianças. (Excerto 94 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Passarinho Diferente)

Silveira (2006) na sua dissertação de mestrado sobre “O Currículo de Língua de Sinais da Educação de Surdos”, discute sobre os registros que são feitos na disciplina de Língua de Sinais. Muitos professores surdos não fazem estes registros, são poucos os que encontramos. Também não é hábito de muitos professores utilizarem a Literatura Surda em sala de aula. Todavia, se eles fizessem uso e realizassem estes registros, isso poderia incentivar os

³⁸Neste ponto incentivo a criação de outras literaturas surdas, mas com isso não quero dizer que devam ser feitas de qualquer jeito, sem uma preocupação com o nível linguístico e todos os outros pontos necessários para que ela atinja seu objetivo. Sobre este assunto trato mais detalhadamente na conclusão.

professores novos a usarem também, para que o currículo da disciplina de Língua de Sinais torne-se tão forte quanto o currículo de qualquer outra disciplina como o Português, a Matemática, etc.

Esse fortalecimento do currículo com a utilização da Literatura surda vai favorecer, também, a prevenção dos surdos em relação aos possíveis processos de normalização ouvinte. Uma das histórias apresentadas pode ser comparada a esses processos de normalização, conforme mostram os excertos a seguir:

Acho que é significativo sim pelo fato de mostrar o implante coclear e de alertar aos surdos sobre esta questão. Não conheço outra história que fale sobre o implante e faltam muitas informações para os surdos sobre isso também. Essa história mostra o outro mundo, um mundo onde os surdos podem mergulhar. [...] (Excerto 95 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

Acho que é fundamental divulgar nas escolas, sim, mas também nas famílias. Pois nós sabemos que já está sendo amplamente divulgado na mídia a questão do implante coclear. Por isso, acho necessário que as crianças e os pais tomem conhecimento disso para ter a visão correta sobre o implante e que ele não é necessário para que o surdo possa viver bem, pois a Língua de Sinais é completa. (Excerto 96 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Peter Pan Surdo)

[...] Inclusive acho importante para esta faixa etária para já preveni-los do futuro, das influências que podem acontecer em suas vidas em relação à surdez. (Excerto 97 – Entrevista Região 1 – Patinho Feio – O Passarinho Diferente)

Ao mesmo tempo, muitas escolas não sabem nem da existência da literatura surda, nem como ensinar utilizando-a. Isto é algo que foi percebido também nas entrevistas, ou seja, como é preciso essa divulgação nas escolas.

Certamente uma criança que assiste a esse vídeo vai emocionar-se. É importantíssimo que esse vídeo seja distribuído para todas as escolas. (Excerto 98 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Acho relevante o governo incentivar a produção desse livro e distribuí-lo para as escolas. (Excerto 99 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – Peter Pan Surdo)

Alguns vídeos anteriormente já foram disponibilizados para as escolas, mas com a disciplina de Literatura Surda no curso de Letras Libras, certamente poderá alavancar a produção, futuramente, de novas literaturas surdas. É

preciso que o governo e as escolas estejam atentos a estas novas publicações para que disponibilizem aos professores de surdos.

Apresentamos, agora, a análise feita sobre as opiniões emitidas sobre o público alvo. Esta discussão é fundamental, pois percebo que estes seis materiais foram divulgados anteriormente, sem levar em consideração o público ao qual se destinava, não havendo os cuidados necessários para isso. Com as entrevistas, pude perceber vários aspectos que precisam ser previamente organizados com o objetivo de atingir o público ao qual a história destina-se.

Dentre os aspectos que precisam ser organizados, está o nível da Libras que vai ser utilizado nos materiais para proporcionar um entendimento mais claro, bem como o assunto da história.

Ao serem questionados sobre para qual idade adequada para as histórias serem apresentadas, os entrevistados responderam levando em consideração a parte visual e também o assunto do vídeo. Agora, apresento o que justificaram sobre as temáticas apresentadas nas histórias:

A história é muito boa, mas não combina com o público infantil. Essa história precisa ser apresentada para um público de mais idade, pois é uma história muito forte, com uma teoria muito forte, não é leve como precisa ser para crianças. Tratar de implante coclear para crianças que não tem nenhum conhecimento sobre ele, não está de acordo. O enredo combina mais com alunos da 6ª série em diante, que já são fluentes em Língua de Sinais, que já conhecem a cultura surda. Para crianças é uma história muito forte. (Excerto 100 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo)

Acho muito importante divulgar, sim, mas dependendo do nível. Não é apropriado para a educação infantil, pois para eles o entendimento é muito difícil. Acho que pode ser apresentado para o 4º ano em diante. Vai gerar uma boa discussão. (Excerto 101 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Passarinho Diferente)

[...] Acredito que este vídeo pode ser apresentado da 2ª série em diante, pois para as crianças da educação infantil e primeira série fica um pouco difícil entender estas questões de identidade e do assunto em si. (Excerto 102 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Acho que não pode ser apresentada para a educação infantil, pois eles não têm conhecimento do que é um intérprete. O que é um intérprete na escola? Por isso seria necessário explicar para eles. Na minha

opinião, seria bom apresentar da 2ª série em diante, pois já há essa noção, esse conhecimento do intérprete.(Excerto 103 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Feijãozinho Surdo)

Como apresentado nestes excertos, os professores demonstram uma grande preocupação em relação aos assuntos que são apresentados nas histórias, pois falta conhecimento básico para que as crianças pequenas os entendam. Estes vídeos até podem ser apresentados, mas é necessário que seja explicado anteriormente o assunto que a história apresenta.

Outra preocupação apresentada pelos professores ao serem questionados sobre o público alvo, é em relação a parte técnica, mais especificamente ao visual dos vídeos:

[...] Essa história não é própria para o público infantil, mas para adultos. Se as crianças fossem assisti-la, iriam questionar sobre alguns sinais e configurações de mãos que são de difícil entendimento. Para o público infantil, seria mais adequado também o uso de outra roupa. (Excerto 104 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Passarinho Diferente) técnica

[...] Achei que falta apenas apresentar mais imagens, pois tem muitas abstrações neste vídeo e as crianças pequenas não vão ser capazes de entender. As crianças das séries iniciais não conhecem o significado de muitos sinais, por isso fica difícil compreender alguns deles que são feitos nos vídeos. (Excerto 105 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Passarinho Diferente) técnica

A preocupação dos entrevistados também se dirigiu ao nível da sinalização e a rapidez com a qual é feita, pensando principalmente no público infantil:

A sinalização também precisa ser mais devagar para o público infantil. Adultos e crianças a partir da 4ª série não teriam problemas para acompanhar. O único empecilho, na verdade, é o dialeto. (Excerto 106 – Entrevista Região 3 – Rapunzel – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras) o nível da sinalização e a rapidez

Se fosse para crianças menores seria necessária a utilização dos classificadores, pois iriam assimilar muito mais facilmente. Para as crianças da 2ª série em diante fica mais fácil, pois já conhecem estes sinais. (Excerto 107 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras) o nível da sinalização e a rapidez

[...] A história é clara, mas acredito que crianças pequenas não iriam entender. Acredito o público para esta história é da 5ª série em diante, isso porque também é sinalizado muito rápido. (Excerto 108 – Entrevista Região 2 – Soninho – Peter Pan Surdo) o nível da sinalização e a rapidez

[...] Se é apenas sinalização, fica confuso para entender e não combina com o público infantil. Para as crianças, é preciso criar estratégias e ser paciente ao produzir um vídeo para que ela possa reconhecer-se na história. Um outro problema é se a criança não é ainda fluente em Língua de Sinais. Por isso precisa ser uma sinalização leve, porque ela vai demorar um pouco para perceber o que estão sinalizando. (Excerto 109 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras) o nível da sinalização e a rapidez

Acho importante mas para alunos de mais idade pois não tem um cenário adequado para crianças. (Excerto 110 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo) o nível da sinalização e a rapidez

Eu acho que crianças poderiam assistir também, pois as expressões dele são muito ricas e elas poderiam captar tudo isso. Mas a sinalização em si deveria ser mais calma para que elas compreendessem. (Excerto 111 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Peter Pan Surdo) o nível da sinalização e a rapidez

Eu percebi que ele sinalizou muito sério, não combina com o público infantil. Para crianças deveria ser uma sinalização mais leve. (Excerto 112 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – Peter Pan Surdo) o nível da sinalização e a rapidez

O motivo principal de ser destinado a esse público é por ser uma sinalização rápida e não ter cenário ao fundo. E, também, por ser uma história muito forte. (Excerto 113 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – Peter Pan Surdo) o nível da sinalização e a rapidez

Nas análises referentes à técnica na produção dos vídeos, o tempo de duração da história também foi mencionado. Vemos isso nos seguintes excertos:

Se for para crianças, eles não vão conseguir manter a concentração por tanto tempo. [...] Acho que esta história pode ser apresentada da 5ª série em diante. (Excerto 114 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Passarinho Diferente) o tempo de duração

Esta história é própria para um público adulto. A questão do tempo também é importante, pois é uma história muito longa, que torna difícil apresentá-la para crianças. [...] Por isso, acredito que seria para alunos

de 5ª série em diante e Ensino Médio, porque é muito extensa. As crianças se incomodariam em ficar tanto tempo sentadas. (Excerto 115 – Entrevista Região 1 – Branca de Neve – O Passarinho Diferente) o tempo de duração

Foi apresentado um número expressivo de excertos sobre esta temática. Além destes, muitos outros foram excluídos para não ficar em excesso. Mas isto mostra a preocupação que os professores têm de que estas histórias consigam alcançar o público para o qual se destinam, a fim de que eles entendam quem são através do que vai ser visualizado nas histórias.

Outro objetivo é a ampliação do vocabulário em Libras para estas crianças. Algo que é comum acontecer é a chegada tardia das crianças na escola e, durante uma das entrevistas, a professora manifestou essa preocupação. Isto mostra a grande importância do papel do professor neste processo de conhecimento e desenvolvimento.

As vezes as crianças chegam na escola tardiamente, o que prejudica o aprendizado de Língua de Sinais, por isso tem que ser para o 2º ou 3º ano. Se são surdos filhos de pais surdos, mesmo pequenos entenderiam perfeitamente a história. (Excerto 116 – Entrevista Região 1 – Chapeuzinho Vermelho – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

A única história que foi aprovada por todos para ser apresentada desde a educação infantil até o EJA foi “O Boi e o Sapo”, porque, segundo eles, ela possui várias estratégias no vídeo que podem apresentar claramente a ideia central da história. Um dos excertos que sinaliza esta aprovação é o apresentado a seguir:

Acredito que pode ser apresentado para todas as faixas etárias, sem distinção. Além disso, é um excelente material didático para colaborar com a educação dos surdos, inclusive no EJA. (Excerto 117 – Entrevista Região 2 – Sininho – O Sapo e o Boi)

Através das entrevistas nota-se que a professora percebe que existem diferenças na literatura surda, ou seja, uma literatura surda voltada para adultos e outra voltada para crianças. Estas distinções são importantes porque há diferenças na sinalização que é voltada para adultos que percebem de maneira diferente devido a fluência nos sinais, o que para crianças se tornaria

de difícil entendimento. A literatura surda precisa de estratégias para fazer-se significativa frente ao público adulto e infantil.

A Literatura Surda, não necessariamente, deve ser dirigida apenas ao público surdo, mas também aos ouvintes, principalmente quando há o recurso da legenda. Esta questão foi levantada por alguns professores durante a entrevista, conforme o excerto abaixo:

A história apresenta sinais que os surdos podem entender e o Português que os ouvintes também podem compreender. Acho que esta história seria boa para que os ouvintes pudessem conhecer um pouco mais sobre a educação de surdos, sejam ouvintes em geral ou ouvintes que são professores. (Excerto 118 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Feijãozinho Surdo)

É importante sim a utilização destas histórias nas escolas, não só aqui na nossa, mas também nas escolas de ensino médio, pois podem contribuir muito para a constituição da identidade surda. Além disso, acho importante que os pais também assistam esta história para perceber o quão necessário torna-se que a família aprenda a língua de sinais para poder comunicar-se efetivamente com o filho surdo. Inclusive, isto é uma demonstração de amor dos pais pelo filho surdo. (Excerto 119 – Entrevista Região 2 – Patinho Feio – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Segundo a argumentação de alguns dos entrevistados, a Literatura surda facilitaria aos pais de filhos surdos conhecer a língua de seu filho, bem como a sua cultura, facilitando a aproximação entre eles.

Este capítulo de análise trouxe contribuições muito interessantes, no meu ponto de vista. A seguir, encaminho algumas destas contribuições, as quais considero pertinentes à temática, podendo servir para futuras pesquisas e produções.

QUEM SINALIZA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO: INDICATIVOS PARA HISTÓRIAS SUBSEQUENTES.

[...] nós ainda precisamos de uma visão maior do que surdos e suas comunidades são, tem sido e podem vir a ser. Tal visão tem que ser centrada na 'Experiência Surda' e fazer dessa a sua fonte para criar uma teoria para essa nova leitura. (Paddy Ladd, apud REIS, 2006, p. 58)

Nos dois anos de minha pesquisa de mestrado sobre Literatura Surda, a experiência que tive foi modificando-se a cada novo conhecimento, a cada disciplina dos meus estudos acadêmicos. Durante a revisão bibliográfica, encontrei poucos materiais, alguns artigos publicados, entre outros, sobre Literatura Surda. As produções nesta área estão surgindo aos poucos e um dos fatores que contribui para este aumento é o entendimento da importância da literatura surda e a comprovação dos seus efeitos quando utilizados nas escolas de surdos, para as crianças surdas, ou seja, no mundo dos surdos.

Esta pesquisa apresentou opiniões de professores surdos de três regiões diferentes do Rio Grande do Sul. Em cada região, as opiniões foram distintas, não divergentes, porém cada uma aguçou o olhar para determinada característica dos vídeos. A literatura tem essa característica: cada um vai entender e captar o que está sendo transmitido de acordo com a sua realidade e suas experiências. Dependendo do lugar, dos professores, dos alunos, cada um vai compreender de um jeito ou vai perceber mais alguns fatos do que outros. Foi o que aconteceu quando apresentei estas histórias a públicos de três lugares diferentes: cada um percebeu nas histórias o que lhe era mais peculiar, de acordo com as especificidades da sua escola, dos seus alunos e das suas próprias vivências.

Enquanto os professores surdos assistiam aos vídeos, observei as suas expressões. Foi interessante perceber a reação de cada um deles às histórias. Dependendo do vídeo que estava sendo apresentado, as reações dos entrevistados variavam, como trocas de olhares, risadas, expressões de “exatamente como aconteceu comigo”, ou de engraçado, de fixar o olhar para tentar compreender melhor o que estava sendo apresentado. Em alguns momentos, os entrevistados até paravam no meio do vídeo para discutir alguma coisa que lhes chamou muito a atenção. Isto mostra que a Literatura Surda é capaz de provocar sensações e expressões a quem assiste, pois é algo que lhes é familiar ou em muito se aproxima da sua realidade, fazendo parte da sua própria cultura.

Existem coisas que acontecem na vida dos surdos que simplesmente não tem maior importância. Contudo, existem outras que lhes tocam profundamente, que fazem parte da sua experiência como surdo e os acompanha por toda a vida. Larrosa (2002, p. 21) explica-nos o que significa experiência ao dizer que ela é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia, acontecem muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. No caso dos surdos, são as marcas que perpetuam em sua lembrança. Lopes e Veiga-Neto trazem uma compreensão relacional da expressão *marcas*, explicando que elas podem ser positivas ou negativas:

[...] as marcas podem ser conceituadas de muitas formas, mas geralmente são simplificadas quando as pessoas ou especialistas costumam polarizá-las em positivas e negativas. São vistas como negativas as marcas que, atravessadas por um caráter de visibilidade, agredem aqueles que as olham. Nesse caso, apenas alguns são vistos como “os marcados”, submetendo-se a práticas corretivas com a finalidade de normalização. (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p.2)

O sentido dado para as marcas, nesta pesquisa, não foi o de algo que possa ser comum no sentido de “igualdade” entre os surdos, mas de que há diferenças na inscrição e de marcas que eles carregam. Ao mesmo tempo, essas marcas são elos identitários da cultura que unem os surdos na diferença. Algumas das marcas e características das regiões e dos entrevistados foram fundamentais para a constituição desta pesquisa.

Em todas estas regiões onde foi efetuada a pesquisa, existem escolas de surdos, associações de surdos e uma história dos surdos com características peculiares, experiências próprias, suas vivências, uma realidade diferente. Na região 1, por exemplo, a comunidade surda é esforçada, preocupando-se principalmente com a educação infantil surda e o uso da literatura surda como parte deste currículo. A região 2, por sua vez, tem um enfoque maior na Escrita de Sinais como meio de incentivar a cultura, a identidade e o ensino das crianças surdas na escola de surdos. A região 3, tem contexto um pouco diferente das duas outras regiões, mas aproxima-se mais da realidade da região 1, pois também preocupa-se com a educação infantil surda. Algo interessante nesta região foi o fato de haver a preocupação com a qualidade dos livros digitais para as crianças. Além da qualidade, eles têm um cuidado especial se o nível do vídeo está de acordo com o público alvo, seja para crianças, adolescentes ou adultos. No entanto, em alguns momentos das entrevistas, os entrevistados das três regiões mostraram-se preocupados com os livros digitais, seus níveis e, principalmente, a valorização da Libras, pois é a língua nativa dos surdos.

Um alerta dos professores surdos ao analisar estes seis livros digitais foi sobre o nível da sinalização, pois em alguns o nível é muito alto, não sendo possível apresentar para o público infantil, no entanto, mesmo assim o tipo de história é considerado por eles. Se fossem crianças que já possuem conhecimento da sua língua nativa, identidade, cultura, tendo aprendido com suas famílias, talvez conseguissem entender. Mas a maioria não as têm, como expliquei anteriormente. Como a grande parte das crianças chega à escola sem o contato com a Libras, estes professores alertam que livros digitais da literatura surda precisam cuidar o nível de sinalização. Apesar disso, eles acreditam que a literatura surda pode ajudar muito no ensino da própria língua para os surdos.

Analisando as opiniões sobre a parte técnica dos vídeos, os professores sugeriram uma alteração na legenda em Língua Portuguesa, para que se tenha a opção de aparecer ou não. Segundo eles, duas línguas ao mesmo tempo nos vídeos torna-se complicado. Além disso, para as crianças surdas que recém estão construindo seu conhecimento da Libras como primeira língua, é motivo de distração, polui o visual. Para eles é importante o

visual apenas da Libras. Já para o público jovem e adulto, é interessante ter a opção da legenda, pois se quiserem conhecer as palavras do Português, está disponível, todavia se quiserem focalizar na Libras, podem tirar a legenda. Apenas o livro digital Feijãozinho Surdo tem opção da legenda no menu e os outros livros digitais que têm a legenda, não possuem esta opção.

No entanto, quando utilizados, os livros digitais em Libras servem também para mergulhar na própria língua, no próprio mundo dos surdos, sem ter uma preocupação com a Língua Portuguesa. O bilinguismo é importante, mas não no momento dos livros digitais em Libras.

Dentre os livros digitais utilizados nesta pesquisa, dois foram publicados no ano 2010. Em uma das regiões, os professores já tinham conhecimento deles e já trabalharam eles com as crianças. Isto mostra uma preocupação em sempre estarem atualizados e apresentarem estes materiais para as crianças. Outra região também conhece estes livros digitais, bem como todos os outros que apresentei, porém ainda não os utilizaram com os alunos. E, na última região, os professores não conhecem a maioria dos livros digitais apresentados, como se não buscassem conhecer a literatura surda como algo importante, nem suas novidades. A não utilização da literatura surda pode evidenciar que ainda não a consideram como algo relevante.

Alguns professores surdos mostraram-se muito interessados e preocupados com a literatura surda, suas publicações, seus níveis em Libras, sua técnica. Suas considerações foram muito interessantes, como a apresentada a seguir:

Acho importante divulgar. Mas acho que antes de fazer a publicação de um livro como este é necessário chamar um grupo de pedagogos para saber a opinião deles sobre o DVD, se eles acreditam que está apto a ser apresentado para crianças. Se eles aprovarem, aí sim, pode ser publicado. Não pode simplesmente fazer, editar e publicar, sem passar por essa avaliação antes. Pode-se chamar pedagogos especialistas em educação infantil, para as séries finais do ensino fundamental, formados no Letras Libras, etc. Após essa discussão e avaliação poderia ser publicado. O que vai acontecer se não for feita uma avaliação prévia é o fato de que este material todo ficará guardado, sem uso, pois não corresponderá às expectativas nem às necessidades do público alvo. Se o material for analisado, revisado e for interessante, vai ter uma aceitação muito melhor. (Excerto 120 – Entrevista Região 3 – Cinderela – O Mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras)

Esta professora acha que é importante divulgar os livros digitais para todas as escolas, para todos os lugares, porém ela prefere avaliar antes de publicar, porque percebeu que algumas partes dos vídeos não estão de acordo com os níveis de idade e da Libras.

Concordo ser importante esta avaliação prévia do livro digital. Ao criar uma história, o autor precisa apresentar a pedagogos que tenham experiência com a educação infantil, conhecimento em Libras ou formados em Letras Libras e participação na comunidade surda. Esses profissionais analisarão a produção e, de acordo com a avaliação, ela será recomendada à publicação para o nível adequado, para evitar prejuízos à educação infantil surda. Também considerei importante a opinião abaixo:

A maioria das produções são de ouvintes. Faltam produções de histórias pelos surdos. A história 'Patinho Surdo' é capaz de nos fazer sentir iguais, podemos nos reconhecer na história. Já 'Branca de Neve e os Sete Anões' é apenas uma tradução do Português para Libras. Eu sei que criar histórias não é fácil, demora. Mas um livro traduzido para Libras é apenas uma tradução, não tem significado. 'Cinderela Surda' é uma adaptação, é diferente, assim como o 'Patinho Surdo'. (Excerto 121 – Entrevista Região 1 – Branca Neve – O Passarinho diferente)

Através deste relato pode-se perceber que os professores têm conhecimento sobre o que é uma tradução, uma adaptação e produção de literatura surda. A professora estava preocupada em mostrar para as crianças estes tipos de diferentes literaturas surdas. Todavia, falta um garimpo maior por parte dos professores no sentido de conhecer outras histórias ou buscar mais delas para apresentar para os alunos. Há uma acomodação pela espera de que novos materiais cheguem até eles, não uma preocupação em buscá-los.

Uma das professoras relata sobre a experiência que teve ao apresentar a história do Chapeuzinho Vermelho para seus alunos. Isso foi um exemplo sobre entendimento e significado:

Acho importante sim. Hoje mesmo, na minha aula, eu utilizei esta história. Após a apresentação, perguntei para as crianças o que elas entenderam e estas não me responderam nada. Alguns simplesmente responderam que a Chapeuzinho foi levar doces para a vovó. Outro falou que ela levou vinho. Vinho? E a vovó ficou bêbada? Não, ela levou leite. Apenas um aluno conseguiu sinalizar toda a história, mesmo sem acompanhar, mas de acordo com o que conseguiu entender e foi perfeito. Quando perguntei sobre o significado da

história, eles também não souberam responder.[...] (Excerto 122 – Entrevista Região 2 – Sininho – Peter Pan Surdo)

Se a história é apenas tradução, não possui um significado maior para os surdos. Quando a história relata alguma coisa que acontece com os surdos, as crianças entendem claramente e apresentam interesse. Se a história é apenas tradução não gera uma discussão, apenas se for apresentada e estimulada pelo professor, como no caso da história do Chapeuzinho Vermelho. Se o professor é surdo, ele vai apresentar este significado porque já vivenciou situações como estas crianças surdas vivenciam e pode aconselhá-los em Libras. Se o professor ouvinte sabe a Libras e conhece a base da cultura surda, ele pode também aproveitar estas histórias para aconselhá-las, pois saberá que este tipo de informação falta nas famílias ouvintes nas quais há crianças surdas, mas nem todos os professores ouvintes que ensinam surdos tem este tipo de conhecimento.

Outra percepção que tive durante as entrevistas, é o enfoque dado aos aspectos negativos da vida dos surdos, como as representações sobre estes em que prevalece um jeito de olhar e dizer sobre os surdos e a surdez. Em outros momentos já havia percebido comentários que ressaltam apenas estes aspectos negativos, contudo agora nas entrevistas e revendo as histórias, percebo a intensidade com que são narrados. A representação do surdo e da sua vida apenas enfocando os aspectos ruins, os seus sofrimentos, sua falta de competência, suas tristezas, seus traumas, as barreiras que enfrenta, a questão do assistencialismo, entre outros, ficou muito presente.

De fato, os surdos muito sofreram. Isso é incontestável. Todavia o momento agora é outro. Já temos a nossa língua oficializada, temos o acesso à educação, ainda não totalmente do jeito que desejamos, mas estamos lutando ainda por isso. Temos um acesso e apoio maior das tecnologias, que nos permitem comunicar-nos não só com nossos familiares e amigos, mas também com surdos do outro lado do mundo. Estamos no momento da comunicação visual, o que muito tem nos favorecido. É um momento de avaliar as conquistas e projetar novas. Mas focar apenas nas coisas ruins é perpetuar

representações que colocam os surdos nos discursos clínico-terapêuticos e ouvintistas já muito problematizados pelos Estudos Surdos.

Há de se considerar outro conceito da Identidade Surda, de relevância política, dentro do multiculturalismo, de igual importância para outros movimentos sociais, pela batalha contra a ideologia dominante: a *Identidade Política Surda*. É um movimento pela força política em prol da nossa diferença... é uma luta contra o estigma, contra o estereótipo, contra o preconceito, contra a deficiência e especialmente contra o poder do ouvintismo. (PERLIN 1998, p. 56)

Como há muito tempo já foi enfatizado por Perlin, precisamos acabar com estas formas de narrar os surdos, pois o momento é outro e novos tipos de surdos apresentam-se. Portanto, ao encerrar este trabalho, proponho uma continuidade e maior intensidade de produções de literatura surda, mas com outros enfoques. Proponho novas produções que enfatizem e apresentem as experiências surdas atuais, os surdos estudando, trabalhando, interagindo através da sua língua com pessoas ouvintes que sabem a Libras, mostrando sua cultura, lutando pelos seus direitos, tendo mais acesso a informações graças ao avanço tecnológico, entre tantos outros aspectos positivos que têm permeado a vida dos surdos atualmente.

Também é importante ressaltar que para futuras produções de literatura surda é imprescindível que os elementos técnicos sejam levados em consideração para que seja feito com qualidade e seja acessível para os surdos devido às questões da experiência visual. Os surdos também devem analisá-las, para garantir que a cultura e identidade surda sejam apresentadas. Para que isto de fato aconteça, a avaliação de pedagogos, pesquisadores na área da produção cultural surda que conheça estas questões é essencial, pois ele pode contribuir para que não haja prejuízos com estas produções.

Finalizo torcendo que os surdos atentem para esta possibilidade de produção. Que ao perceberem a relevância da literatura surda, levem em consideração os aspectos aqui levantados e possam sinalizar novos contos, cada vez aumentando mais um ponto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

- BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 2001.
- BRITO, Lucida Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1995.
- BRITO, Lucida Ferreira. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB. **Espaço Informativo técnico-científico do INES**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 20-43, 1990.
- COLEÇÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA EM CD-ROM EM LIBRAS/ PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/>> - Acesso: 20.02.2011
- COLLODI, Carlos. **Português - Volume III - As aventuras de Pinóquio**. Tradutor para LIBRAS: Ana Regina Campello e Nelson Pimenta. Petrópolis/RJ. Arara Azul, 2003.
- EAGLETON, Terry. **A Idéia de cultura**. São Paulo/SP: Ed. Unesp, 2005.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro/RJ: Babel, 1993
- FELIPE, Tanya Amara. **Introdução à gramática da Libras (Series Atualidades pedagógicas)** In. Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, V III, 2000.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociinteracionista**. 2 ed. São Paulo/SP: Plexus Editora, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 2005.
- Instituto Nacional Educação de Surdos. **Historia Infantis em Língua de Sinais: O verbo em português e em Libras**, em 2000, com duração de 31 minutos, em VHS/NTSC.

Instituto Nacional Educação de Surdos. **Historia Infantis em Língua de Sinais: Introdução às Operações Matemáticas**, 2000”, duração 42 minutos, VHS/NTSC.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Silva, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal Estudos Culturais?** Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2006, p. 7 – 131.

KARNOPP, Lodenir Becker; MACHADO, Rodrigo N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. In: **2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação** – 2 SBECE. Canoas/RS: ULBRA, 2006. p. 1-13.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos**. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre. 1994.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Caderno de Educação**. Faculdade da Educação – UFPel, v, 36, p. 155 – 174. Pelotas/RS: Editora UFPel, 2010.

KLEIN, Madalena. Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho: a constituição do surdo trabalhador. In: **24ª Reunião Anual da ANPED**. GT03 Movimentos Sociais e Educação. Caxambu/MG, 2001. T0359743704736.doc. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp.htm#gt3>

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **Feijãozinho Surdo**. Canoas/RS: Editora ULBRA. 2009.

LADD, Paddy. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Clevedon, Multilingual Matters Ltd., 2003.

LAPALU, Yves. **Léo, o puto surdo**. Lisboa/Portugal: Ed.Surd`Universo, 2006.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo/SP: Best Seller, 1994.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n 19 (jan-abr), p. 20 - 28. Rio de Janeiro/RJ: Autores Associados, 2002

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Estudo da compreensão de histórias infantis em língua de sinais por crianças surdas. In: **II Seminário Internacional As redes de conhecimento e a tecnologia: Imagem e cidadania**. Rio de Janeiro/RJ, 2003.

LEI FEDERAL Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – Acesso: 28/02/2011 - www.libras.org.br/leilibras.php

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis/SC: UFSC, v. 24, n especial, p. 81 – 100, jul/ dez, 2006.

LSB VÍDEOS-DVD. Disponível em: <http://www.lsbvideo.com.br/> - Acesso: 20.02.2011.

MADEIRA, Diogo Souza. **Peter Pan de Surdo**. Rio Grande/RS: Editora FURG. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole.** Disponível em: <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html> - acesso 28.02.2011

OLIVEIRA, Maria A. Amin, CARVALHO, Ozana Vera G. e OLIVEIRA, Maria Lúcia M. B. **Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras.** Belo Horizonte/MG: Editora O Lutador, 2008.

PEREIRA, Karina Ávila. **Varição linguística em Libras no contexto da educação de surdos.** Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação/Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2011.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** 2 ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2001, p 51- 73.

PERLIN, Gladis Teresa T. **O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade.** Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação/ Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PERLIN, G. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs) **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2004, p. 73 - 82.

PERLIN, Gladis.; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Curso Letras/Libras. Florianópolis/SC: UFSC, 2006.

PIMENTA, Nelson. **DVD LITERATURA EM LSB,** 60 minutos. Rio de Janeiro/RJ: LBSVídeo, 1999.

PIMENTA, Nelson. **DVD Seis Fábulas de Esopo em LSB volume 1,** 40 minutos de duração. Rio de Janeiro/RJ: LSBVídeo, 2002.

REIS, Flaviane. **O professor surdo: A política e a poética da transgressão pedagógica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre/RS: ARTMED, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1997.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Adão e Eva.** Ilustrações de Maristela Alano. Canoas/RS: ULBRA, 2005a.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo.** Ilustrações de Maristela Alano. Canoas/RS: ULBRA, 2005b.

SILVEIRA, Rose Hessel. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (Org.). **Estudos Culturais em Educação.** Porto Alegre/RS: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SILVEIRA, Carolina Hessel, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda.** Canoas/RS: ULBRA, 2003a.

SILVEIRA, Carolina Hessel, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. **Rapunzel Surda.** Canoas/RS: ULBRA, 2003b.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O currículo de Língua de Sinais na Educação de surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2 ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2001.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez**. Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998, p. 5 - 32.

SKLIAR, Carlos. Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa e GÓES, Maria Cecília Rafael de (org) **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo/SP: Lovise, 2000, p 11 - 28.

SKLIAR, Carlos e LUNARDI, Márcia Lise. Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de, GOES, Maria Cecília Rafael de (orgs). **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo/SP: Lovise, 2000, p.11 - 22.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2008.

THOMA, Adriana S. **O cinema e a flutuação das representações surdas - "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva..."** Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação/ Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002

THOMPSON, Kenneh. Estudos Culturais e educação no mundo contemporâneo. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). **Cultura, poder e educação**. Canoas/RS: Editora da ULBRA, 2005, p. 15 - 38.

VILHALVA, Shirley. **Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã**. 1. ed. Campo Grande/MT: 2001.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2004. (Coleção Cultura e Diversidade.)

WILCOX, S.; WILCOX, P. **Aprender a ver**. Tradução por Tarcísio Leite. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2005.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ANEXO A – TABELA
ANALISE DE LIVROS DIGITAIS EM LIBRAS

TABELA - ANÁLISE DE LIVROS DIGITAIS EM LIBRAS

	ITENS/LIVROS	O PASSARINHO DIFERENTE	CHAPEUZINHO VERMELHO	UM MISTÉRIO A RESOLVER	PETER PAN	O SAPO E O BOI	FEIJÃOZINHO SURDO
	CATEGORIA	Produção de surdo americano, traduzida para Libras	Tradução de clássico	Produção de ouvinte brasileiro	Adaptação de surdos brasileiros	Tradução de fábula	Produção de ouvinte brasileiro
A S P E C T O S T É	SINALIZADOR	Ator surdo	Atriz surda	Ator e Atriz surdos	Ator Surdo	Ator Surdo	Atriz surda
	CENÁRIOS	- Simples - Desenhos abstratos ao fundo	Cenas da história	- Fundo liso - Desenhos de cortinas à frente, representando um palco	Simples, na cor verde	Liso e simples	Liso e simples
	TRANSIÇÃO DE CENAS	Roupa formal (neutro)	Ao fundo, junto com a sinalização	Intercalado com os sinais	Não apresenta	Intercalado com os sinais	Não apresenta
	ROUPAS E ACESSÓRIOS (Troca para com perto atores: Sinalizador)	- Roupa formal - Não usa acessórios	- Roupas mudam de acordo com os personagens - Usam acessórios para identificação	Muitas trocas de roupas.	Camiseta lisa verde	Roupa representando crianças	Roupa formal (neutro)

C N I C O S			mais clara				
	LEGENDA	Não tem	Tem	Tem	Não tem	Tem	Há opção de legenda ou sem legenda
	TRADUÇÃO ORAL	Não tem	Não tem	Tem	Tem	Não tem	
	MOVIMENTO DA FILMAGEM	Não tem	Tem	Tem	Não tem	Tem	Não tem
	APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA (INTRODUÇÃO)	Tem	Tem	Tem	Não tem	Tem	Tem
	CORTES NA FILMAGEM	Não acontece	Não acontece	Acontece e são facilmente perceptíveis	Não acontece	Acontece para mostrar personagens diferentes	Não acontece
	POSIÇÃO DO SINALIZADOR	Sempre na frente	Sempre na frente	Às vezes de frente, às vezes de lado	Sempre na frente	Sempre na frente	Sempre na frente
	CAMPO DE SINALIZAÇÃO	Satisfatório	Satisfatório	Pequeno, cortando alguns sinais	Pequeno, cortando alguns sinais	Satisfatório	Satisfatório
	DURAÇÃO DO VÍDEO	28 minutos	10 minutos	18 minutos	12 min	3 min	3 min e 50 seg
	SINALIZAÇÃO	Clara	Clara e de acordo com cada personagem	Clara	Clara, mas rápida	Clara	Clara e calma
	CLASSIFICADORES	É a estratégia principal	Utiliza	Utiliza amplamente	Utiliza amplamente	Utiliza amplamente	Utiliza
	DATILOGIA	Usa para:	Usa para:	Usa para:	Só utiliza	Não usa	Não usa

L I B R A S E C U L T U R A S U R D A		- vovô - ovo - normal - calma	- vovó - mãe - mau	- pai - mãe - Ana	para designar o nome do local: Terra do Nunca		
	EXPRESSÃO FACIAL	Usadas de acordo com o contexto	Usadas de acordo com o personagem	Utiliza amplamente	Utiliza amplamente	Utiliza amplamente	Utiliza amplamente
	EXPRESSÃO CORPORAL	Bem marcada	Marcada para mudar o personagem	Marcada para mudar o personagem	Utiliza juntamente com a direção do olhar para mudar o personagem	Utiliza juntamente com a direção do olhar para mudar o personagem	Utiliza amplamente
	VOCABULÁRIO	Amplo		Amplo			
	Classificadores com Expressão	- Uma montanha muito alta - O ovo quebrou e o passarinho nasceu	Não tem	Não tem	Não tem	Sapo estufou sem parar	Não tem
	SINAL DO PERSONAGEM	Tem	Cada um tem seu sinal próprio	Não tem	Cada um tem seu sinal próprio	Não tem	Apresentou seu sinal próprio
	TRAÇOS DA CULTURA SURDA				Apresenta, mas mostra um equívoco ao		

					sinalizar: 'ter escutado a mãe falar'		
	OBSERVAÇÃO ULTIMO				Sinalizador tem apoio de outra pessoa. Nota-se pela direção do olhar que às vezes é desviado.		

ANEXO B – ENTREVISTA

Excerto – Entrevista Região 1

História: O PASSARINHO DIFERENTE

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Branca de Neve- É a primeira vez que tive contato com a história 'O Passarinho diferente'. Durante o filme, eu não havia entendido muito bem o que significava o bico reto e o bico torto. Fui compreender mesmo no final. Eu achei que o bico reto significava que aquele ovo (filhote) era filho de outro pássaro e não do que parecia na história porque, além disso, ele queria comer frutas e não carne, como os irmãos. (As entrevistadas ficaram um pouco confusas com o enredo. A confusão girou em torno do tipo de pássaro seria o da história)

Entrevistador - Você acha que essa história é literatura surda?

Branca de Neve - Acho que não. A história é de difícil entendimento para crianças. Ela não é uma fábula, é uma lenda.

Chapeuzinho Vermelho - Esta história não é como outras para crianças, que são sempre iguais.

Branca de Neve - Acho que essa história foi inventada por alguém.

Chapeuzinho Vermelho - Acho que as crianças não vão saber diferenciar se é uma lenda ou fábula, por isso é importante explicar o que é uma lenda, uma fábula, uma história ou literatura. Há diferenças entre elas.

Branca de Neve - O Nelson Pimenta explicou que esta história não é do Brasil, que a trouxe dos Estados Unidos e traduziu para nós aqui. De fato eu não conhecia.

Chapeuzinho Vermelho – Acredito, também, que esta história tenha chegado depois ao Brasil.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Chapeuzinho Vermelho - Existe clareza na Configuração de Mãos, porém seria importante se antes da história fosse explicado um pouco sobre ela, para que fosse mais bem percebida, ou seja, dicas prévias das configurações de mãos: [.....] (patas), também [.....] (bicos conversando), [.....] (bico torto) e outras configurações de mãos diferentes que aparecem.

Branca de Neve - É quase como se fosse uma poesia, a maneira como são sinalizadas as montanhas, é bem claro, como o uso dos classificadores. As imagens também são muito nítidas, tudo com bom visual.

Branca de Neve - As expressões faciais também são muito claras. Se não fosse assim, tornaria difícil o entendimento. Todavia, com as expressões faciais realizando um elo com os sinais, há um entendimento muito claro de todo o contexto. É como se representasse exatamente coisas que acontece em uma casa, como nas novelas, mas é ilusório.

Chapeuzinho Vermelho / Branca Neve - Também a localização no espaço é muito bem feita, posicionando os sinais nos lugares certos, as casas, montanhas, árvores, tudo com o uso correto dos classificadores.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Branca Neve - O fundo com desenhos abstratos não colabora para um visual claro, contudo a roupa do sinalizador estava adequada para a compreensão dos sinais. Essa história não é própria para o público infantil, mas para adultos. Se as crianças fossem assistir a esta história, iriam questionar sobre alguns sinais e configurações de mãos que são de difícil entendimento. Para o público infantil seria mais adequado, também, o uso de outra roupa.

Chapeuzinho Vermelho - Também o cenário deveria ser adaptado se fosse para as crianças, mostrando as árvores, montanhas, para que o entendimento fosse mais claro. Para adultos está ótimo, porque eles sabem Libras, no entanto, para crianças não. Para estas, precisaria inserir um cenário, mais expressões faciais e movimentos corporais para que entendessem melhor.

Branca de Neve - Esta história é própria para um público adulto. A questão do tempo também é importante, pois é uma história muito longa, que se torna difícil apresentar para crianças. Esta história seria adequada para a 5ª série em diante. Para as crianças seria importante primeiro dar informações, ensinar Libras para que se tornem fluentes e depois apresentá-la. Quando as crianças aprendem bem os sinais e dominam os classificadores, vão ser capazes de entender uma história deste nível. Por isso, acredito que seria para alunos de 5ª série em diante e Ensino Médio, porque é muito extensa. As crianças se incomodariam em ficar tanto tempo sentadas.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Branca de Neve - Acredito que sim. Significa uma adaptação. A questão do bico reto que precisa ficar torto, representando o implante coclear ou a necessidade de ser oralizado, isto é, a proibição do uso da língua de sinais. Lembra a época em que batiam em nossas mãos para não sinalizarmos, da mesma forma que batiam com o bico para que ele entortasse.

Chapeuzinho Vermelho - Esta questão do bico torto significar o implante ou a oralização pode ser facilmente percebida pelos adultos, mas não pelas crianças, pois elas ainda não têm esse conhecimento. Se os adultos já compreendem este fato, facilmente vão fazer essa ligação com o implante. Se existe um conhecimento prévio do implante, os surdos facilmente vão entender, durante a sinalização do filme, que a questão do bico significa a colocação do implante.

Branca de Neve - Outro ponto da história é quando os pais percebem que o último filhote é diferente. Surge então a preocupação, assim como quando

nasce um filho diferente e começam a procurar pelo médico que constata que, de fato, é surdo. Depois vão pedir ajuda na igreja, fazem promessas, mas de nada adianta, pois o filho ainda não consegue ouvir. Gasta-se muito dinheiro com fonoaudióloga, aparelhos, mas em vão, pois o filho continua surdo. E essa preocupação é geral em todos os pais. Isso acontece porque muitos pais pensam que os surdos não são capazes, assim como os pais pensavam que o passarinho precisava ter o bico torto para ser feliz. Quando o surdo cresce, os pais acabam percebendo quanto tempo perderam e como, de fato, seria melhor com a língua de sinais desde o início.

Chapeuzinho Vermelho - Quando os surdos crescem há a percepção que, de fato, são capazes. Os pais, por sua vez, dão-se conta de quanto tempo perderam.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Chapeuzinho Vermelho - A história não mostra nada sobre a surdez, mas mesmo assim consegue transmitir os mesmos sentimentos, emoções e significados que os surdos compartilham. Antigamente, havia histórias que mostravam a vida dos surdos oralizados, com aparelho. Atualmente é diferente. Criaram-se estratégias para que se possam produzir histórias, nas quais os surdos reconheçam-se e compartilhem os mesmos sentimentos. Antes, não se tinha divulgação de nada, todavia agora este conhecimento já é difundido, está ao alcance de todos. Esta opinião mostra que as pessoas falavam sobre os aparelhos auditivos e a oralização, pois era uma marca que acontecia antigamente. Hoje, ainda existem histórias que falam sobre os aparelhos auditivos e a dependência que os surdos têm de outras pessoas, porém há uma mudança, porque algumas histórias apresentam coisas cotidianas da vida dos surdos que não utilizam o aparelho ou não são oralizados. Como exemplo, pode-se citar: histórias que retratam a falta de comunicação na família e a problemática que um filho surdo ocasiona para os pais. Também há histórias que falam sobre o isolamento em que o surdo vive e a mudança que acontece quando ele encontra a comunidade surda e a Libras. Mas estas histórias ainda estão muito baseadas em sofrimentos e aspectos negativos. Precisamos iniciar uma nova fase agora, onde estes

estereótipos surdos sejam deixados de lado. Precisamos de histórias que apresentem os surdos que lutam, que estudam, que estão graduando e pós graduando, que tem uma profissão e que estão desenvolvendo-se mesmo no meio da maioria ouvinte.

F) Tem algum outro material da literatura surda que tu mais gostes?

Branca de Neve - A maioria das produções é de ouvintes, por isso, faltam produções de histórias pelos surdos. A história 'Patinho Surdo' é capaz de nos fazer sentir iguais, podemos reconhecer-nos na história. Já 'Branca de Neve e os Sete Anões' é apenas uma tradução do Português para Libras. Eu sei que criar histórias não é fácil, demora. Contudo, um livro traduzido para Libras é apenas uma tradução, não tem significado. 'Cinderela Surda' é uma adaptação, é diferente, assim como o 'Patinho Surdo'.

Chapeuzinho Vermelho - A leitura do Português é difícil para os surdos, por isso é importante a adaptação da história com algumas dicas e estratégias que ajudem no entendimento. Se é algo produzido por ouvintes, como teatro, piada, não vai ter o mesmo sentido ou graça para os surdos. Por isso, ao ter acesso à literatura surda isso se torna acessível. Como no caso da 'Árvore Surda', não há braços e mãos, mas uma adaptação para a realidade surda. Isso é capaz de ser feito. Conhecemos outros livros do Ines, porém a maioria são traduções.

História: O MISTÉRIO DAS BOCAS MEXEDEIRAS

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Branca de Neve: Essa história é muito importante porque ela mostra a vida dos surdos que não tem emoção porque pensam que são iguais a todo mundo. Depois de um tempo, acontece um choque porque ele descobre que não pertence àquela comunidade a que estava acostumado e que existem dois mundos diferentes. No mundo em que ele estava acostumado, não tinha

emoção e ele vivia angustiado. Fiquei admirada pois a história mostra realmente o que acontece.

Chapeuzinho Vermelho: O surdo pensa que vive sozinho no mundo de ouvintes, que no futuro não vai poder frequentar uma escola, que vai viver sempre sozinho e diferente da sua família. Quando ele encontra pessoas semelhantes, consegue sentir alegria por descobrir que existem dois mundos diferentes e encontrar o dele. Sente-se aliviado por saber que vai poder estudar e conviver com os seus semelhantes. Se o surdo não encontra os seus semelhantes, vai crescer sem base nenhuma, até envelhecer, terá uma vida vazia. Por isso, os surdos que encontram os seus semelhantes têm muita sorte, pois vão constituir-se como surdos, adquirir uma língua e tornar-se pessoas felizes.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Branca de Neve: O vídeo é muito claro. A primeira mulher sinalizou claramente a apresentação. O homem que sinalizou a história também foi claro e, ao fundo, havia um cenário que estava de acordo com as cenas da história. Isso facilita o entendimento das crianças. Se a história não tem um cenário e é contada apenas com a Língua de Sinais, fica difícil o entendimento para crianças e, de repente, somente poderá ser entendida por adultos.

Chapeuzinho Vermelho: O cenário, de fato, contribuiu muito para o entendimento da história. Há o cenário e, logo em seguida, a sinalização. Se for apenas sinalização, fica confuso o entendimento e não combina com o público infantil. Para as crianças, é preciso criar estratégias e ser paciente ao produzir um vídeo para que ela possa reconhecer-se na história. Outro problema é o fato da criança ainda não ser ainda fluente em Língua de Sinais. Por isso, precisa ser uma sinalização leve, porque ela vai demorar um pouco para perceber o que estão sinalizando.

Branca de Neve: Este vídeo é apropriado para crianças do 2º e 3º ano.

Chapeuzinho Vermelho: Às vezes, as crianças chegam à escola tardiamente, o que prejudica o aprendizado de Língua de Sinais. Por isso, a história é mais

direcionada para o 2º ou 3º ano. Se são surdos filhos de pais surdos, mesmo pequenos, entenderiam perfeitamente a história.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Branca de Neve: Eu acho que o Nelson Pimenta precisaria aparecer um pouco mais, pois alguns momentos a sinalização ficou cortada. Quanto ao cenário, achei tudo perfeito, porém o desenho ao fundo poderia ser pintado com cores mais fortes.

Chapeuzinho Vermelho: A imagem que colocaram na frente do sinalizador ficou muito apertada, o que cortou um pouco a sinalização. As imagens que deslizavam na tela chamam atenção das crianças, fazendo com que elas entendam melhor a história.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Branca de Neve: Essa história retrata a realidade dos surdos, pois o que aconteceu com a menina da história sucede com a grande maioria dos surdos, que é sentir-se angustiado até encontrar alguém semelhante. A autora foi muito feliz na sua escolha.

Chapeuzinho Vermelho: Mostra exatamente como se constrói a identidade surda e como é o encontro dos surdos com o seu semelhante, quando até então ele estava sozinho. Um surdo que já viveu isso consegue reconhecer-se facilmente na história.

Branca de Neve: Muitos surdos compartilham essa história de oralização e do encontro com a comunidade surda e, quando ele assiste a um vídeo como esse, vai pensar que, de fato, já passou por isso também.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Branca de Neve: É muito importante a utilização desse vídeo na escola, pois mostra o sentimento que é comum a cada um deles. Ao assisti-lo, irão emocionar-se por lembrarem de uma experiência que já viveram. Isso acontece com crianças que chegam com idade atrasada na escola.

Chapeuzinho Vermelho: Certamente uma criança que assiste a esse vídeo vai emocionar-se. É importantíssimo que esse vídeo seja distribuído para todas as escolas.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Branca de Neve: As crianças prestaram muita atenção ao vídeo e um menino me disse: “tia, isso já aconteceu comigo”. No final da história, as crianças me crivaram de perguntas.

Chapeuzinho Vermelho: Comigo também. No final da história primeiro elas perguntaram alguns sinais que não conheciam e eu expliquei cada um deles, como por exemplo, ônibus, leão.

História: PETER PAN SURDO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Branca de Neve: A história é muito boa, mas não combina com o público infantil. Essa história precisa ser apresentada para um público de mais idade, pois é uma história muito forte, com uma teoria muito forte, não é leve como precisa ser para crianças. Tratar de implante coclear para crianças que não tem nenhum conhecimento sobre ele, não está de acordo. O enredo combina mais com alunos da 6ª série em diante, que já são fluentes em Língua de Sinais, que já conhecem a cultura surda. Para crianças é uma história muito forte.

Chapeuzinho Vermelho: Eu concordo com a Branca Neve, principalmente porque não há um cenário que contextualize a história. A sinalização é muito clara, mas acredito que apenas de 5ª série em diante possa ser entendida. Eu nunca apresentei essa história, inclusive nunca ninguém distribuiu ela para mim, por isso não posso dizer com certeza como seria a aceitação do público. Esse é o primeiro momento que tenho contato e a minha primeira impressão é que seria destinada a 5ª série em diante.

Branca de Neve: O motivo principal de ser destinado a esse público é por ser uma sinalização rápida e não ter cenário ao fundo. E, também, por ser uma história muito forte.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Branca Neve: A utilização dos classificadores é perfeita. Há muita utilização de expressões faciais e poucos sinais. A maior parte da história é contada através de classificadores.

Chapeuzinho Vermelho: A sinalização é ótima, o que faltou mesmo foi o cenário contextualizando com sinalização.

Branca de Neve: A identificação dos personagens também ficou confusa por não haver um fundo que auxiliasse no entendimento.

Chapeuzinho Vermelho: Teria ajudado no entendimento se fosse colocada uma legenda com o nome dos personagens.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Branca de Neve: A cor do cenário e a cor do sinalizador é a mesma. Eu não gostei disso. Precisariam ser cores diferentes, pois ficou tudo verde.

Chapeuzinho Vermelho: Eu concordo com a Branca de Neve. Além disso, a tela é a mesma do início ao fim, ficou como um livro que não tem páginas, ininterrupto.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Branca de Neve: A mãe da história queria fazer implante coclear nas crianças e o Peter Pan, prontamente, levou-as para conhecer outro mundo. Em contato com esse mundo novo, as crianças perceberam que não poderiam fazer o implante coclear. De volta à sua família, conversaram com os pais que decidiram não fazer o implante. Infelizmente isso não acontece na realidade, pois os pais geralmente não vão procurar outra opinião.

Chapeuzinho Vermelho: De fato, os pais só confiam na opinião do médico e não querem saber da Língua de Sinais. Se ao menos eles fossem conhecer um pouco do que é a realidade dos surdos saberiam que deveriam evitar o médico e o implante coclear.

Branca de Neve: O filme mostra a marca de que falta conhecimento para os pais.

E) Qual a importância destas histórias para a educação dos surdos?

Branca de Neve: Acho importante, no entanto, para alunos de mais idade, pois não tem um cenário adequado para crianças.

Chapeuzinho Vermelho: A história é importante sim, porém ainda não foi distribuída para as escolas. Como já disse, é adequado para crianças da 5ª série em diante, por ser uma história forte e não ter as estratégias que atingiriam as crianças.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Chapeuzinho Vermelho: Não mostrei ainda porque não o recebi. Este é o primeiro contato que tenho com a história.

Branca de Neve: Sá havia ouvido sobre a história, mas nunca tinha visto. Tu foste o primeiro a nos mostrar.

História: O FEIJÃOZINHO SURDO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Branca de Neve: Para mim é igual ao Peter Pan, por não possuir cenário ao fundo.

Chapeuzinho Vermelho: A sinalização da história é muito boa, a roupa também, apenas não há cenário e nenhuma imagem. A história do Nelson Pimenta é bem melhor. O livro é muito bom, contudo no vídeo faltaram as imagens ao fundo. Acredito que se o público forem crianças, elas não vão entender perfeitamente. Crianças gostam de imagens, de cores. Se for para um público adulto vão compreender tudo. É um assunto interessante sobre inclusão, mas as crianças terão dificuldades.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Branca de Neve: A sinalização é bem simples e resumida. É uma tradução do que está escrito no livro. No Peter Pan foi diferente, o sinalizador Daniel acrescentou várias coisas na história. Já no Feijãozinho surdo, também foi sinalizado apenas o que estava em cada uma das páginas da obra.

Chapeuzinho Vermelho: Há a presença de alguns classificadores, não é uma sinalização pura.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Chapeuzinho Vermelho: Não há cenário algum. A única imagem é a do próprio sinalizador e, por isso, não combina com o público infantil e, até por que, não existe um visual que contextualize a história. Em alguns momentos não conseguimos nem saber a qual espaço ele está referindo-se.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Branca de Neve: Uma das marcas surdas é o fato da mãe gritar para o filho e ele não ouvir, mas, ao mesmo tempo, ela não utiliza as mãos para comunicar-se com o filho. É estranho porque os feijõezinhos não têm braços, o que era importantíssimo para a comunicação entre eles.

Chapeuzinho Vermelho: Durante o vídeo eu não havia percebido que eles não tinham braços, só fui perceber quando manuseei o livro e isto não está de acordo com a Língua de Sinais. Apenas uma pessoa sinalizava, que era o intérprete na sala de aula, mas isso eu só fui perceber no livro.

Branca Neve: O principal é o livro. Nele realmente existem marcas surdas, no vídeo não.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Branca de Neve: Acho importante para mostrar a diferença no corpo, pois o feijãozinho não tem braço e eles têm. Quando os alunos viram o livro, perceberam logo a diferença. Os Feijões que estão na escola têm braços, significando os surdos e ouvintes.

Chapeuzinho Vermelho: Acho importante o governo incentivar a produção desse livro e distribuir para as escolas.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Chapeuzinho Vermelho: Eu mesma comprei e já apresentei para os alunos, tanto o livro quanto o vídeo.

Branca de Neve: Eu apresentei apenas o livro, o vídeo ainda não.

Chapeuzinho Vermelho: Eu apresentei para os alunos da 8ª série, a maioria entendeu e gostou da história, mas mesmo assim preferiram o livro porque é mais visual. Embora o vídeo tenha chamado a atenção.

Excerto – Entrevista Região 2

História: O MISTÉRIO DAS BOCAS MEXEDEIRAS

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Sininho: Eu achei a história e o visual muito bonitos. A história é ótima porque, geralmente, os surdos não têm informações, não sabem quem são. Como na história, a menina não sabe por que as bocas mexem, não tem conhecimento do mundo de ouvintes e do mundo dos surdos. Essa história retrata um problema que acontece com as crianças surdas.

Patinho feio: Ao crescer, os surdos não sabem exatamente quem são e isso piora, pois convivem com ouvintes que possuem um modo de vida totalmente diferente. Essas dúvidas que surgem em sua mente só vão desaparecer quando entram em contato com outros surdos e com a língua de sinais.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: Eu percebi que a filmagem possui alguns cortes que atrapalham a visualização, por isso ficou confuso. O ator, às vezes, sinaliza de um lado, às vezes de outro e isso atrapalhou muito. O ideal seria uma sinalização contínua, sem cortes. Acredito que, ao assistir, os surdos acharão um pouco complicado.

Patinho feio: O Nelson Pimenta usa uma roupa adequada para o público infantil e a sinalização é bem leve, inclusive da atriz. Eu consegui entender todos os sinais, mas algumas crianças daqui não entenderiam, como, por exemplo, mãe e pai, em que ele utilizou a datilologia, pois ele fez uma configuração de mão diferente. Eu consegui entender, pois já viajei por diversos lugares, mas as crianças aqui de Santa Maria não sei se entenderiam. Primeiro seria necessário ensinar estes sinais, para depois apresentar o vídeo.

Sininho: No vídeo eles utilizaram os sinais de seu local de origem, não se preocuparam em utilizar sinais gerais. Depois de apresentar o vídeo, com certeza surgiriam diversas perguntas das crianças. Eles utilizaram os dialetos da própria região. Deve haver respeito pelos sinais deles. Precisaria haver uma tradução, como, por exemplo, o sinal de pão aqui é assim “e o sinal de pão lá é assim”.

Patinho feio: Tem também a questão do uso dos classificadores, que é homogêneo em todo o lugar. Isso, por exemplo, resolveria o problema do sinal de pão, se fossem usados os classificadores. Acredito que este vídeo pode ser apresentado da 2ª série em diante, pois para as crianças da educação infantil e primeira série torna-se um pouco difícil entender estas questões de identidade e o assunto em si.

Sininho: Se fosse para crianças menores seria necessária a utilização dos classificadores, pois iriam assimilar muito mais facilmente. Para as crianças da 2ª série em diante fica mais fácil, pois já conhecem estes sinais.

Patinho feio: Para as crianças seria mais fácil histórias sobre outros assuntos, como animais, frutas, etc.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Sininho: Eu achei o visual muito bonito. O cenário tem umas cores bem fortes, que chamam a atenção. Achei muito bonita também as imagens que vão aparecendo. De fato, a única coisa ruim foram os cortes na filmagem e as trocas de posição do sinalizador. Outro fator prejudicial foi o desenho das cortinas na frente da sinalização. Isso deixou o campo de sinalização muito restrito. Essas cortinas eram pra ter ficado mais para os cantos, deixando o espaço maior para a sinalização. Ao mesmo tempo, as cores vibrantes chamam a atenção das crianças, correndo o risco de disputar a atenção com o sinalizador.

Patinho feio: Os pontos que achei ruim a Sininho já comentou que são o desenho das cortinas, que deixou o campo de sinalização muito pequeno, e

também os cortes na filmagem. Se acontece um erro na filmagem, o ideal é recomeçar novamente para que seja uma filmagem sem cortes. Também achei o fundo com os círculos um pouco confuso. É ideal que seja um fundo liso.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Sininho: No início da história, quando aparecia a menina olhando para os lados, sem entender as bocas, eu já percebi que ela era surda. As atitudes delas são bem características de crianças surdas nessa faixa etária. Geralmente as pessoas só vão perceber que a história trata-se de uma criança surda mais adiante, porém eu facilmente entendi na segunda cena, bem antes da quarta, quando é revelada a verdade.

Patinho feio: A língua de sinais é uma marca surda. A aquisição da identidade surda é outra marca, o que só acontece em contato com outros surdos.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Sininho: Eu acho que o principal é ensinar através da Literatura Surda. Antes isso nem era tão importante, tão comentado, porém agora eu acredito ser imprescindível. Uma coisa muito importante nessa questão é que a Literatura, em geral, não é ensinada em casa, não é estimulada por causa da falta de comunicação. Quando a criança vem para a escola e apresentamos a literatura surda, as crianças surpreendem-se porque isso nunca tinha sido apresentado antes. Para crianças ouvintes, torna-se bem fácil o contato com a Literatura, mas com os surdos é muito complicado. Por isso, que eu acho de extrema importância essa divulgação, não só dessa história, mas de tantas outras que temos agora. É importante apresentar para o aluno estas histórias, fazer com que ele conheça os diversos sinais que se apresentam e depois provocá-los, perguntando sobre o que se trata a história, o que entenderam, estimular o raciocínio dos alunos e também ajudando-os a tornarem-se fluentes na Libras. Além disso, é essencial que as crianças conheçam as histórias de cada região do nosso país, que é tão rico culturalmente, como a história do Saci, etc. Falta para os surdos o que

acontece com as famílias ouvintes, nas quais os pais vão contando para os filhos as histórias e estes para os netos e assim por diante. Por isso acho fundamental a divulgação de histórias como estas, para que possamos utilizá-las nas escolas.

Patinho feio: É importante sim a utilização destas histórias nas escolas, não só aqui na nossa, mas também nas escolas de ensino médio, pois pode contribuir muito para a constituição da identidade surda. Além disso, acho importante que os pais também assistam esta história para perceber o quão importante é que a família aprenda a língua de sinais para poder comunicar-se efetivamente com o filho surdo. Inclusive isto é uma demonstração de amor dos pais pelo filho surdo.

Sininho: Isso é verdade, mas infelizmente falta a participação mais efetiva dos pais na escola, a fim de que ele mesmo possa aconselhar o filho. Além disso, é importante esse elo afetivo entre os pais e filhos, mesmo que não sejam iguais.

F) Tem algum outro material da literatura surda que tu mais gostes?

Sininho: Na verdade, o que eu mais utilizo são histórias nas quais apareça o Sign Writing como, por exemplo, Cinderela Surda, pois é uma história muito boa e as crianças não conhecem. Não são muitos livros que apresentam a Sign Writing. Poderia fazer-se uma adaptação, uma tradução das histórias para SW. Mas no geral, a que eu mais gosto é Cinderela Surda, depois Rapunzel Surda, o Patinho Surdo, pois apresentam os sinais e também a SW. Infelizmente, no livro de histórias não há o movimento das mãos, apenas o desenho, é algo estático. Por isso acho importante o SW, pois ele já apresenta, inclusive, as expressões faciais e o movimento.

Patinho feio: Eu gosto muito do Patinho Surdo, Adão e Eva, Cinderela Surda, mas estes são adaptações ou traduções de criações de ouvintes. Por isso, esta história das Bocas Mexedeiras é tão importante, pois ela é uma criação própria para surdos. Inclusive, eu achava que esta história tinha sido escrita por surdos e não por ouvintes, pois retrata exatamente a realidade surda.

Sininho: Outra coisa que eu percebi nesta história – e que falta nas histórias, em geral – é a agregação de outra diferença. Folheando diversos livros, percebi que todos os personagens são brancos, não há nenhum negro. Por isso, eu acho que é necessário agregar também personagens negros às histórias que são apresentadas para os surdos. Por exemplo, poderia ser colocada uma história onde relacionassem os escravos aos surdos. Há outro filme que retrata negros que eram ricos [SINAL NÃO SEI]. Então, poderia adaptar-se esta história para os surdos. Os surdos negros não se encontram nas histórias, pois todas elas falam de surdos brancos, por isso acho importante agregar isso também.

Patinho feio: Eu lembro também da história Tibi e Joca. Essa é outra história que fala sobre surdo e é uma criação e não adaptação ou tradução.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Patinho feio: Não, eu nunca tinha visto esta história. Vou aproveitar para utilizá-la com os meus alunos.

História: O FEIJÃOZINHO SURDO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Patinho feio: Eu consegui entender bem a história, mas o final parecia estranho, como se tivesse continuação depois. Mas é uma boa história.

Sininho: Um detalhe importante nessa história é que são utilizados sinais do Rio Grande do Sul, sinais mais leves. As imagens são ótimas. Infelizmente, a história não teve fim. Será que vai ter um outro livro dando continuidade? E se demorar para ter a continuidade? Isso pode angustiar um pouco as crianças, que vão querer saber o que aconteceu depois. Então não teremos resposta a não ser esperar que venha outro livro para dar continuidade. Tem Português na história? Já que tem Português escrito, tanto faz apresentar para surdos ou ouvintes. Tem o SW também. Acho que é possível sim.

Patinho feio: A história apresenta SW que os surdos podem entender e o Português que os ouvintes compreendem. Acho que esta história seria adequada para que os ouvintes pudessem conhecer um pouco mais sobre a educação de surdos, seja para ouvintes em geral ou para ouvintes que são professores.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: A Libras utilizada é bem leve, suave. Acho que esta história pode ser apresentada para crianças a partir da Educação infantil, pois são sinais bem sutis acompanhados de muitas expressões faciais.

Patinho feio: Acho que não pode ser apresentada para a educação infantil, pois eles não têm conhecimento do que é um intérprete. O que é um intérprete na escola? Por isso, seria necessário explicar para eles. Na minha opinião, seria bom apresentar da 2ª série em diante, pois já há essa noção, esse conhecimento do intérprete.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Patinho feio: Achei a parte técnica muito clara, o cenário e o enquadramento proporcionaram um campo de visão bem amplo.

Sininho: Achei o campo de sinalização muito bom, pois não há nenhum corte parte e fornece uma boa noção do corpo do sinalizador. Achei excelente.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Sininho: A história demonstra muito bem a maneira como a criança sente-se ao nascer surdo. Esta história é muito semelhante ao Tibi e Joca, mostrando estes dois mundos e a maneira como as crianças angustiam-se entre eles.

Patinho feio: O momento em que a fada dá ao surdo a capacidade de sinalizar relembra a marca surda que acontece quando há o encontro com os outros surdos e é iniciada a utilização da língua de sinais.

Sininho: Outra coisa que aparece e que de fato é uma marca surda é a preocupação que os pais ficam ao descobrir que o filho é surdo. Todo aquele medo e angústia, o qual mostra a história, acontece na vida dos pais que têm filhos surdos.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Patinho feio: Acho que é muito relevante por mostrar que existem escolas só para surdos e escolas inclusivas e, ainda, que existem diferenças educacionais entre elas. Por isso acho importante.

Sininho: Eu acho importante a divulgação desta história, pois ela tem a língua de sinais e também a SW. Acredito que se uma história não tem SW, a língua de sinais e o Português não é própria para divulgar.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Sininho: Eu apresentei este vídeo para as crianças ontem. Foi bem legal, pois eu os estimei a fazer desenhos sobre a história e discutimos sobre ela. Eles aceitaram a proposta e foi muito bom.

Patinho feio: Eu ainda não utilizei, mas agora vou aproveitar para mostrar aos alunos.

Historia: PETER PAN SURDO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Patinho feio: Eu achei a história ótima. É interessante porque conseguiu mostrar que os surdos têm uma outra cultura, como um outro mundo. De uma história clássica, foi possível adaptar para mostrar a diferença entre surdos e ouvintes.

Sininho: Gostei da história, pois em casa eles aprendiam sobre o implante coclear e quando o Peter Pan levou-os para conhecer outro mundo, eles descobriram a Língua de Sinais. Com a Língua de Sinais eles sentiram um

impacto, uma emoção. Ao voltar para casa, seguiram sinalizando entre eles e veio o momento em que os pais impactaram-se com isso. Antes falar sobre implante coclear era algo natural, que eles não questionavam, até conhecer o seu mundo de fato. Com isso perceberam que o implante coclear não seria o melhor para eles. A história é clara, mas acredito que crianças pequenas não iriam entender. Acredito que o público para esta história é da 5ª série em diante, pois é sinalizada muito rápido.

Patinho feio: Eu acho que crianças poderiam assistir também, pois as expressões dele são muito ricas e elas poderiam captar tudo isso. (PALAVRA SOLETRADA QUE NÃO ENTENDI). Mas a sinalização, em si, deveria ser mais calma para que elas compreendessem.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: Durante a sinalização é possível perceber pelo desvio do olhar que ele está sendo guiado por alguém que não aparece em cena. Não é uma sinalização contínua e segura. Sobre a Sininho, ela é homem ou mulher? Porque ele sinalizou FADINHO. Ficou um pouco confuso.

Patinho feio: Eu percebi que ele sinalizou muito sério, não combina com o público infantil. Para crianças deveria ser uma sinalização mais leve.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Sininho: Eu achei a sinalização muito escura e também muito próxima, o que fez com que alguns sinais fossem cortados. Em alguns momentos até a testa do sinalizador foi cortada. Se a câmera estivesse mais afastada seria bem melhor. O campo de sinalização deve ser bem mais amplo.

Patinho feio: Concordo com o que ela comentou sobre o campo de sinalização. Além disso, achei que a cor da roupa não estava adequada. Também percebi a iluminação: de um lado estava claro e do outro escuro. Faltou um pouco de organização.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Patinho feio: A própria questão de ir até o povo surdo é uma marca.

Sininho: O encontro com a Língua de Sinais é uma marca surda. No momento em que eles viram outros sinalizando, perceberam que são semelhantes e começaram a sinalizar também, esquecendo a oralização, isso constitui uma marca surda.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Sininho: Acho que é significativo sim pelo fato de mostrar o implante coclear e de alertar aos surdos sobre esta questão. Não conheço outra história que fale sobre o implante e faltam muitas informações para os surdos sobre isso também. Essa história mostra o outro mundo, um mundo onde os surdos podem mergulhar. Por isso, é importante a divulgação dessa história, pois um surdo pode reconhecer-se nela, perceber que é semelhante às crianças que ali estão e identificar sua própria cultura. Quando a criança cresce, sua identidade não está completa ainda. Ao encontrar com outros surdos e identificar-se com eles, sua identidade pode completar-se. Pode até acontecer de um aluno surdo dizer que é ouvinte. Isto significa que sua identidade não está completa. Isso pode acontecer porque falta o encontro do surdo/surdo e a percepção das semelhanças que existem.

Patinho feio: Acho que é fundamental divulgar nas escolas, sim, mas também nas famílias. Pois nós sabemos que já está sendo amplamente divulgado na mídia a questão do implante coclear. Por isso, acho necessário que as crianças e os pais tomem conhecimento disso para ter a visão correta sobre o implante e que ele não é necessário para que o surdo possa viver bem, pois a Língua de Sinais o completa.

Sininho: É verdade. Foi divulgado no programa da Ana Maria Braga sobre o implante e como ele é bom.

Patinho feio: Sim, também no programa político o Serra divulgou sobre a necessidade do implante coclear.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Sininho: Não, ainda não utilizei.

Patinho feio: É um livro novo?

Sininho: Precisa ser distribuído para os professores. Até porque neste vídeo há muitas expressões faciais, corporais e também o uso dos classificadores. Infelizmente, houve o corte de muitas partes por causa da proximidade da câmera. E também a roupa, mas entendo que o verde era para combinar com a temática do Peter Pan, que também é verde.

História: O PASSARINHO DIFERENTE

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Patinho feio: Eu amei a história. Os passarinhos tinham o bico torto. Quando nasceu um passarinho com o bico diferente, queriam que ele fosse igual aos outros. Tentaram muitas vezes e de diversas formas, mas não conseguiram. Podemos comparar com os surdos e ouvintes e as mudanças que querem fazer nos surdos para que sejam iguais. Muito boa!

Sininho: Achei a história muito extensa. Se for para crianças, eles não vão conseguir manter a concentração por tanto tempo. Com certeza a história pode refletir o embate entre surdos e ouvintes. A questão de querer entortar o bico pode até ser comparada com o implante coclear e com o avanço tecnológico que quer resolver a questão da surdez. Acho que esta história pode ser apresentada da 5ª série em diante.

Patinho feio: Acho que não. Acredito que a partir da 3ª série já são capazes de entender. Inclusive, acho importante para esta faixa etária para já preveni-los do futuro, das influências que podem acontecer em suas vidas em relação à surdez.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: A sinalização está ótima, muito clara. É rica em classificadores e em expressões faciais.

Patinho feio: Está bem clara mesmo. Além do uso de classificadores e expressões faciais, o movimento do corpo para a mudança de personagem é perfeita. Tudo é bem leve. Perfeito! Inclusive pode ser apresentada em qualquer região do país.

Sininho: Apenas uma coisa achei confusa: o uso de datilologia como, por exemplo, para a palavra UVA. Depois, ele utiliza classificadores para mostrar que comia uva, mas não apresentou a palavra. Além dessa, ele usou datilologia para outras palavras, como PAI e MÃE.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Sininho: Achei que a imagem é bem clara, nítida. O cenário apresenta desenhos abstratos que são bonitos e não atrapalham a sinalização.

Patinho feio: Achei a parte técnica muito boa também. Além do cenário, a roupa do sinalizador está bem adequada e a iluminação também. O espaço de sinalização é bem amplo. Tudo perfeito.

D) Sininho: A marca principal é a diferença entre os passarinhos de bico reto e bico torto. Podemos comparar com os surdos e ouvintes.

Patinho feio: Marcas surdas não têm. O que podemos fazer é uma relação entre surdos e ouvintes.

Sininho: Realmente não há marcas surdas, mas podemos visualizar a vontade que os ouvintes têm de fazer os surdos oralizar e não sinalizar.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Sininho: Acho preciso divulgar sim, pois através desta história eles podem entender que existem pessoas diferentes como, por exemplo, eu sou surdo e tu és ouvinte. Somos pessoas diferentes, não que eu seja deficiente.

Patinho feio: Ao mostrar este vídeo aos alunos, eles podem perceber as diferenças. Podemos provocá-los, perguntando 'quem é o surdo'? Através disso, podemos orientá-los sobre os cuidados com as influências para a oralização e implante coclear.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Sininho: Eu já utilizei há muito tempo. Todavia, naquela época não existia DVD, só fita. Agora tem DVD, mas nem sei se possui legenda. Eu procuro utilizar outros novos.

Patinho feio: Eu utilizei ano passado na disciplina de Língua de Sinais. Acho importante, pois ajuda na constituição das crianças.

História: O BOI E O SAPO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Patinho feio: Eu amei a história porque mostra para as crianças as diferenças que existem e que não devemos tentar imitar ou ser igual a outras pessoas. Como no caso dos surdos, tentando imitar os ouvintes oralizando. Não deve ser assim, tem que ser como o surdo é. Às vezes, os surdos tentam colocar aparelhos auditivos e tentam oralizar ou alguns até chegam a fazer o implante coclear, mas de nada adianta. Tem que ser como o surdo é, diferente.

Sininho: Eu ia comentar exatamente o que ele comentou. Não podemos ter inveja dos outros, querer igualar-nos ou copiar outras pessoas. Isso não deve ser feito. Infelizmente, isso acontece muito, inclusive com as crianças pequeninas. Às vezes, as filhas vêem as mães passando batom e depois vão fazer a mesma coisa, copiando-as e fica estranho, porque é apenas uma criança. E a mãe diz que ela não deve fazer isso, mas a criança explica que quer ser igual à mãe. Isso também acontece com as roupas, as filhas querem vestir-se iguais às mães, com roupas de adultos, ou sapatos de salto alto. Porém, é preciso tomar cuidado com isso. É uma excelente história. Adorei!

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: O uso dos classificadores e das expressões faciais é bem marcante.

Patinho feio: As expressões faciais e os classificadores são bem claros, toda a sinalização é clara. Excelente. É bem fácil para as crianças entenderem.

Sininho: Acredito que pode ser apresentado para todas as faixas etárias, sem distinção. Além disso, é um excelente material didático para colaborar com a educação dos surdos, inclusive no EJA.

Patinho feio: Exatamente, da Educação Infantil, até o EJA.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Sininho: Eu acredito que seja melhor tirar a legenda, pois acaba atrapalhando a visualização.

Patinho feio: Tem legenda? Nem notei! Rsrtrs

Sininho: Viu??? A legenda é desnecessária. Ele nem percebeu, mas pode acabar confundindo os alunos e estes ficarem fazendo perguntas por causa disso. O ideal é o foco na sinalização. Quanto aos outros itens da parte técnica, achei muito bons. O campo de sinalização é amplo, o vídeo é claro. Os desenhos que passam estão ótimos, pois complementam o que foi sinalizado, dão o contexto. O único detalhe seria tirar a legenda.

Patinho feio: Achei que o fundo escuro favoreceu a visualização do sinalizador. Apresentar as cenas da história depois das sinalizações contribui para o entendimento da história pelas crianças pequenas, conseguindo fazer um elo entre o que foi sinalizado e o desenho. Há também o movimento do sinalizador, sem cortes.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Patinho feio: Acho que não há marcas surdas. Apenas podemos fazer uma comparação com os surdos quando eles tentam imitar os ouvintes. Mas marcas surdas não existem.

Sininho: Concordo que não haja marcas surdas. O vídeo retrata apenas sobre comparações.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Sininho: Acho que é importante apresentar para os surdos, sim. Inclusive nas escolas de ensino médio, onde estes poderão, futuramente, apresentar para outros surdos.

Patinho feio: Acho que é relevante sim, pois ensina como devem ser nossas atitudes, comportamentos. Esse DVD pode ser aproveitado para falar sobre moral para surdos de quaisquer idades.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Patinho feio: Não utilizei ainda, mas pretendo.

Sininho: Eu também não utilizei ainda. Este DVD não foi distribuído para as escolas. Se quisermos, precisamos comprar.

História: CHAPEUZINHO VERMELHO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Patinho feio: Quando a chapeuzinho está sinalizando, é utilizada a roupa. Quando é outro personagem, a roupa é tirada. Achei isso um pouco confuso. Quando apareceu o lobo mau comendo a vovozinha, ela não usava roupa. Acredito que ficaria bem melhor se tivesse a caracterização de todos os personagens. Ou então poderia ser mais de um ator, um para cada personagem. Ficou muito confuso assim e acredito que algumas crianças podem não compreender. Melhor seria se fosse apenas uma roupa para sinalizar.

Sininho: Concordo com ele. Acredito que atrapalhou bastante. No momento do caçador, poderia ter sido apresentada a espingarda. Para o entendimento das crianças ficaria bem melhor. Mas não, não utilizaram. Outra coisa ruim foi a presença da legenda, que também atrapalhou. Olhando a legenda e a sinalização, parece que ficou Português sinalizado. Não foi sinalizado respeitando o contexto da Libras, mas do Português. Não foi utilizada a própria imaginação para sinalizar, foi uma cópia do Português.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Sininho: Foi utilizada muita datilologia e achei reduzido o uso dos classificadores.

Patinho feio: Tem um pouco de movimento do corpo na sinalização. A direção do olhar da sinalizadora ficou fixo na câmera. Isso não é necessário. Ela pode movimentar o olhar pelo cenário também, acompanhar o movimento do sinal. A sinalização em si estava boa e a legenda pode ser retirada, pois atrapalha.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Patinho feio: Acho que o cenário das árvores e da casa ao fundo está de acordo com a história, foi bem escolhido. Faltaram as roupas dos outros personagens, porém a luz estava boa.

Sininho: Acho que o visual ao fundo ficou muito bom, está excelente para as crianças. Mas apenas um ator para esta proposta, ficou confuso. Seria bem melhor se houvesse a presença de outros atores representando, devido ao grande número de personagens. Acredito que esta história pode ser apresentada desde a Educação Infantil até os adultos.

Patinho feio: Acho que o público principal para esta história é o da Educação Infantil. Até pode ser apresentada para as outras crianças, mas o principal seria a Educação Infantil.

Sininho: Seria ótimo apresentar para as crianças pequenas, pois pode aproveitar para falar sobre a falta de respeito da Chapeuzinho com a sua mãe. Aproveita-se a história para falar sobre o carinho, o respeito, o cuidado que é preciso ter com os conselhos das mães e não desprezá-los. Por isso, concordo com o Patinho feio sobre a faixa etária indicada. Claro que também pode apresentar para os outros dando o mesmo enfoque.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Sininho e Patinho feio: Não há marcas surdas na história, nenhuma.

Sininho: Não há marcas surdas, pois é a tradução de uma história criada por ouvintes, tanto que a sinalização acompanha a legenda. Talvez houvesse marcas surdas se tivessem adaptado a história para Chapeuzinho surda e tal, porém assim desta forma, não há.

Patinho feio: Esta história é da cultura ouvinte e apenas foi traduzida para a Libras.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Patinho feio: É importante sim, pois é uma forma de ensinar a moral para os surdos, o respeito aos pais, pois é comum entre os surdos a não obediência aos genitores. Por isso, é um excelente meio de ensinar a obediência aos pais.

Sininho: Acho importante sim. Hoje mesmo, na minha aula, eu utilizei esta história. Após a apresentação, perguntei para as crianças o que elas entenderam e estas não me responderam nada. Alguns simplesmente responderam que a Chapeuzinho foi levar doces para a vovó. Outro falou que ela levou vinho. Vinho? E a vovó ficou bêbada? Não, ela levou leite. Apenas um aluno conseguiu sinalizar toda a história, mesmo sem acompanhar, mas de acordo com o que conseguiu entender e foi perfeito. Quando perguntei sobre o significado da história, eles também não souberam responder. Então, expliquei sobre a falta de respeito à mãe. Eles concordaram comigo. Então aproveitei para perguntar se eles respeitam suas mães e estes responderam

que não, que falta respeito. Então conversamos sobre a importância de avisar para os pais aonde se vai, se vai jogar futebol ou na casa do amigo, etc. Se eles não fizerem isso, vão deixar seus pais angustiados, preocupados, imaginando que pode ter acontecido uma coisa ruim com eles, como um assalto ou até mesmo morrido. Eles concordaram comigo. Aproveitei para aconselhá-los.

Patinho feio: A relevância de apresentar para os surdos é que essa literatura está disponível para os ouvintes através do Português, porém aqui é apresentada em Libras, por isso é importante.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Sininho e Patinho feio: Já apresentamos diversas vezes.

Patinho feio: Uma vez apresentei e fiz a proposta de adaptar a história, fazendo a mãe ouvinte e a Chapeuzinho surda.

Excerto – Entrevista Região 3

História: CHAPEUZINHO VERMELHO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Rapunzel: O visual é claro, os desenhos são muito bons, a Libras está perfeita. Achei estranha a questão da datilologia para MAMÃE. Achas que as crianças vão entender? Fico em duvida. Também para MAU, eles não vão entender o significado de MAU, só vendo o sinal. Por isso é importante dar dicas de que MAU corresponde a tal sinal, para que elas aprendam.

Cinderela: a questão da troca dos personagens e a roupa que usam vale destacar. Só a chapeuzinho usa a roupa correspondente, os outros personagens não. Por isso, fica um pouco confuso para entender o significado dos outros personagens. Para as crianças pequenas torna-se muito difícil. Para os maiores, a partir dos 10 anos, não haveria problema. Menores, não. Precisaria de mais materiais visuais para os personagens. Pode ser apenas um ator, mas que troque as roupas para representar outros personagens ou então utilize outros materiais.

Rapunzel: é uma estratégia para as crianças pequenas, sim. A roupa, o chapéu, a arma para o caçador, etc., isso é visual. As crianças gostam mais do visual, pois elas conseguem perceber se é um personagem do bem ou do mal por causa da expressão, mas também por causa das roupas e materiais usados. São estratégias.

Cinderela: é preciso a criação de estratégias para as crianças.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Cinderela: é clara, mas tem a questão da datilologia.

Rapunzel: eu percebi a Libras muito clara, havia uma excelente expressão corporal e facial, porém a questão da datilologia foi o problema, porque os alunos não vão entender. Seria necessário dar as dicas antes.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

CINDERELA: Eu achei o cenário bem atrativo, com desenhos que chamam a atenção das crianças, próprio para o público infantil. A roupa dos personagens está boa, mas pouca. Precisaria que os personagens trocassem de roupa, pois é mais visual. A vovó precisaria do óculos, do vestido.

Rapunzel: eu concordo com ela. A questão das cores para o cenário está excelente, de acordo com a necessidade visual dos surdos. No entanto, precisava de mais estratégias em relação aos materiais visuais, as roupas, acessórios, etc.

Cinderela: deveria ter a opção para colocar ou não a legenda porque para as crianças ela não é usada, apenas a língua de sinais. Para os adultos, sim, poderia ser utilizada a legenda.

Rapunzel: eu tenho experiência na escola porque os alunos querem que eu fique interpretando o que está na legenda. Mas isso não é necessário, pois tem a sinalização, que é muito mais fácil de ser entendida e é o principal também. A única coisa que acho é a questão das estratégias com os materiais visuais, que precisam ser aumentadas. E a legenda tem que ser opcional.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Rapunzel: apenas a Libras é uma marca surda nesta história.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Rapunzel: acho que é importante sim, pois as informações não ficam limitadas aos ouvintes. Por isso, a escola precisa oferecer esse tipo de material para estimular a questão moral dos alunos, o respeito aos pais, etc,

para que eles possam melhorar suas vidas. Essa história pode ser um tipo de exemplo de como é a vida hoje.

Cinderela: acho que é fundamental a publicação sim, principalmente quando ela é transmitida em Libras. Quando a criança vê a história em libras, ela identifica-se, pois está utilizando a mesma língua, há um reconhecimento e uma ligação instantânea. Isto estimula muito a constituição da criança. Se ela tiver acesso apenas aos livros de histórias, com lindas imagens, mesmo assim, eles não vão despertar o mesmo sentimento na criança, esta mesma ligação transmitida pela história quando está apresentada em libras. Com os livros de história, ele vai continuar na mesma dependência do ouvinte, o que não acontece com as histórias em Libras, pois ela se reconhece nela. Por isso, acho tão importante e torço para que cada vez a literatura surda seja ampliada e que isso não se perca. Isso é uma marca para os surdos, pois é visual, é um registro na língua deles, assim como a escrita é o registro dos ouvintes. O surdo precisa da libras para identificar-se, necessita dos registros na sua própria língua.

Rapunzel: isso é um desafio e, ao mesmo tempo, um auxílio muito grande para que as crianças surdas possam ter um entendimento muito maior de mundo.

F) Tem algum outro material da literatura surda que tu mais gastes?

Rapunzel: eu gosto muito do Pinóquio, do Nelson Pimenta. É uma história com sinalização perfeita. Eu me emociono toda vez que assisto.

Cinderela: concordo sobre o Pinóquio e também gosto de Alice no país das maravilhas, da Arara Azul. Há o livro e também o DVD. É uma história muito boa, as crianças adoram. Tem visual adequado e as imagens muito boas.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Cinderela e Rapunzel: nunca utilizei.

História: O MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS.

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Cinderela: Acho que, de maneira geral, o que apresenta esta história aconteceu na vida da maioria dos surdos. Dessa forma, esta história mostra um pouco da experiência da vida dos surdos. E eu acho muito importante mostrar isso para que as pessoas possam entender claramente o que acontece. Achei o visual muito bom, mas tem algo um pouco difícil, pois a sinalização utilizada é diferente da que utilizamos aqui no RS. Faltam sinais mais aproximados aos que usamos aqui. Achei o contexto da sinalização um pouco complicado e também muito rápido. Além disso, as imagens que aparecem no meio da sinalização atrapalharam um pouco o entendimento da história. Estas imagens precisavam aparecer mais lentamente. Na realidade, o problema é que foi tudo muito rápido. A qualidade, no geral, está muito boa, todavia é uma sinalização que não é nossa, é apropriada para outra região. Acho que até pode ser apresentada para as crianças, porém é preciso estratégias antes para explicar o que vai acontecer na história. Acredito que pode ser apresentado pra crianças pequenas, mas isso vai dar mais trabalho, pois precisaremos estar constantemente chamando a atenção delas para alguns sinais que precisam ser esclarecidos. Acho que uma história como esta precisa ser apresentada em dois dias, para que se possa, com calma, mostrar para as crianças estes sinais, explicar o que se passa.

Rapunzel: eu gostei da história, contudo, a Libras utilizada no vídeo é como se fosse um dialeto de outra região. Acho que a partir da 4ª série é possível apresentar, juntamente com dicas para o entendimento deste dialeto que possui alguns sinais diferentes, como MÃE, PAI. Desta maneira, acredito que os alunos possam entender, porém não vai ser rápido. Deve ser apresentada várias vezes para os alunos e estimulá-los para que compreendam. Eu entendi o contexto, mas os alunos não vão entender. Por isso acho que só a partir da 4ª série para que consigam compreender. É impossível termos uma Libras única em um país tão grande. Este DVD utilizou a sinalização que

circula naquele meio. Precisaria ser feita uma adaptação para os sinais do RS, mas não sei como.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Cinderela: eu percebi que a libras é confusa. Com a ajuda das expressões faciais e corporais, foi mais fácil entender e também com o auxílio dos classificadores. Se não tivessem sido utilizados os classificadores e expressões faciais e corporais, eu não teria entendido nada. Assim foi mais fácil perceber o contexto da história, mas com muito esforço. Essa história de passar pela oralização e depois pela sinalização é complicada. Eu entendo, eu conheço, mas se a sinalização foi muito difícil para mim, imagine para as crianças! Se houver uma dedicação, um estudo para entendimento, acho que é possível.

Rapunzel: eu acho que se fosse utilizada uma sinalização voltada para o público infantil, seria mais fácil o entendimento: “olhem, a criança vive sozinha, os pais oralizam e tal...”. É preciso mostrar claramente para elas o que acontece, pois é uma sinalização mais complexa. Essa história deve ser apresentada para crianças de 4ª série em diante, pois eles seriam capazes de entender.

Cinderela: Como, por exemplo, o MAE que é utilizado. Acredito que precisariam ser utilizados sinais, ou o de mãe, ou classificadores que facilitassem para a criança pequena entender do que se trata.

Rapunzel: a sinalização também precisa ser mais devagar para o público infantil. Adultos e crianças a partir da 4ª série não teriam problemas. O único problema, na verdade, é o dialeto.

Cinderela: para apresentar este DVD, precisaria que, anteriormente, o professor assistisse e criasse estratégias para apresentar da melhor forma para as crianças.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Cinderela: eu achei o visual muito bonito, mas com um espaço muito restrito. As cortinas são bonitas, contudo deixaram o campo para sinalização muito pequeno. Acho que na frente não deveria ter nenhum desenho, apenas no fundo, para que fique liberada para a sinalização, onde o ator possa movimentar-se livremente, sem aquelas barreiras.

Rapunzel: eu gostei, mas concordo com a Cinderela sobre a limitação do espaço pra sinalizar. Essas barreiras fazem com que se perca alguns sinais. Por isso, seria importante retirar aquela imagem da frente.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Cinderela: a marca surda é que a história apresenta exatamente o que acontece na vida de cada um de nós, surdos. O que retrata a história representa como cada um de nós, surdos, constitui nossa subjetividade ao viver no mundo onde as pessoas falam e, também, o momento em que acontece o contato com a Libras. Isso sempre acontece.

Rapunzel: a história mostra exatamente como acontece o sofrimento do surdo ao conviver com pessoas que falam o tempo inteiro, enquanto ele nem sabe o que está acontecendo. Ele se sente o único no mundo, pois todos a sua volta são ouvintes. Fica confuso, negativo, estranho, sem saber quem é de verdade. Depois, quando encontra alguém que utiliza a Libras, ele descobre que há outras pessoas que são iguais a ele, é o encontro com o outro surdo. Enquanto isso não acontece, ele se pergunta 'quem sou eu?'. Hoje existem mais informações sobre isso, também nas escolas, mas antigamente isto não acontecia, não havia estas informações.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Rapunzel: é importante sim, pois mostra como é a vida dos surdos hoje. É a realidade de conviver no meio de pessoas que são ouvintes e que falam, sendo que eu não sei quem exatamente sou, pois sou diferente deles. A história mostra quem é o surdo. É fundamental, principalmente pela divulgação da Libras, a nossa própria língua. Os ouvintes têm a sua língua, mas e eu, o surdo? Por isso, é importante apresentá-la para que as crianças

surdas saibam que elas possuem uma língua, a Libras. Precisa divulgar, sim, mas apenas fazendo algumas adaptações nos sinais por causa do dialeto. Acho que da 4ª série em diante é possível apresentar, pois eles já são capazes de compreender a questão da diferença do dialeto.

Cinderela: Acho importante divulgar. Mas acho que antes de fazer a publicação de um livro como este é necessário chamar um grupo de pedagogos para saber a opinião deles sobre o DVD, se eles acreditam que está apto a ser apresentado para crianças. Se eles aprovarem, aí sim, pode ser publicado. Não pode simplesmente fazer, editar e publicar, sem passar por essa avaliação antes. Pode-se chamar pedagogos especialistas em educação infantil, para as séries finais do ensino fundamental, formados no Letras Libras, etc. Após essa discussão e avaliação poderia ser publicado. O que vai acontecer se não for feita uma avaliação prévia é o fato de que este material todo ficará guardado, sem uso, pois não corresponderá às expectativas nem às necessidades do público alvo. Se o material for analisado, revisado e for interessante, vai ter uma aceitação muito melhor.

Rapunzel: concordo com a Cinderela sobre a avaliação. Se o material estiver de acordo com as necessidades visuais dos surdos, a publicação deve ser feita. Caso contrário, não. Essa avaliação deve ser realizada por pessoas que já tem experiência com as diversas áreas do ensino, para que saibam identificar se está de acordo com o perfil do público a que se destina. Outro ponto que deve ser considerado é o nível linguístico do público alvo. Deve-se respeitar quando são crianças e fazer uma sinalização mais leve.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Rapunzel e Cinderela: nunca apresentei.

História: O PASSARINHO DIFERENTE

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Rapunzel: eu achei a história muito gostosa, mas extensa. Achei uma história extremamente criativa e doce. A sinalização também foi perfeita. Fiquei com a sensação de 'quero mais' quando terminou. Durante toda história eu fiquei imaginando: 'o que vai acontecer depois?'. A história prendeu-me a atenção. Acredito que pode ser apresentada para crianças a partir do 4º ano, contudo pode-se tentar apresentar para crianças do 3º ano. O espaço para a sinalização também ficou ótimo. Acredito que no fundo faltou um pouco de visual, mas quanto à sinalização, nada foi perdido. É extensa, mas prendeu a atenção pela sinalização.

Cinderela: A história não demonstra se os pássaros representam surdos ou ouvintes, ela exalta as diferenças, em geral. Mesmo assim, conseguimos entender perfeitamente a comparação que está sendo feita. Achei muito interessante por isso, pois não fala dos surdos, fala em geral. O passarinho do bico torto fala, é ouvinte, enquanto o passarinho do bico reto, não fala, é surdo. Mas isso não é mostrado durante a história. Apesar disso, se o surdo assiste, ele é capaz de entender perfeitamente a comparação que está sendo feita. Quando um surdo, seja professor ou aluno assistir, saberá que se trata da relação entre surdos e ouvintes, embora isso não seja mencionado na história. Ela mostra claramente a questão dos pais que querem que, ao nascer, seu filho seja igual, não importando se a família é de surdos ou de ouvintes. Mostra a realidade. Achei muito legal.

Rapunzel: Por exemplo, o bico torto significa os ouvintes que desprezam quem possui o bico reto. A questão do cortar o bico seria o implante coclear.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Rapunzel: Achei a sinalização perfeita. O vocabulário em Libras é bem rico. É extenso, mas perfeito. Com as expressões faciais conseguimos entender o contexto perfeitamente. Eu ainda não apresentei para os alunos, mas posso apresentar a partir do 4º ano. É muito claro. Extenso, mas claro.

Cinderela: na sinalização os movimentos são bem marcados, as expressões faciais, os classificadores, o ponto de locação, a configuração de mão, tudo o

que é necessário. As expressões faciais e corporais mostram claramente o contexto. Mesmo que eu não saiba o sinal, eu consigo entender claramente. O contexto é perfeito.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Rapunzel: o cenário está muito bom, adequado para alunos a partir do 4º ano. A sinalização está perfeita. Se fosse apresentar para crianças menores, seria necessário incluir imagens ao fundo, para que elas entendessem melhor o contexto. Para alunos do 4º ano em diante, não é necessário, pois são capazes de entender do jeito que está. Não tenho nenhum ponto negativo para apontar.

Cinderela: esta história tem em livro ou só em DVD? Ah, só DVD! Algumas histórias em DVD vem acompanhadas dos livros. Quando há essa possibilidade, podemos mostrar as imagens do livro como auxílio para entender o vídeo. As crianças gostam de manusear os livros.

Rapunzel: Nada impede que, após visualizar a história, proponha-se aos alunos que criem o livro com as imagens e discutam com os colegas sobre a história.

Cinderela: achei que o visual é bem claro, assim como a sinalização. O espaço da sinalização também está muito bom. Acredito que falta apenas apresentar mais imagens, pois tem muitas abstrações neste vídeo e as crianças pequenas não vão ser capazes de entender. As crianças das séries iniciais não conhecem o significado de muitos sinais e, por isso, fica difícil compreender alguns deles feitos nos vídeos.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Rapunzel: eu percebi que os passarinhos do bico torto são iguais ao grupo de ouvintes e os do bico reto, iguais aos surdos. A história retrata que os passarinhos do bico torto não aceitam os de bico reto e ficam buscando ajuda para solucionar este problema, o mesmo que acontece com a família ouvinte quando nasce um filho surdo. Eu me identifiquei com isso, com esse

preconceito que existe. É muito importante mostrar isso, a questão do corpo que possui um defeito, porém que precisamos ser respeitados, mesmo tendo defeitos.

Cinderela: eu me senti desafiada, pois nunca havia imaginado que isto estaria presente em uma história. Entre diversas literaturas, como a do Chapeuzinho vermelho, apresenta-se uma que é real, que de fato acontece entre surdos e ouvintes. A história mostra esta realidade, o que já aconteceu comigo. Por isso é uma marca. Mostra todo o sofrimento que os surdos passaram nos médicos, com as fonoaudiólogas, com essa influência e dominação ouvinte. Se me perguntarem se esta história é verdadeira, eu digo que sim, ela é verdadeira, pois aconteceu exatamente comigo, esta pressão, esta busca por uma solução. Esta história leva-nos a uma reflexão sobre a própria vida, por isso é tão importante. Se não apresentarmos nada disso para os alunos, eles não serão capazes de alcançar pensamentos que são gerados a partir deles, por isso é muito bom apresentar para que sirva de estímulo. Isso acontece da mesma maneira com os ouvintes quando lêem um livro e depois começam a fazer uma reflexão sobre o que leram, relacionando com sua própria vida. E os surdos? Acesso à leitura eles não têm, por isso, em Libras fica muito mais fácil para que eles abstraíam, reflitam, pensem. Por isso acho muito fundamental.

Rapunzel: Esta história diz respeito a surdos e ouvintes e também a gordos e magros, pessoas com cabelos lisos e crespos, qualquer relação na qual algum tipo de preconceito acontece. Não é uma história apenas de surdos e ouvintes, ela ultrapassa a barreira das diferenças. É como se fosse uma comparação com o que vemos no mundo atual. Muito importante divulgar e mostrar a questão do respeito às diferenças e do não incentivo ao preconceito.

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Rapunzel: Acredito que sim, que é muito importante a publicação e divulgação, pois auxilia na construção da autoestima e da moral, ajudando a perceber questões como, “quem eu sou” e “sou diferente das outras

peças”. Muitos sofrem preconceito e isso é uma excelente oportunidade de mostrar que acontece com muitas pessoas. Por isso é importante apresentar.

Cinderela: eu concordo que é importante apresentar nas escolas e em diversos locais para que as pessoas possam entender. Acredito que falte apenas mais recursos materiais e também uma avaliação de pessoas que conhecem a temática, pedagogos, como anteriormente havia comentado.

Rapunzel: Acho muito relevante divulgar sim, mas dependendo do nível. Não é apropriado para a educação infantil, pois para eles o entendimento é muito difícil. Acho que pode ser apresentado para o 4º ano em diante. Vai gerar uma boa discussão.

Cinderela: teria que analisar cada detalhe para definir qual o público a que se destina, se 4º ou 5º ano, crianças menores ou adultos. Acho que para adultos é bem apropriado, porém para crianças, nem tanto.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Rapunzel e Cinderela: Ainda não apresentei, pois falta-nos informação.

História: PETER PAN SURDO

A) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assististe?

Cinderela: Esta história possui diversos significados para os surdos. Achei a história muito legal. É uma adaptação muito diferente da original. É importante que os surdos tenham estas ideias, que criem, inventem, adaptem sua própria literatura. Isso mostra que os surdos podem criar e não apenas copiar, tendo ideias e produzindo. Eu acredito que esta história pode ser apresentada para todas as faixas etárias, mas faltam estratégias para a questão das imagens.

Rapunzel: Achei muito legal, mas extensa. Preocupo-me, também, com a questão dos cortes na sinalização, pois o espaço ficou muito restrito e a

filmagem muito próxima. Achei uma ótima adaptação de história criada por ouvintes. Muito legal.

B) Como tu analisas a sinalização feita?

Cinderela: achei a sinalização bem clara, mas muito extensa a história. Acredito que faltou uma caracterização maior para os personagens, com roupas, acessórios, e também mais detalhes no cenário. É apenas libras do início ao fim.

Rapunzel: eu acho que é muito extensa e com poucos materiais visuais, o que pode gerar um cansaço e sono. A sinalização está muito clara, mas precisava ser mais resumida. Os sinais são os utilizados aqui no RS. Acredito que precisava aumentar os recursos visuais para que ficasse mais atrativo para os surdos.

C) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?

Cinderela: Na minha avaliação é péssima, pois houve alguns enganos na sinalização e a questão do visual está ruim, até porque o cenário é verde e a roupa também é verde. Materiais visuais são inexistentes. Poderia ter sido utilizadas estratégias para uso de material visual, mas não foi feito. Os sinais de cada personagem foram feitos muito rapidamente. Acho que na questão técnica foi péssimo.

Rapunzel: achei que a sinalização foi muito próxima do sinalizador, o que reduziu muito o espaço deste, cortando muitos sinais. Precisaria ser mais afastada, pois o campo de sinalização seria muito maior. Também é muito extensa. É preciso evitar histórias tão longas, diminuir o tempo de vídeo.

Cinderela: achei que as expressões faciais são muito duras.

D) Percebes marcas surdas neste vídeo?

Cinderela: a maior marca que existe é a questão do movimento contra o implante coclear, por ser errado, mostrando que os surdos precisam evitar este tipo de prática. No entanto, isto é uma influência muito forte, porque, às

vezes, os pais aceitam. Porém, retorno na questão da avaliação por parte de pedagogos e pessoas que trabalham nas escolas, pois este assunto gera muita crise, embora acredite ser muito bom apresentar para os surdos. Não podemos esquecer que há a questão da família, se ela aceita ou não.

Rapunzel: para mim a temática desta história foi um choque, pois ela é muito pesada. É como se assistíssemos a uma história sobre quem é contra a Libras. Da mesma maneira, eles têm a cultura deles, que é a dos implantados. Na história, o Peter Pan apresenta outro mundo, o dos surdos sinalizadores e mostra-se contra o implante.

Cinderela: mas no caso de um aluno já ter o implante, como fazer para apresentar?

E) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?

Capítulo da análise falar sobre a diferença nas opiniões dos três lugares. (não entendi o que isso significa) A literatura tem essa característica: cada um vai entender e captar o que está sendo transmitido de acordo com a sua realidade. Dependendo do lugar, dos professores, dos alunos, cada um vai entender de um jeito ou vai perceber mais alguns fatos do que outros. Foi o que aconteceu quando apresentei estas histórias a públicos de três lugares diferentes: cada um percebeu nas histórias o que lhe era mais peculiar, de acordo com a realidade da sua escola, dos seus alunos e das suas próprias vivências.

G) Tu já utilizaste este vídeo com teus alunos? Como foi?

Cinderela e Rapunzel: Nunca apresentamos, pois nunca tivemos acesso.

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa:
Literatura surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

Essa pesquisa se justifica por que pretende analisar livros digitais em Língua de Sinais em circulação em nosso país e que atingem diferentes grupos sociais, desde escolas até lares e instituições variadas.

O objetivo desse projeto é analisar se os livros digitais em Língua de Sinais em circulação em nosso país representam claramente a literatura surda. Dentre os objetivos específicos pode-se destacar: - compilar dados e materiais que permitam uma reconstituição da história da literatura surda no Brasil nas últimas décadas; - identificar nos livros digitais em língua de sinais quais os elementos que expressam a cultura surda: língua de sinais, história dos surdos, expressão; - analisar como professores surdos em formação identificam esses elementos; e, - quais as estratégias utilizadas nesses vídeos - material visual – para o entendimento e clareza da mensagem.

Para a realização da pesquisa serão usados os seguintes procedimentos de coleta de dados:

- **apresentação de vídeos/dvds de literatura surda a um grupo de professores surdos em formação no curso Letras Libras – Pólo UFSM;**
- **aplicação de perguntas aos espectadores, logo após a apresentação dos vídeos/dvds;**
- **registro das respostas dos informantes através da utilização de filmadora (entrevistas serão em língua de sinais, necessitando de registro de imagens).**

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e

eventos, sempre resguardando o sigilo dos informantes. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos de apresentação de resultados da pesquisa. Para as publicações de divulgação ampla, as informações serão transcritas e as imagens não serão divulgadas.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O estudante/pesquisador **Fabiano Souto Rosa** e a professora orientadora Madalena Klein certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar o estudante/pesquisador Fabiano Souto Rosa no telefone (53) 9148 4055 ou a professora orientadora Madalena Klein no telefone (53) 9119 5448.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
------	---------------------------	------
